



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ

ANA CRISTINA NUNES GOMES MÜLLER
STEFANY BUENO MIGUEL

CONTOS E LENDAS: UM OLHAR PARA AS VARIEDADES DA LÍNGUA
RELATÓRIO FINAL

FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2011.

ANA CRISTINA NUNES GOMES MÜLLER
STEFANY BUENO MIGUEL

CONTOS E LENDAS: UM OLHAR PARA AS VARIEDADES DA LÍNGUA
RELATÓRIO FINAL

Relatório final apresentado à disciplina de Estágio
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I – MEN
7001, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Izabel
De Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2011.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	5
2	APROXIMAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	7
	2.1 A instituição escolar	7
	2.2 Os alunos e a professora da turma	9
	2.3 Aulas observadas	10
	2.3.1 Relato das aulas observadas segundo a estagiária Ana C. N. G. Muller	10
	2.3.2 Análise Ana Cristina Nunes Gomes Muller	12
	2.3.3 Relato das aulas segundo a estagiária Stefany Bueno Miguel	15
	2.3.4 Análise Stefany Bueno Miguel	18
	2.4 Atividades extraclasse	22
	2.4.1 Participação em formação continuada de professores	23
	2.4.2 Participação em conselhos de classe	23
3	O PROJETO DE DOCÊNCIA	24
	3.1 Introdução	24
	3.2 Escolha do tema	25
	3.3 Justificativa	26
	3.4 Referencial teórico	27
	3.5 Objetivos	32
	3.5.1 Objetivos gerais:	32
	3.5.2 Objetivos específicos:	32
	3.6 Conhecimentos trabalhados	32
	3.7 Metodologia	33
	3.8 Avaliação	33
4	EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA	34
	4.1 Quadro síntese das aulas	34
	4.2 Planos de aula e anexos	35
	4.3 Avaliação dos alunos durante a execução do projeto	108
	4.3.1 Avaliação dos textos	108
	4.3.2 Avaliação da participação	109
	4.3.3 Avaliação dos exercícios	110
	4.3.4 Notas finais	110
5	REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA:	112
	5.1 Descrição das aulas:	112
	5.2 Reflexão sobre a prática	115
6	PROJETOS EXTRA CLASSE	117
6.1	O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO – Minicurso	117
	6.1.1 Problematização	117
	6.1.2 Escolha do tema	118
	6.1.4 Referencial teórico	119
	6.1.5 Objetivo	120
	6.1.6 Conhecimentos trabalhados	120
	6.1.7 Metodologia	120
	6.1.8 Recursos necessários	121

6.1.10 Recursos bibliográficos	121
6.1.11 Relato dos minicursos realizados nos dias 08/11 e 19/11	121
6.1.12 Reflexão	122
6.1.13 Anexos	123
6.2 A LÍNGUA PORTUGUESA E O MUNDO DO TRABALHO – Minicurso.....	137
6.2.1 Introdução	137
6.2.2 Reflexões teóricas.....	138
6.2.3 A esfera do trabalho e os usos da linguagem	139
6.2.4 O currículo	140
6.2.5 A carta de apresentação	141
6.2.6 A entrevista de emprego	142
6.2.7 Objetivos:.....	143
6.2.7.1 Objetivo geral.....	143
6.2.7.2 Objetivos específicos.....	143
6.2.8 Conteúdo.....	143
6.2.9 Metodologia	144
6.2.10 Cronologia	144
6.2.11 Avaliação	145
6.2.12 Relato dos minicurso realizados nos dias 08/11 e 19/11	145
6.2.13 Reflexão.....	146
6.2.14 Anexos	147
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	151
8 ANEXOS.....	155
Anexo A - Plano de aula professora Karla	155
Anexo B - Termos de Compromisso de Estágio Obrigatório	157
Anexo C - Fichas de frequência.....	159
Anexo D - Convites para as oficinas	162
Anexo E - Apostila EJA.....	162

1 APRESENTAÇÃO

Neste relatório, será exposta e documentada a experiência de estágio realizada na disciplina de Estágio – Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, disciplina obrigatória ao final do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se do estágio que foi realizado em um colégio público municipal, o Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade, do município de São José, por duas graduandas da nona fase do curso, Ana Cristina Nunes Gomes Muller e Stefany Bueno Miguel.

É importante ressaltar que essa experiência de estágio de docência foi diferenciada da maneira como ocorria tradicionalmente – em que os estagiários apenas assistem e lecionam certo número de aulas –, por se tratar da segunda vez em que acontece dentro do “molde” de um novo currículo do nosso curso. A disciplina na qual o **estágio** insere-se sempre tinha, nos currículos anteriores ao nosso, 144 horas/aula, tendo mudado, agora, para 252 horas/aula, quase dobrando a carga horária. Tendo uma carga horária de aulas maior, pudemos, então, nos inserir em todas as atividades das quais participa um professor de português, dentro de uma instituição escolar. Participamos de diversas atividades no âmbito curricular, como formação de professores e conselhos de classe.

O estágio de observação, pelo qual passamos, teve por objetivo aproximar o acadêmico da realidade da educação básica, em nosso caso específico do Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade para pudéssemos conhecer a realidade desta instituição de ensino. A partir das análises e reflexões da experiência de observação, elaboramos um diagnóstico da realidade da escola e, com isso, efetuamos um plano de ação. A observação foi realizada na turma de 5ª série da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no período noturno, entre os dias 30/08/2011 a 13/09/2011, totalizando 10 horas-aula em sala de aula e 4 horas-aula em atividades extraclasse.

Neste relatório, apresentamos a sistematização das aulas observadas e analisadas, pois é fundamental antes da prática docente termos conhecimento sobre os

alunos, sobre a escola, o que eles estão aprendendo, o que eles já sabem, para que, a partir das respostas a estas indagações, pudéssemos elaborar um plano de ação para docência que levasse em consideração a realidade desses alunos.

Tendo observado os alunos e o ambiente escolar, traçamos um plano de ação, criamos o nosso projeto de docência intitulado Contos e Lendas – Um olhar para as variedades da língua. Nossos objetivos principais foram desenvolver o hábito da leitura e escrita dos gêneros discursivos Conto e Lenda e, a partir dessa prática, fazer com que os alunos reconhecesse e refletisse sobre as variedades da língua portuguesa. A execução do projeto ocorreu entre os dias 18 de outubro e 18 de novembro de 2011, totalizando 16 horas/aula.

Neste relatório sistematizamos toda a experiência de estágio: aproximação da instituição, observação, planejamento, docência na disciplina de língua portuguesa e em projetos extraclases.

2 APROXIMAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

2.1 A instituição escolar

Conforme consta no Projeto Político, a construção do CEMIA iniciou em 2001 e suas atividades começaram no dia 11 de março de 2002, sendo inaugurado no dia 22 de Março do mesmo ano. A escola fica localizada na Travessa Paulo Luckner, transversal à Rua Otto Júlio Malina, S/N – Bairro Ipiranga – São José – SC. As modalidades de ensino oferecidas para a comunidade são: Pré-escolar, Ensino Fundamental e EJA, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. Seu nome anterior era Centro Educacional Municipal Barreiros, para homenagear o bairro onde se localiza, e sua criação foi para atender as comunidades dos bairros: Barreiros, Bela Vista, Ipiranga, Dona Adélia, Jardim Florianópolis, Jardim das Acácias, Jardim Santiago e outras localidades. No dia 06 de junho de 2005 o Centro Educacional passou a denominar-se Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade, CEMIA, homenageando uma educadora, política e ilustre cidadã da cidade de São José. O fato se deu por causa da duplicidade de nomes em duas escolas que se situam no mesmo no bairro (PPP, 2010, p. 6 e 7).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, ocorreram mudanças entre os anos de 2002 a 2009, no que tange à organização do espaço físico, pois a sala de dança recebeu espelhos e barras, foi disponibilizada a sala para Atendimento Educacional Especializado, AEE, para atendimento aos estudantes com deficiências, sala para fanfarra, sala para a secretaria, acervo e móveis para a Biblioteca. Desde 2001, a escola usufrui do Ginásio Municipal de Esportes de Barreiros, construído pela Prefeitura Municipal de São José que fica no terreno de domínio do Governo do Estado de Santa Catarina tendo como parceira a escola estadual vizinha EEB Wanderley Júnior. Este espaço é destinado ao desenvolvimento de exercícios desportivos de ambas as escolas, em que de acordo com o agendamento são realizadas aulas de educação física e os demais esportes como, por exemplo, capoeira, futsal e jiu-jitsu, que pertencem ao “Projeto Esporte Escolar”, ofertados pela Secretaria Municipal de Educação. Neste mesmo ambiente são realizados os ensaios da fanfarra FACEMI, por meio do “Projeto Bandas e

Fanfarras” da Secretaria da Educação do Município. Em 2010 foi concluída a construção de uma quadra em um ambiente anexo à escola (PPP, 2010, p. 7).

A concepção de aprendizagem e desenvolvimento, assumida no PPP da escola, fundamenta-se na da Proposta Curricular do Município de São José, que se ancora nos estudos de Vygotsky sobre a teoria histórico-cultural, por considerar importante uma abordagem de ensino com destaque na compreensão da relação que se estabelece entre o sujeito e o conhecimento mediado por outro sujeito. Com base nessa perspectiva, o PPP da escola propõe a aprendizagem significativa dos conteúdos, como uma oportunidade para o educando analisar o mundo e tudo que está à sua volta. Portanto, é essencial que o conteúdo seja retirado da realidade para a aprendizagem, o que conduz os discentes e docentes ao caminho do autoconhecimento e desenvolvimento. Para organizar o ensino-aprendizagem da escola, o planejamento se realiza a partir de “Projetos de Trabalho”, cujo enfoque parte dos questionamentos e necessidades de cada grupo/ano/série, que decide quais temas devem ser trabalhados. Refletir sobre o ensino com este olhar exige uma maior reflexão sobre o processo de formação de conceitos e da função do professor como mediador do conhecimento (PPP, 2010, p. 13).

Ainda de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, a prática pedagógica do CEMIA procura ver com outro olhar os processos avaliativos, pois ela deseja que isto contribua na continuação do planejamento do professor, visando à superação dos desafios e do desenvolvimento dos alunos e jamais classificá-los como aptos ou não aptos. Luckesi, (Apud PPP, 2010, p. 16), afirma que: a “aferição da aprendizagem escolar é utilizada na quase totalidade das vezes para classificar os alunos em aprovados e reprovados e nas ocasiões onde se possibilita uma revisão dos conteúdos, em si não é para proceder a uma aprendizagem ainda não realizada ou ao aprofundamento de determinada aprendizagem, mas sim para melhorar a nota do aluno e, por isso, aprová-lo”. Assumir que os processos avaliativos devam ser vistos como um processo que será utilizado como instrumento de análise e reflexão, buscando a superação do processo de ensino-aprendizagem faz parte da proposta Curricular de São José (PPP, 2010, p. 16).

Todos os anos a escola organiza uma exposição cultural que é a apresentação de trabalhos efetuados pelos professores e alunos durante o ano letivo. Neste ano, a

socialização dos trabalhos foi concretizada nos dias 29 e 30 de setembro. A escola conta com 121 profissionais habilitados, entre efetivos e contratados em caráter temporário: professores, diretores, secretários, especialistas em assuntos educacionais, auxiliares de ensino, agentes de serviços gerais. Além disso, a escola contém: sala de vídeo, sala de informática, auditório, sala de dança, sala de professores, todos em bom estado de conservação. De acordo com o diretor Geraldo: havia aproximadamente 244 alunos matriculados na EJA (os dados são de agosto de 2011), a instituição atende a classe média baixa e também atende diversas comunidades possuindo um IBEB acima da média, os professores da escola são comprometidos com a educação, os alunos da EJA, período noturno, são pais dos alunos do período diurno na escola e cinco faltas consecutivas dos alunos seus pais são avisados.

2.2 Os alunos e a professora da turma

A turma observada foi a 5ª série do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos no período noturno. A quantidade de alunos que frequentam a turma é muito baixa, matriculados são 17, mas frequentam em torno de 8 alunos. A faixa etária é bem diversificada, tendo alunos adolescentes entre 15 a 20 anos e alunos mais velhos entre 40 a 50 anos. A relação aluno-aluno era boa, pois como a quantidade de alunos é pequena eles ficam mais próximos. Mas é notório que as pessoas mais velhas ficam mais próximas, assim como os adolescentes também, até por uma questão de afinidade mesmo. No geral, a turma é harmônica e todos se relacionam bem. A relação aluno-professor, na disciplina de língua portuguesa, é bem tranquila, eles demonstram gostar da professora e esse sentimento é recíproco. As atividades solicitadas foram feitas no decorrer das aulas em sala de aula, mostrando que os alunos possuem interesse em aprender e que há respeito pelo profissional que está em sala de aula. A professora é bem solícita, atende as dúvidas dos alunos prontamente, o que faz com que a relação do aluno-professor seja amistosa.

É importante destacar que a professora de Língua Portuguesa da turma, a exemplo de muitos professores no país, trabalha 40h/semanais em uma escola estadual no período matutino e vespertino e à noite ministra as aulas para os alunos da EJA. A referida professora é licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Santa

Catarina, possui 10 anos de tempo de magistério e na escola estadual é funcionária efetiva e na municipal é ACT.

2.3 Aulas observadas

2.3.1 Relato das aulas observadas segundo a estagiária Ana C. N. G. Muller

Dia 1: 30/08/11, terça-feira, três horas-aula (das 18h50min às 19h30min e das 21h às 22h20min).

Nesta primeira aula os alunos estavam reescrevendo um texto que tinha sido trabalhado na aula anterior ao início das observações. Tinha 8 alunos na sala, eles estavam concentrados relendo e refazendo o texto de acordo com as orientações da professora, que entregava o texto para cada aluno dando as coordenadas do que ele poderia melhorar na sua escrita. A professora nos disse que nas duas aulas anteriores o livro didático foi utilizado, que por sinal, no meu ponto e vista, é muito bom, para realização da leitura sobre parlendas, pegadinhas etc.

Após a rescrita, os alunos responderam algumas questões que estavam no livro sobre a leitura efetuada anteriormente. A docente falou que na aula anterior trabalhou sobre as memórias de infância deles, então estavam dando continuidade com as parlendas, adivinhas, pegadinhas que também são memórias de infância. Assim que entrei na sala percebi que havia mãe e filho naquele ambiente, então pensei que a aluna para não deixar o filho em casa o levava consigo, mas me enganei, ele também é aluno, mãe e filho estão na mesma turma.

Após as atividades do livro, leram a música *Caçador de mim* do Milton Nascimento, conversaram um pouco a respeito e as atividades referentes ao texto lido seriam efetuadas na próxima aula.

Dia 2: 06/09/11, terça-feira, três horas-aula (das 18h50min às 19h30min e das 21h às 22h20min).

Como os alunos tinham efetuado a leitura da música *Caçador de mim* de Milton Nascimento na aula do dia 30/08, eles começaram a responder as questões de interpretação do livro didático. É importante salientar que antes de responder as atividades, a professora conversou bastante sobre a temática da música com os alunos, o que eles entenderam, o que a música quer dizer, a significação de algumas palavras que podem ser entendidas de forma diferente dependendo do contexto etc. Uma prática que achei bem interessante entre os alunos e a professora é a abordagem que eles utilizam com ela, pois assim que respondem a uma questão perguntam para ela verificar se está certo. As dúvidas são sempre sanadas já que os alunos, individualmente, perguntam mesmo, sem se intimidarem.

A reescrita é uma técnica bastante utilizada nas aulas de português, se há uma atividade de produção de texto, interpretação, exercícios etc. em sala de aula, geralmente, a professora leva pra casa, analisa e na próxima aula entrega para eles informando os pontos que eles precisam melhorar. A professora é bem acessível e eles a procuram com bastante frequência para tirar dúvidas, trocar ideias etc.

Dia 3: 09/09/11, sexta-feira, duas horas-aula (das 19h30min às 20h10min e das 20h20min às 21h).

Nesta aula apenas quatro alunos em sala de aula. O conteúdo abordado foi as regras do uso do “ç e c” e do “z e s”. A atividade proposta foi que os alunos prestassem atenção, a partir do texto *Caçador de mim* de Milton Nascimento do livro didático, nas palavras que tinham as letras “ç e c” e “z e s” e prestassem atenção ao som que elas produziam. A abordagem foi bem interessante, pois a professora, após os alunos identificarem as palavras no texto, escreveu no quadro as palavras que tinham as letras da regra e pediu que eles pensassem porque determinada palavra era com ç e a outra com c, já que havia uma lógica de acordo com determinada regra gramatical, a mesma coisa aconteceu com as letras z e s.

Foi interessante perceber que os alunos interagiram bastante com a professora, pensaram a respeito das regras para que, por fim, o conteúdo proposto tivesse sido aprendido pelos alunos. A regra, que estava descrita no livro didático, é: usamos ç no meio de palavras quando depois dessa letra vierem as vogais A, O ou U, como, por exemplo, caçador, emoção. E usamos C no meio de palavras quando depois dessa letra estiverem as vogais E ou I como, por exemplo, face, aceitar.

Dia 4: 13/09/11, terça-feira, duas horas-aula (das 18h50min às 19h30min e das 21h às 21h40 min).

Dando continuidade na sequência do livro didático, os alunos leram, junto com a professora, um trecho do romance *A hora de estrela*, de Clarice Lispector. Após a leitura, os alunos interagiram com a professora sobre a temática da obra e, posteriormente, responderam às questões propostas. É notório que o ato de escrever e reescrever são práticas constantes nas aulas de Língua Portuguesa, o que possibilita que o aluno desenvolva ainda mais as modalidades de leitura e escrita. E o mais interessante é que eles, aparentemente, gostam desta prática já que não ouvi nenhuma reclamação a respeito.

Durante as 10 aulas que foram observadas, constatei que os conteúdos trabalhados pela professora em sala de aula foram interpretação de textos, leitura dos textos do livro didático para desenvolver a prática da leitura, produção de textos e alguns aspectos gramaticais. A metodologia utilizada pela professora foram aulas expositivas e dialogadas com bastante prática em produção de textos como, por exemplo, escrita e reescrita com os alunos e o material usado foi o livro didático, que por sinal foi utilizado em todas as aulas.

2.3.2 Análise Ana Cristina Nunes Gomes Muller

Sendo a escola responsável pela formação de seus alunos, ela deve estar aberta a propostas que não excluam as experiências de leitura das crianças, jovens e adultos que a ela têm acesso, mas que a partir delas a escola possa criar possibilidades para novas

descobertas e práticas prazerosas de ensino-aprendizagem. Nas aulas observadas, a experiência do aluno foi a todo o momento trazido para a sala de aula, pois isto é a ponte entre o conhecimento de mundo dos alunos e os novos conhecimentos que estão sendo aplicados em sala de aula. De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina para a Educação de Jovens e Adultos

Não é possível ignorar o fato de que, ao recebermos os alunos na EJA, a maioria já vivencia e interage no seu cotidiano com uma diversidade de portadores de textos e que, portanto, não será o professor a dar início ao processo de alfabetização do aluno. O que requer, em termos de encaminhamento metodológico, que ao receber estes alunos o professor busque quais são as possibilidades de leitura e escrita de que o indivíduo dispõe no seu ambiente social e aos quais tem acesso. (Proposta Curricular de Santa Catarina, p. 42)

Para se empreender práticas que levem em conta essa compreensão, torna-se necessário compreender como o professor trabalha com o texto na sala de aula para que seus alunos interajam, discutam, troquem ideias, experiências etc. Os alunos estão abertos ao conhecimento, ainda mais quando há pessoas interessadas em querer vê-los melhor em todos os sentidos, ou seja, ajudar a formar cidadãos críticos. E isto foi observado nas aulas, já que a docente interagiu com os alunos por meio de diálogo e os alunos sentiam-se inseridos no novo aprendizado seja através da sua interpretação do texto estudado ou de assunto pertinente do texto que o aluno já conhecia.

A educação é a base de todos os pilares de uma sociedade e trabalhar com práticas significativas de leitura e escrita é muito importante já que queremos formar uma sociedade mais justa e igualitária. Freire que, por seu um leitor assíduo, levava isso para sala de aula e trabalhava com aspectos que iam para além do que estava escrito no texto:

Dentro ainda do momento bastante rico de minha experiência como professor de língua portuguesa, me lembro, tão vivamente quanto se ela fosse de agora e não de um ontem bem remoto, das vezes em que demorava na análise de textos de Gilberto Freyre, de Lins do Rego, de Graciliano Ramos, de Jorge Amado. Textos que eu levava de casa e que ia lendo com os estudantes, sublinhando aspectos de sua sintaxe estreitamente ligados ao bom gosto de sua linguagem. Àquelas análises juntava comentários em torno de necessárias diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil. (FREIRE, 1989, p. 12).

É importante que os professores estejam atentos ao conhecimento de mundo que os alunos possuem e que levam de casa para a escola. E, a partir deste conhecimento, desenvolver práticas que instigue o aluno nesse processo. No meu ponto de vista, as aulas foram ministradas satisfatoriamente até porque a professora conhece os alunos a mais tempo do que nós estagiários e sabe até que ponto os alunos podem ir no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem. Foi notória, de acordo com os relatos das aulas observadas, a utilização do livro didático em todas as aulas. Primeiramente fiquei pensando sobre qual seria a qualidade desse livro para que os alunos trabalhassem somente com ele, além da escrita e reescrita de textos. A professora tinha nos dito que a qualidade do livro era boa. Mas, quando analisei esse material pude concordar com a docente já que é fundamentada em dois pilares conceituais: Letramento e Teoria dos Gêneros do Discurso. O estudo da linguagem na e pela escola deve promover a formação de leitores e produtores de textos, tanto orais como escritos, em que os alunos sejam capazes de se comunicarem nas diversas esferas sociais e distintas comunidades linguísticas.

O livro adotado pela escola possui como embasamento teórico as concepções de Magda Soares e Ângela Kleiman, em ambas as autoras encontramos a interface entre o letramento individual e o letramento social. Já as propostas de trabalho com o textos possuem como base teórica as concepções de Mikhail Bakhtin relacionadas aos gêneros do discurso, e de Dolz e Schneuwly para as bases das escolhas curriculares e a construção das sequências didáticas. Todos os autores citados acima e a concepção de linguagem que assumem é indicada são estudados no curso de licenciatura de Letras Português para a prática docente de acordo com a Universidade Federal de Santa Catarina.

O aluno da Educação de Jovens Adultos possui uma experiência de vida muito rica e diversificada, e o professor deve estar atento a isso em suas práticas em sala de aula. A análise que faço após as observações é que a escola e a professora que leciona para esta turma estão preocupados com isso, já que o conhecimento de mundo desses alunos é reconhecido e trabalhado na sala de aula. Além disso, a escola teve a felicidade e competência de escolher um material didático adequado e de qualidade para que o processo de ensino-aprendizagem desta modalidade de ensino tenha um bom aliado.

2.3.3 Relato das aulas segundo a estagiária Stefany Bueno Miguel

Dia 1: 30/08/11, terça-feira, três horas-aula (das 18h50min às 19h30min e das 21h às 22h20min).

A professora informa que os alunos continuariam a escrever uma redação sobre suas memórias, iniciado na aula anterior. O tema era livre, alguns escreveram sobre um incêndio, outro sobre uma festa. Tive acesso às redações, percebo bastante dificuldade no uso de regências e ortografia. Há apenas três alunos na sala, mas aos poucos os outros vão chegando. A professora vai atendendo os alunos com dificuldades individualmente. Noto que duas alunas estão conversando, ao invés de fazer o exercício pedido, enquanto a professora corrige outra redação das mesmas. Enquanto isso os outros alunos refazem seus textos. Há algumas dúvidas sobre o uso de travessão e do discurso direto, mas a professora vai trabalhando com os alunos individualmente. Durante as aulas os discentes de outras turmas conversam no corredor, o que tira a atenção dos alunos em sala. Na segunda aula, os alunos que chegaram atrasados não estão mais na aula. Professora continua atendendo os alunos pessoalmente. A docente pede que os alunos abram o livro da EJA na página 08. Ela chama a atenção de discentes que estavam conversando. O aluno Fernando (filho da aluna que não vem nas sextas) é convidado a ler um trecho do livro. O aluno lê com alguma dificuldade. A professora conversa com outra aluna enquanto Fernando lê, penso que ela deveria escutar o aluno, já que pediu para que o mesmo lesse. Depois da leitura, professora e alunos conversam sobre parlendas, adivinhas e trava-línguas. Os alunos fazem atividades do livro sobre esse assunto. O aluno Fernando traz seu caderno de desenho para que Karla dê uma olhada, por amizade. A docente o instiga a criar um personagem e uma história com seus desenhos. Na terceira aula, os alunos leem e fazem questões sobre a música “Caçador de mim” que está no livro didático. Os alunos Willian e Elder não estão prestando atenção na aula. Professora chama a atenção deles. Percebo que os alunos têm uma grande dificuldade em interpretar as questões do livro, estão sempre perguntando à professora o que fazer. O aluno Fernando está agitado, caminhando na sala, e uma das alunas comenta que ele “não era assim”. Depois que os alunos fazem o exercício, a professora inicia uma discussão sobre a palavra “caçador”.

Todas as aulas se baseiam no livro didático e toda atividade do livro é entregue para a professora.

Dia 2: 06/09/11, terça-feira, três horas-aula (das 18h50min às 19h30min e das 21h às 22h20min).

Na sexta-feira anterior (02/09/2011) não houve aula, pois a professora teve um problema pessoal. No início da aula, havia apenas quatro alunos na sala. Professora pergunta se os alunos terminaram aquela reescritura do texto, alguns disseram que já tinham entregado a professora. Alunos continuam a trabalhar na página 08 do livro que fala sobre lembranças e memória. Professora relembra os alunos sobre as atividades das últimas aulas. Enquanto os alunos continuam as atividades, leio a redação da aluna mais velha da turma (+- 60 anos), noto que há uma dificuldade com relação à estrutura de texto, pontuação e ortografia, mas ela escreve razoavelmente bem. Nas aulas assistidas até agora senti falta de uma explicação da professora sobre as atividades que serão realizadas durante o dia, uma introdução. Algo do tipo “Boa noite, hoje retomaremos as atividades da página tal.” Às 19h10min o aluno Willian chega atrasado e pergunta à professora o que deve ser feito. Karla diz que ele deve fazer as atividades do livro. Uma das alunas conversa com a professora sobre o comportamento humano referente à palavra caçador, um dos assuntos do livro. Os alunos continuam com dúvidas, não conseguem interpretar as questões do livro. Para mim, o texto (Caçador de mim) é difícil mesmo de entender, é muito subjetivo. Há frases como “Fugir das armadilhas da mata escura”. Interpretar frases como esta requer habilidades de abstração e envolve questões muito subjetivas. Na página 10 do livro, os alunos trabalham com noções de passado e futuro. Às 19h25min outra aluna (Camila) chega. Esta aluna está bem atrasada nas atividades. Na segunda aula, há quatro alunos na sala. Neste dia há poucos alunos na escola. Professora cobra aquela redação da aluna Juliana (sobre memórias). Alunos continuam atividades da página 10 do livro (continuação das atividades da página 08). A docente encaminha as atividades para alunas Juliana e Camila que durante esta aula não paravam de conversar e estavam atrasadas nas atividades. Na terceira aula, a professora retoma os exercícios, respondendo algumas questões.

Dia 3: 09/09/11, sexta-feira, duas horas-aula (das 19h30min às 20h10min e das 20h20min às 21h).

Nesta aula a docente explica as regras de uso do ç, c e s. Eu e a Ana tentamos ajudar. Depois de muitas tentativas, os alunos entendem as regras de ortografia. Os exercícios do livro sobre este assunto foram feitos em conjunto e entregues à professora. Na segunda aula, a professora trabalha com as regras de uso do s e z e pede para que os alunos façam os exercícios do livro sobre o tema. Enquanto os alunos escrevem, a professora corrige trabalhos de outras turmas.

Dia 4: 13/09/11, terça-feira, duas horas-aula (das 18h50min às 19h30min e das 21h às 21h40 min).

A professora começa a trabalhar a leitura de alguns trechos da obra “A hora da Estrela”, assunto do livro didático, como uma conversa informal. Depois os alunos fazem os exercícios de interpretação (livro didático) referentes à obra.

Pelo que pude notar, os conteúdos trabalhados nestas 10 aulas na parte de Leitura, Interpretação e Redação foram: noções de passado e futuro; informações explícitas e implícitas; estrofe e parágrafo; estrutura da narrativa, elementos da narrativa e os gêneros textuais poema e música. Na parte de Gramática, a professora trabalhou com acentuação gráfica; pontuação; e o uso s/c/ç/z (final). Observamos estes conteúdos implícitos no trabalho na professora, nada é informado diretamente. A professora não diz o que vai ser trabalhado no dia, apenas pede que os alunos façam as atividades.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: aulas expositivas; textos e interpretações (análise, estudo e diálogo com os textos); leitura de textos de diversos gêneros e produção de textos (sempre com reescritura).

Quanto aos materiais didáticos, a professora utilizou somente o livro didático do 6º ano da EJA. O que torna a aula, a meu ver, um pouco monótona, mesmo o material sendo de qualidade. Percebi que não houve uma evolução de assuntos. A professora ficou várias

aulas num mesmo exercício. Além disso, não notei um planejamento das aulas. Várias vezes a docente perguntou aos alunos o que havia sido feito na aula anterior.

2.3.4 Análise Stefany Bueno Miguel

Pretendo aqui estabelecer uma relação entre a teoria que vimos na universidade e a prática das salas de aula. Tivemos contato com o planejamento geral da professora, no qual os principais objetivos são:

- Utilizar as diferentes linguagens (verbal e não-verbal) para produzir, expressar e usufruir às produções culturais, em contextos variados, atendendo a diferentes intenções de comunicação;
- Mostrar e oferecer oportunidades para escrever, ler e falar fluentemente a língua prática, dominando com certa segurança o sistema linguístico, bem como a norma culta da língua portuguesa, tornando a comunicação pessoal mais abrangente e dinâmica;
- Estimular o ouvir como forma de prestar mais atenção ao falar e possibilitar ao educando o acesso à variedade padrão da língua a fim de que possa se expressar com mais segurança;
- Possibilitar ao aluno: ler com fluência (boa dicção e entonação), exercitar a pontuação, identificar e utilizar os variados termos das classes de palavras, grafar corretamente as letras e fonemas e saber usar o dicionário;
- Fazer com que o aluno não construa sua identidade, mas perceba esta e seja capaz de formular e reformular valores e conceitos em uma constante transformação em busca de um crescimento intelectual e pessoal através de questionamentos, leituras, interpretações de textos, debates, contando ainda com a interdisciplinaridade. (Planejamento EJA Professora Karla P. Pereira, em anexo)

Acredito que vimos uma parcela muito pequena do contexto escolar para dizer se a docente atinge ou não seus objetivos durante as aulas. O que percebemos é que os alunos têm muita dificuldade em interpretar as questões do livro, em escrever “corretamente” (a própria Karla se queixou conosco). Acredito que as causas destes problemas estão em diversos fatores, desde a pouca frequência dos alunos até a falta de motivação, de alunos e professores. Como já foi dito, não percebi um planejamento das aulas, o que a meu ver é de extrema importância para a qualidade das aulas. Não é somente o planejamento que garante a qualidade, mas é preciso planejar as aulas para que os alunos sintam o comprometimento do professor.

Pelo que pude notar, a prática de ensino de língua portuguesa nessa turma fundamenta-se em uma concepção de linguagem como forma ou processo de interação.

Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. Noto também que a concepção assumida se baseia num tipo de ensino de língua produtiva que objetiva ensinar novas habilidades linguísticas. O professor/ a escola, nessa concepção, quer ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna da maneira mais eficiente. Não quer

alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas” (Halliday McIntosh e Strevens, 1974: 276)

Essa concepção também é defendida pelos autores do livro didático “Educação de Jovens e Adultos – 6º ano – Coleção: Tempo de Aprender”, que, aliás, considero um material muito bom, pois se baseia na teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin, que pode e deve ser utilizado nas aulas. Contudo, não podemos nos limitar a usar apenas um recurso didático, o que infelizmente observamos nas aulas assistidas.

As aulas da professora e o material didático estão baseados na teoria dos *gêneros do discurso* do círculo de Bakhtin. (BAKHTIN, 1997, 2003). Isso porque a língua e a linguagem, nessa concepção, são constituídas no processo social de interação verbal e, portanto, estão social e historicamente situadas. Assim, as aulas se baseiam também nos documentos oficiais que norteiam a educação em nosso país e estados hoje: os Parâmetros Curriculares Nacionais (2005), a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) e também a Proposta Curricular do município de São José.

Devemos aqui explicar um pouco acerca dos postulados teóricos bakhtinianos, já que eles fundamentam o ensino da língua materna. Mikhail Bakhtin foi um filósofo da linguagem que influenciou muito o pensamento ocidental no campo dos estudos da linguagem, especialmente no final do século XX e nesse início do século XXI. Para ele,

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais [...] (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1997 [1929], p.108)

Na concepção do círculo, cada ser humano é único e ocupa um lugar na existência, por isso ninguém tem como escapar de sua responsabilidade existencial: temos o dever de responder. O sujeito de Bakhtin é responsivo ativo (o ouvinte torna-se falante, pois sua compreensão (ativa) é sempre de natureza responsiva – uma resposta ao já-dito), ele é situado histórico e socialmente, pois ninguém vive isolado. Contudo, cada ser é efeito da alteridade: o outro constitui o *eu*. Por essa razão, Bakhtin diz que viver é responder, é assumir uma posição frente a valores. “Viver é participar do diálogo inconcluso que constitui a vida humana. Como as aulas de língua portuguesa estão baseadas na teoria de Bakhtin, pude perceber que os alunos são parte integrante da aula, são responsivos – ativos, pois a docente preza pelo envolvimento de seus alunos.

A dialogia é, portanto, fundante do nosso ser no mundo e da nossa própria consciência.” (FARACO, 2007. Pág. 44). Viver é viver no universo das palavras do outro, reagindo a elas; é na relação do eu com o outro que o eu se constitui a partir do outro.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 127.).

O conceito de diálogo (dialogismo) é, segundo FARACO (2007), o simpósio universal que define o existir humano. Não é aquilo que se define como uma interação face a face e nem uma forma composicional do texto. Para Bakhtin, a linguagem é sócio histórica, dialógica e ideológica. Sócio histórica, porque os sujeitos são constituídos social e historicamente. Dialógica, pois a alteridade constitui a subjetividade. Qualquer expressão, qualquer individualidade criativa são determinadas socialmente, bem como orientadas para o outro. E ideológica, pois não existe discurso neutro. Bakhtin utiliza um

conceito de ideologia bastante amplo. Ideologia, para ele, além de designar as manifestações culturais em geral, diz do que é relativo a índices de valor que se confrontam, determinados pelos conflitos de interesses sociais. Nesse sentido, para ele, todo signo é ideológico, pois está sujeito a critérios de avaliação (se é verdadeiro ou falso, correto ou incorreto, justificado ou não, bom ou ruim etc.).

[...] a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 125-126).

Todavia, o que mais interessa a Bakhtin é a dialogização: as vozes sociais vivem em múltiplos contatos o que constitui uma imensa teia dialógica, a que Bakhtin dá o nome de *heteroglossia dialogizada*. Nesta teia, as vozes sociais se interpenetram, se apoiam mutuamente, entram em conflito, se contradizem, se rejeitam. É esse embate dialógico que dá vida a língua enquanto realidade social vivida. É importante considerar aqui as vozes dos sujeitos das aulas de português, os alunos. Estes são parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

As vozes sociais são conceituadas como complexos verbo-axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo em que o refletem, o refratam. Nossa cognição é necessariamente historicizada e semiótica. Assim, nós nunca podemos alcançar uma relação direta e pura (não-mediada) com o mundo; ele sempre é apropriado de forma refratada, isto é, no interior de horizontes sociais de valores (FARACO, 2007. Pág. 47).

De acordo com Bakhtin, “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e, assim, esses usos são tão variados quanto esses campos. “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (BAKHTIN, 2003, p.261). Cada um desses enunciados particulares é individual, mas “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (p.262) (grifos do autor).

Segundo o teórico, os gêneros não são estáveis, sempre estão crescendo e se diferenciando, são heterogêneos. O filósofo diferencia esses gêneros discursivos em dois

grandes grupos: os primários e os secundários. Os primeiros caracterizam-se por serem mais simples e os segundos por serem mais complexos e surgirem em condições “de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado”, que “incorporam e reelaboram os diversos gêneros primários” (BAKHTIN, 2003, p.262)

Cada enunciado realizado a partir da linguagem “acontece” de maneira relativamente estável. Se for assim, cada enunciação tem certas características em comum com enunciações que acontecem em contextos semelhantes, por exemplo. Assim, cada “tipo” de enunciado que acontece pode ser “classificado” num gênero discursivo, tendo características formais e em relação à situação sociointeracional na qual se instaura, e, logo, não parece fazer sentido o estudo de língua materna abstraído-se todo esse universo de significações que cada gênero traz consigo. Assim, estudar a “língua pela língua”, apenas estruturalmente e não nas suas diversas possibilidades concretas não parece fazer sentido.

Mesmo Bakhtin sendo um filósofo e não um cientista, como já nos alerta FARACO (2007), o pensamento bakhtiniano, do Círculo de Bakhtin, trouxe grandes contribuições para o estudo da linguagem e para a educação. A meu ver, e de muitos outros teóricos da educação, Bakhtin proporcionou, indiretamente, uma mudança no ensino, apesar de tardia. A concepção de língua como objeto social fez com que o ensino de língua materna fosse ancorado em usos sociais da linguagem (o que ainda está em transição nas escolas brasileiras). Um exemplo disso são os parâmetros curriculares nacionais que têm uma forte influência dos estudos bakhtinianos, principalmente ao tratar dos *gêneros do discurso*, e também as práticas escolares as quais tivemos contato, essas estão num processo de transição, ainda restam dúvidas se todos os pressupostos da teoria de Bakhtin são aplicados na prática.

2.4 Atividades extraclasse

A disciplina de estágio prevê que os alunos não realizem apenas a observação e docência, mas sim se envolvam com todas as atividades que são de responsabilidade de um professor. A seguir relataremos as atividades das quais participamos.

2.4.1 Participação em formação continuada de professores

Dia 25/08: Apenas observamos, e nos habituamos ao espaço, neste dia, o palestrante falava sobre a EJA e sobre encontros anteriores dos quais não havíamos participado. Vale destacar que ficamos um tanto incomodadas com as atitudes de alguns professores que estavam assistindo a palestra. Alguns cochichavam, liam, mexiam no celular ou corrigiam provas. Pensamos que a formação de professores é um espaço exclusivo para refletir sobre a prática. Depois da palestra, os participantes se dividiram em grupos, mas os estagiários não participaram deste momento.

Dia 27/09: Neste dia, o palestrante apresentou os trabalhos do último encontro (como montar um currículo de aula) e também as teorias da educação: Tecnicista, Projetos, Tema Gerador, Temas Culturais e Complexo Temático. Os participantes foram divididos por área e deveriam definir e qual concepção o currículo elaborado anteriormente se encaixava, ficamos na área da Linguagem, mas mesmo depois de várias discussões, não chegamos a um consenso.

2.4.2 Participação em conselhos de classe

Dia 10/10: Os professores juntamente com a coordenação ficaram avaliando os alunos por participação, frequência e trabalhos entregues. As atividades foram feitas turma a turma com a coordenação perguntando aos professores quantas faltas o aluno x tinha e como era o seu comportamento em sala. Os professores faziam uma comparação de como os alunos eram em todas as disciplinas. Pudemos observar que realmente há muita evasão escolar.

3 O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1 Introdução

No período de observação em sala de aula na turma da 5ª série da Educação de Jovens e Adultos – EJA, percebemos que os alunos têm muita dificuldade em interpretar as questões do livro didático, em escrever na forma padrão da língua. Acreditamos que as causas desses problemas se devem a inúmeros fatores, desde a pouca frequência dos alunos às aulas até a falta de motivação, de alunos e docentes. E, para que eles se sentissem motivados, optamos por trabalhar com contos e lendas, pois queríamos que eles expressassem em sala de aula a vivência de mundo que eles possuem e, com isso, que eles contribuíssem para o próprio processo ensino-aprendizagem.

Nossa proposta fundamentou-se no que está previsto no PPP da escola que, por sua vez, fundamenta-se na Proposta Curricular do município. A concepção de aprendizagem e desenvolvimento, assumida no PPP da escola, fundamenta-se na da Proposta Curricular do Município de São José, que se ancora nos estudos de Vygotsky sobre a teoria histórico-cultural, por considerar importante uma abordagem de ensino com destaque na compreensão da relação que se estabelece entre o sujeito e o conhecimento mediado por outro sujeito. Com base nessa perspectiva, o PPP da escola propõe a aprendizagem significativa dos conteúdos, como uma oportunidade para o educando analisar o mundo e tudo que está à sua volta. Portanto, é essencial que o conteúdo seja retirado da realidade para a aprendizagem, o que conduz os discentes e docentes ao caminho do autoconhecimento e desenvolvimento. Para organizar o ensino-aprendizagem da escola, o planejamento se realiza a partir de “Projetos de Trabalho”, cujo enfoque parte dos questionamentos e necessidades de cada grupo/ano/série, que decide quais temas devem ser trabalhados. Refletir sobre o ensino com este olhar exige uma maior reflexão sobre o processo de formação de conceitos e da função do professor como mediador do conhecimento (PPP, 2010, p. 13).

A partir do trabalho com os gêneros discursivos conto e lenda, trabalhamos com as variedades linguísticas dos próprios textos para que os alunos conhecessem um pouco mais e pudessem refletir sobre esse fenômeno e que consigam, futuramente com o

desenvolvimento das aulas, usar a língua de acordo com cada situação de interação, fazendo as escolhas necessárias entre o registro formal ou informal.

De acordo com a problemática exposta, o intuito foi trabalhar com leitura fruição de contos e lendas, interpretação de textos desses gêneros, a produção textual e a reescritura do texto. As variedades linguísticas que se manifestam nesses gêneros se constituíram em objeto de estudo e, com isso, foi levado para a sala de aula as experiências de vida que esses alunos possuem para que, conseqüentemente, o aprendizado fosse satisfatório.

3.2 Escolha do tema

A escolha do tema ocorreu após a observação em sala de aula, dos alunos, do trabalho desenvolvido pela professora e da comunidade escolar. Uma prática muito presente nas aulas de Língua Portuguesa desta turma é a produção e interpretação de textos com base no livro didático disponibilizado pela escola. Analisamos o livro e percebemos que o autor se fundamenta nas concepções de alfabetização e letramento tendo como autoras de referência Magda Soares e Ângela Kleiman, em ambas encontramos em interface o letramento individual e o letramento social. Além dessas autoras, fundamentam esse livro as concepções de Mikhail Bakhtin relacionadas aos gêneros do discurso, e de Dolz e Schneuwly para das escolhas curriculares e a construção das sequências didáticas. Como um dos objetivos do estágio é dar continuidade ao trabalho que já está sendo desenvolvido pela escola e pela docente, optamos por trabalhar com base na teoria dos gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin, pois este referencial teórico já é utilizado para o processo de ensino-aprendizagem da escola, e esperamos que os alunos se interessem em aprender, pois nossa proposta é baseada na experiência de vida deles.

3.3 Justificativa

A educação de jovens e adultos é destinada a alunos que por algum motivo não concluíram o ensino fundamental e médio no ensino regular, e sabemos que são inúmeros os fatores que fizeram com que esses alunos desistissem da escola em idade apropriada ou que a ela não tiveram acesso, seja por condições econômicas ou por não conseguirem acompanhar o aprendizado em sala de aula. De acordo com Magda Soares (2002), a escola é contra os alunos e não para os alunos, pois há um distanciamento entre a linguagem das camadas populares, ou seja, dos alunos e a linguagem da classe dominante, que a escola se propõe a ensinar. A escola é contra os alunos, pois não considera a variedade linguística desse aluno e, conseqüentemente, cria estereótipos, na grande maioria das vezes. Os alunos que frequentam a EJA voltam para a escola com novas perspectivas, esperanças, pois, geralmente, acreditam serem eles os incompetentes que não conseguiram aprender e não a escola que não conseguiu ensinar. No entanto, a escola tem grande parcela de responsabilidade nesse processo já que exige o domínio de uma norma, desconhecida no cotidiano desses alunos, que não ensina, só cobra.

A turma na qual ministramos as aulas de Língua Portuguesa foi a 5ª série do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos do período noturno do Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade. A turma possui oito alunos que frequentam as aulas regularmente e a faixa etária é bem diversificada, tendo alunos adolescentes entre 15 a 20 anos e alunos mais velhos entre 40 a 50 anos. Nossa prática docente levou em consideração todos os pontos que já foram expostos.

Conhecendo um pouco da realidade desses alunos, entendemos que os contos e as lendas nos possibilitariam trabalhar com os aspectos discursivos, textuais e linguísticos necessários ao êxito da aprendizagem de Língua portuguesa pelos alunos, mais especificamente em relação ao domínio da variedade padrão da língua pela relação que poderão estabelecer com a variedade linguística de sua comunidade. Não se deve recriminar o conhecimento e a vivência do aluno, mas sim a partir disso

desenvolver/promover práticas que o ajude a se apropriar de novos conhecimentos, e, conseqüentemente, acabar com o fracasso e evasão escolar.

Assumir que os processos avaliativos devam ser vistos como um processo que será utilizado como instrumento de análise e reflexão, buscando a superação do processo de ensino-aprendizagem faz parte da proposta Curricular de São José (PPP, 2010, p. 16) e foi esse o propósito do nosso projeto: promover o ensino da leitura e da escrita com base em gêneros discursivos que estabeleçam uma conexão com a realidade desses alunos, de modo a que eles sintam-se inseridos na aprendizagem. Nas aulas observadas, constatamos que os conteúdos trabalhados foram leitura, interpretação de textos, produção de textos e alguns aspectos gramaticais. Como a prática da leitura e escrita são constantes em sala de aula, optamos por continuar com essa prática de forma que os textos selecionados fossem de interesse desses alunos e que também estivessem presentes na realidade deles, por isso escolhemos os gêneros discursivos conto e lenda.

3.4 Referencial teórico

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina para a Educação de Jovens e Adultos:

Não é possível ignorar o fato de que, ao recebermos os alunos na EJA, a maioria já vivencia e interage no seu cotidiano com uma diversidade de portadores de textos e que, portanto, não será o professor a dar início ao processo de alfabetização do aluno. O que requer, em termos de encaminhamento metodológico, que ao receber estes alunos o professor busque quais são as possibilidades de leitura e escrita de que o indivíduo dispõe no seu ambiente social e aos quais tem acesso. (Proposta Curricular de Santa Catarina, 1997 p. 42)

Para se empreender práticas que levem em conta essa compreensão, torna-se necessário compreender como o professor trabalha com o texto na sala de aula para que seus alunos interajam, discutam, troquem ideias, experiências etc. Os alunos estão abertos ao conhecimento, ainda mais quando há pessoas interessadas em querer vê-los melhor em todos os sentidos, ou seja, ajudar a formar cidadãos críticos. Freire, por ser um leitor assíduo, levava isso para sala de aula e trabalhava com aspectos que iam para além do que estava escrito no texto:

Dentro ainda do momento bastante rico de minha experiência como professor de língua portuguesa, me lembro, tão vivamente quanto se ela fosse de agora e não de um ontem bem remoto, das vezes em que demorava na análise de textos de Gilberto Freyre, de Lins do Rego, de Graciliano Ramos, de Jorge Amado. Textos que eu levava de casa e que ia lendo com os estudantes, sublinhando aspectos de sua sintaxe estreitamente ligados ao bom gosto de sua linguagem. Àquelas análises juntava comentários em torno de necessárias diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil. (FREIRE, 1989, p. 12).

É importante que os professores estejam atentos ao conhecimento de mundo que os alunos possuem e que levam de casa para a escola. E, a partir deste conhecimento, desenvolver práticas que instiguem os alunos a participarem desse processo. O projeto foi baseado na concepção de linguagem como forma ou processo de interação. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico determinado. Essa concepção fundamenta o que se define na literatura como ensino de língua produtivo, que objetiva ensinar novas habilidades linguísticas aos alunos. O professor / a escola, nessa concepção de ensino, quer ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna da maneira mais eficiente. Não quer

alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas (HALLIDAY MELINTOSH E STREVENSON (1974: 276)).

Essa concepção também é defendida pelos autores do livro didático “Educação de Jovens e Adultos – 6º ano – Coleção: Tempo de Aprender”, material que também utilizamos para a elaboração das aulas. A teoria dos gêneros do discurso do círculo de Bakhtin (1997, 2003), é outra vertente que fundamenta este projeto. Nesta perspectiva, a língua e a linguagem são constituídas no processo social de interação verbal e, portanto, são social e historicamente situadas. As aulas foram planejadas e desenvolvidas com base também nos documentos oficiais que norteiam a educação em nosso país, estado e

município de São José: os Parâmetros Curriculares Nacionais (2005), a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) e a Proposta Curricular de São José.

Explanaremos um pouco acerca dos postulados teóricos bakhtinianos, já que eles fundamentam o ensino da língua materna que concretizamos ao longo da operacionalização deste projeto. Mikhail Bakhtin foi um filósofo da linguagem que influenciou muito o pensamento ocidental no campo dos estudos da linguagem, especialmente no final do século XX e nesse início do século XXI. Para ele:

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais [...] (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1997 [1929], p.108)

Na concepção do círculo¹, cada ser humano é único e ocupa um lugar na existência, por isso ninguém tem como escapar de sua responsabilidade existencial: temos o dever de responder. O sujeito de Bakhtin é responsivo ativo (o ouvinte torna-se falante, pois sua compreensão (ativa) é sempre de natureza responsiva – uma resposta ao já-dito), ele é situado histórica e socialmente, pois ninguém vive isolado. Contudo, cada ser é efeito da alteridade: o outro constitui o *eu*. Por essa razão, Bakhtin diz que viver é responder, é assumir uma posição frente a valores. “Viver é participar do diálogo inconcluso que constitui a vida humana. A dialogia é, portanto, fundante do nosso ser no mundo e da nossa própria consciência.” (FARACO, 2007. Pág. 44). Viver é viver no universo das palavras do outro, reagindo a elas; é na relação do eu com o outro que o eu se constitui a partir do outro.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 127.).

¹ Segundo RODRIGUES (2005), Círculo de Bakhtin é o nome atribuído ao grupo de estudiosos que se reunia entre 1919 e 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Volochinov e Medvedev.

O conceito de diálogo (dialogismo) é, segundo FARACO (2007), o simpósio universal que define o existir humano. Não é aquilo que se define como uma interação face a face e nem uma forma composicional do texto. Para Bakhtin, a linguagem é sócio histórica, dialógica e ideológica. Sócio histórica, porque os sujeitos são materializados social e historicamente. Dialógica, pois a alteridade constitui a subjetividade. Qualquer expressão, qualquer individualidade criativa são determinadas socialmente, bem como orientadas para o outro. E ideológica, pois não existe discurso neutro. Bakhtin utiliza um conceito de ideologia bastante amplo. Ideologia, para ele, além de designar as manifestações culturais em geral, diz do que é relativo a índices de valor que se confrontam, determinados pelos conflitos de interesses sociais. Nesse sentido, para ele, todo signo é ideológico, pois está sujeito a critérios de avaliação (se é verdadeiro ou falso, correto ou incorreto, justificado ou não, bom ou ruim etc.).

[...] a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 125-126).

O que mais interessa a Bakhtin é a dialogização: as vozes sociais vivem em múltiplos contatos, o que constitui uma imensa teia dialógica, a que Bakhtin dá o nome de *heteroglossia dialogizada*. Nesta teia, as vozes sociais se interpenetram, se apoiam mutuamente, entram em conflito, se contradizem, se rejeitam. É esse embate dialógico que dá vida à língua como realidade social vivida.

As vozes sociais são conceituadas como complexos verbo-axiológicos cuja existência decorre do fato inescapável de que as nossas relações com o mundo ao mesmo tempo em que o refletem, o refratam. Nossa cognição é necessariamente historicizada e semiótica. Assim, nós nunca podemos alcançar uma relação direta e pura (não-mediada) com o mundo; ele sempre é apropriado de forma refratada, isto é, no interior de horizontes sociais de valores (FARACO, 2007. Pág. 47).

De acordo com Bakhtin, todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e, assim, esses usos são tão variados quanto esses campos. “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (BAKHTIN, 2003, p.261). Cada um desses enunciados particulares é individual, mas “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (p.262) (grifos do autor).

Segundo o teórico, os gêneros não são estáveis, sempre estão crescendo e se diferenciando, são heterogêneos. O filósofo diferencia esses gêneros discursivos em dois grandes grupos: os primários e os secundários. Os primeiros caracterizam-se por serem mais simples e os segundos por serem mais complexos e surgirem em condições “de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado”, que “incorporam e reelaboram os diversos gêneros primários” (BAKHTIN, 2003, p.262). Cada enunciado realizado a partir da linguagem “acontece” de maneira relativamente estável. Se for assim, cada enunciação tem certas características em comum com enunciações que acontecem em contextos semelhantes, por exemplo. Assim, cada “tipo” de enunciado que acontece pode ser “classificado” num gênero discursivo, tendo características formais e em relação à situação sociointeracional na qual se instaura, e, logo, não parece fazer sentido o estudo de língua materna abstraído-se todo esse universo de significações que cada gênero traz consigo. Assim, estudar a “língua pela língua”, apenas estruturalmente e não nas suas diversas possibilidades concretas não parece fazer sentido.

Mesmo Bakhtin sendo um filósofo e não um cientista, como já nos alerta FARACO (2007), o pensamento bakhtiniano, e do seu Círculo, trouxe grandes contribuições para o estudo da linguagem. A nosso ver, e de muitos outros teóricos da educação, Bakhtin proporcionou, indiretamente, uma mudança no ensino, apesar de tardia.

A concepção de língua como objeto social fez com que o ensino de língua materna fosse ancorado em usos sociais da linguagem como, por exemplo, as práticas de fala/escuta, leitura/escrita e análise linguística e a constituição do texto como objeto de ensino (o que ainda está em transição nas escolas brasileiras). Um exemplo disso são os parâmetros curriculares nacionais que têm uma forte influência dos estudos bakhtinianos, principalmente ao tratar dos *gêneros do discurso*.

3.5 Objetivos

3.5.1 Objetivos gerais:

- Desenvolver o hábito da leitura e escrita dos gêneros discursivos Conto e Lenda e;
- Reconhecer e refletir as variedades da língua portuguesa, com base na prática de leitura e escrita de contos e lendas.

3.5.2 Objetivos específicos:

- Reconhecer a função social de contos e lendas pela leitura-fruição de diferentes textos desses gêneros;
- Socializar histórias (Conto, Lenda e outros) trazidas pelos alunos;
- Desenvolver habilidades de uso da língua na modalidade oral (entonação, ritmo, expressividade) pela leitura de contos e lendas;
- Conhecer e respeitar as variedades linguísticas, como marcas de identidade cultural;
- Identificar as marcas discursivas e textuais (estrutura narrativa), os recursos expressivos e as marcas linguísticas (espaço-tempo e adjetivos na construção de cenários e personagens de contos e lendas);
- Reescrever textos – Conto e Lenda – considerando a função social e a forma de composição próprias desse gênero;
- Definir o que é variedade linguística e preconceito linguístico;
- Organizar um varal literário com os textos produzidos pelos alunos.

3.6 Conhecimentos trabalhados

Neste projeto, trabalhamos os seguintes aspectos da Língua Portuguesa:

- Contos e lendas: função social, esferas de circulação e forma de composição dos gêneros;
- Marcas discursivas, textuais e linguísticas de contos e lendas;
- Leitura-fruição e leitura-estudo de contos e lendas;
- Escuta ativa de contos e lendas;
- Desenvolvimento de habilidades da modalidade oral da língua (entonação, ritmo, expressividade).

3.7 Metodologia

O projeto foi desenvolvido entre os dias 18 de outubro e 18 de novembro de 2011. Foram 7 dias de aula e 16 aulas de 40 minutos cada. Nessas aulas abordamos as principais características, função social e forma de composição dos gêneros discursivos conto e lenda. Também abordamos as variedades linguísticas.

Na sequência, efetuaremos a apresentação geral de cada aula, mostrando como os conhecimentos foram abordados e quais recursos foram utilizados, assim como o processo de avaliação das aulas ministradas.

3.8 Avaliação

A prática pedagógica do CEMIA procura ver com outro olhar os processos avaliativos, pois ela deseja que isto contribua para a continuidade do planejamento do professor, visando à superação dos desafios e do desenvolvimento dos alunos e jamais classificá-los como aptos ou não aptos. Luckesi, (Apud PPP, 2010, p. 16), afirma que: a “aferição da aprendizagem escolar é utilizada na quase totalidade das vezes para classificar os alunos em aprovados e reprovados e nas ocasiões onde se possibilita uma revisão dos conteúdos, em si não é para proceder a uma aprendizagem ainda não realizada ou ao aprofundamento de determinada aprendizagem, mas sim para melhorar a nota do aluno e, por isso, aprová-lo” (PPP, 2010, p. 16).

Considerando esta concepção de avaliação, os alunos foram avaliados em todos os momentos das aulas, propiciando assim uma avaliação formativa. Os alunos foram

avaliados quanto à criatividade, à participação, ao entusiasmo, à cooperação, à capacidade de trabalhar em equipe e à compreensão dos assuntos tratados na aula.

A participação em sala de aula foi avaliada com base nos seguintes critérios:

- Discute com o grupo;
- Respeita a opinião do colega;
- Fala ao menos uma vez;
- Lê os textos trazidos;
- Interessa-se pelo assunto;
- Traz o texto solicitado;
- Realiza as tarefas pedidas.

A produção da narrativa ficcional (lenda, conto ou outro gênero) foi avaliada com base nos seguintes critérios:

- Adequação do texto aos gêneros;
- Coerência e coesão textual;
- Adequação às convenções da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa;
- Entrega de atividades individuais.

Os exercícios do livro didático foram avaliados com base nos seguintes critérios:

- Entende as questões, sabe interpretar;
- Responde corretamente.

4 EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

4.1 Quadro síntese das aulas

A seguir temos um quadro síntese das aulas ministradas.

DATA	TEMA	QUANTIDADE DE AULAS	ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL
18/10	APROXIMAÇÃO COM OS GÊNEROS CONTO E LENDA	3	STEFANY
20/10	SOCIALIZAÇÃO DE TEXTOS TRAZIDOS PELOS ALUNOS	1	ANA
25/10	VARIEDADES LINGUÍSTICAS COMO MARCAS DE IDENTIDADE CULTURAL	3	STEFANY
01/11	APROFUNDAMENTO DOS GÊNEROS CONTO E LENDA	3	ANA
04/11	REESCRITA DE TEXTOS	2	ANA
11/11	APROFUNDAMENTO SOBRE VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM CONTOS E LENDAS E REESCRITA DE TEXTOS	2	STEFANY
18/11	MONTAGEM DO VARAL LITERÁRIO	2	ANA

4.2 Planos de aula e anexos

PROJETO: CONTOS E LENDAS – UM OLHAR PARA AS VARIEDADES DA LÍNGUA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: STEFANY B. MIGUEL
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 1 – TERÇA-FEIRA - 18/10/2011 – 3h/a

TEMA: APROXIMAÇÃO COM OS GÊNEROS CONTO E LENDA

OBJETIVOS:

- Reconhecer o papel que desempenha a arte de contar e ouvir histórias nas diferentes culturas;
- Compreender o significado da fala do outro pela escuta ativa da leitura de um conto;
- Entrar em contato com o universo dos livros pela possibilidade de manuseá-los na própria biblioteca;
- Reconhecer a função social de contos e lendas pela leitura-fruição de diferentes textos desses gêneros.

CONTEÚDO:

- Contos e lendas: função social;
- Leitura-fruição de contos e lendas;
- Escuta ativa de contos e lendas.

METODOLOGIA:

Primeira etapa:

Conversar com os alunos sobre o “contar histórias”, sobre que histórias eles gostam de ouvir e de ler, o que eles leem, o que eles gostam, etc. Será uma conversa informal, para instigar os alunos a se envolverem com o projeto e lerem os textos propostos. O objetivo dessa conversa-debate é verificar se os alunos conhecem os gêneros conto e lenda por esses nomes.

Segunda etapa:

Os alunos irão até a biblioteca, para entrar em contato com o universo dos livros. O professor lerá em voz alta o conto, em forma de carta, do autor Péricles Prade “Talvez a primeira e última carta”, do livro 13 Cascaes.

Terceira etapa:

Os livros usados também passarão de mão em mão, para estreitar as relações entre alunos e livros. A professora distribuirá as cópias de 2 contos e 2 lendas para os alunos. Todos os alunos receberão todos os textos, mas eles devem ler 1 conto e 1 lenda. Os textos serão: “O abençoado” (conto), de Júlio Queiroz; “O homem do saco” (lenda), de Jorge Tadeu; “Como surgiu a noite” (lenda), de Tia Regina e também “A mãe dos monstros” (conto), de Guy de Maupassant. A professora situará os alunos quanto aos autores dos textos e quando foram produzidos. Nesse momento da aula, os alunos lerão por fruição (leitura individual e silenciosa).

Quarta etapa:

No final da última aula, a professora pedirá aos alunos que tragam no próximo encontro textos como lendas e histórias que eles conhecem, que costumam ouvir. Os textos deverão estar escritos como eles conhecem. Podem pesquisar com pais e avós e escrever. Essa tarefa é individual.

RECURSOS:

- Livros;
- Cópias dos livros;
- Biblioteca aberta.

AVALIAÇÃO:

Será avaliada a participação ativa dos alunos nas atividades de discussão sobre o tema da aula e sobre os textos lidos; escuta de contos e lendas e de leitura-fruição de contos e lendas, considerando os seguintes critérios:

- ✓ Discute com o grupo;
- ✓ Respeita a opinião do colega;
- ✓ Envolvimento na atividade de leitura - fruição;
- ✓ Escuta ativa do texto;
- ✓ Fala ao menos uma vez

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (org.). *13 Cascaes*. Ilustrações: Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.
Educação de Jovens e Adultos 6º ano (Coleção Tempo de Aprender) – Volume 1 – 2ª edição. São Paulo: IBEP, 2009.

MAUPASSANT, Guy de, 1850-1893. *A mãe dos Monstros*. Horla / Henri René de Maupassant; tradução de José Tomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1997.

PORTAL DO PROFESSOR. Disponível em <http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-textos-narrativos/> >. Acesso em 05 out. 2011.

REGINA, Tia. *Histórias e lendas do Brasil*. Adaptação do texto original de Gonçalves Ribeiro; ilustrações J.Lanzelotti. São Paulo / APEL.

TADEU, Jorge. *Lendas Urbanas*./ Jorge Tadeu: ilustrações Vítor Morinichi. – São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010.

ANEXOS

Anexo A

Textos lidos pelos alunos na biblioteca

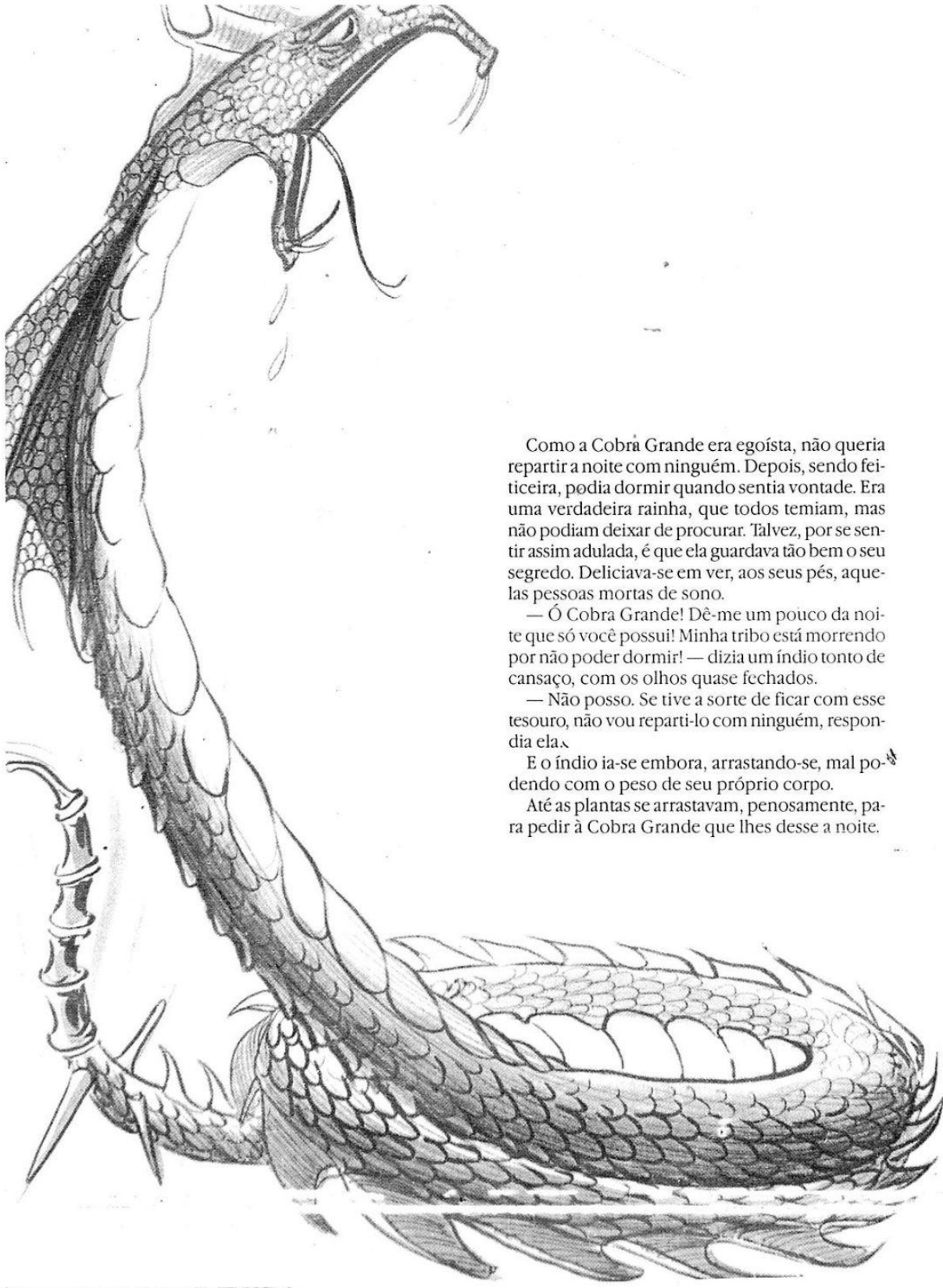
Senso

Como surgiu a noite

Tomando uma xícara de café com um sanduíche gostoso, Tia Regina falou: — Já que vocês passaram bem a noite e sabem que há muitas histórias bonitas sobre nossas matas, vou contar-lhes uma, que fala da criação da noite.

Quando o mundo ainda era bem novo, não existia a noite. Também os animais não existiam, só plantas e pessoas. A claridade não terminava nunca e ninguém podia descansar direito. As pessoas viviam com os olhos quase fechados de tanto cansaço e não podiam dormir. Mesmo as plantas sofriam, coitadas, pois estavam sempre murchas, curvadas pelo contínuo calor.

Somente a Cobra Grande, que era feiticeira, podia fazer a noite surgir. Era uma cobra tão enorme, mas tão enorme, que dava medo. Vivia parte do tempo enrolada no grosso tronco de uma árvore, que havia morrido de tanto calor. A Cobra Grande conservava a noite guardada dentro de um coco de tucumã, bem fechado com breu e escondido no fundo do rio. Sabem o que é tucumã? É um tipo de palmeira.



Como a Cobra Grande era egoísta, não queria repartir a noite com ninguém. Depois, sendo feiticeira, podia dormir quando sentia vontade. Era uma verdadeira rainha, que todos temiam, mas não podiam deixar de procurar. Talvez, por se sentir assim adulada, é que ela guardava tão bem o seu segredo. Deliciava-se em ver, aos seus pés, aquelas pessoas mortas de sono.

— Ó Cobra Grande! Dê-me um pouco da noite que só você possui! Minha tribo está morrendo por não poder dormir! — dizia um índio tonto de cansaço, com os olhos quase fechados.

— Não posso. Se tive a sorte de ficar com esse tesouro, não vou reparti-lo com ninguém, respondia ela.

E o índio ia-se embora, arrastando-se, mal podendo com o peso de seu próprio corpo.

Até as plantas se arrastavam, penosamente, para pedir à Cobra Grande que lhes desse a noite.

Uma vez, uma pobre árvore conseguiu chegar à beira do rio. Vinha de longe. Suas raízes estavam gastas e machucadas, de tanto que ela havia andado, seus galhos pendiam sem forças e suas folhas murchas falavam de cansaço e desespero.

— Dê-me um pouco da noite! Um pouco, por favor! Não agüento mais! Como não anoitece, estou sempre acordada! Preciso descansar! — suplicava a árvore, quase caindo.

— Nada posso fazer, respondeu a Cobra Grande, mal prestando atenção à pobre árvore.

Percebendo que não seria atendida, a árvore tentou voltar para onde vivia, mas as forças lhe faltaram. Tombou ali mesmo, provocando um grande estrondo ao bater no chão. Seus galhos ficaram dentro do rio, o que muito irritou a Cobra Grande:

— Será possível?! Com tanto lugar para morrer, vem cair justamente nas águas em que vivo? Só para me atrapalhar!

O próprio rio, onde a Cobra Grande vivia, acabou por sofrer a falta de descanso. Não era possível resistir àquele sol que ardia sem cessar.



Um dia, quando a Cobra Grande tomava o seu banho, calmamente, o rio parou. Sentindo a falta da correnteza a que estava acostumada, ela levantou a cabeça e ficou a olhá-lo, espantada. Por fim, perguntou:

— Estarei sonhando ou você parou de correr?

O rio, numa voz calma como era a sua vida, respondeu:

— Não, você não está sonhando. Parei de correr porque precisamos conversar.

— Conversar? Ora, ora. Até você quer aborrecer-me? Vá andando que não gosto de me banhar em água parada.

— Ou conversamos ou não ando.

A Cobra Grande, vendo que o rio estava decidido a falar com ela, teve que concordar.

— Muito bem. Diga o que deseja. Mas diga depressa, pois quero banhar-me, ordenou, embora soubesse que o rio também ia pedir-lhe a noite.

— É sobre a vida que estou levando. Preciso de frescor para poder descansar. Correr sempre e sempre sob o sol que não pára de arder é muito sofrimento. A minha água se evapora mais depressa do que posso colhê-la. Logo estarei transformado num riozinho, se você não me der um pouco da noite!

— Se é esse o motivo, pode secar à vontade. A noite é um segredo que guardo muito bem e ninguém vai ficar com ele! — respondeu a cobra, sem dar mais atenção ao rio, apesar de precisar dele para viver.

Como ele percebeu que não ia conseguir nada e que, se ficasse parado, sofreria mais o calor do sol, resolveu correr novamente. E, gemendo, resmungando, recomeçou a se mover. A Cobra Grande, depois de se banhar com todo o cuidado, foi enrolar-se no seu tronco, para se aquecer ao sol.

Tudo continuou na mesma vida.

Um dia, porém, a filha da Cobra Grande, que era uma bonita jovem e tinha namorado, casou-se. O marido, como era bom e não gostava de se queixar, suportou por algum tempo o cansaço que lhe causava trabalhar sem dormir direito. Não podendo mais, disse que precisava da noite para dormir e recuperar as forças.

A filha da Cobra Grande também era feiticeira e não precisava da noite para dormir. Dormia quando queria. Mas ficou com pena do marido. Vendo-o arrastar-se pela floresta, mal conseguindo ficar de pé, disse:

— Vou contar-lhe um segredo!

O rapaz abrindo com esforço os olhos pesados, fitou surpreso a esposa:

— Segredo? Que segredo?

— Minha mãe possui o mistério da noite.

— Verdade? Como? Onde? — perguntou o moço, animando-se.

— É, é verdade. Ela possui a noite bem guardada no fundo das águas, dentro de um coco de tucumã fechado com breu.

Como o marido era senhor de três escravos muito fortes e obedientes, ela pediu-lhe que os enviasse até onde estava a Cobra Grande.

— Eles devem ir até lá e dizer que me mande a noite. Ela é minha mãe e me atenderá.

Assim foi feito. Os escravos partiram numa canoa. Esforçaram-se para remar depressa, apesar do sono que sentiam.

Quando passaram por um grupo de árvores, estas, estranhando tanta pressa, perguntaram:

— O que aconteceu?
— Vamos falar com a Cobra Grande. A filha dela mandou-nos buscar a noite. Por certo, não deixará de atender. É um pedido de sua própria filha! — disse um dos escravos.

As árvores encheram-se de esperança e começaram a dançar e a gritar:

— Vamos ter noite! Vamos ter noite!

Os remadores prosseguiram e, depois de algum tempo, chegaram ao lugar onde estava a Cobra Grande, que dormia profundamente:

— Sua filha mandou-nos buscar a noite. Tem grande necessidade dela para seu marido poder

descansar, disse um dos escravos, quando conseguiu acordar a Cobra.

— Se é minha filha que pede, sou obrigada a atender. Esperem um pouco. Não demorei, respondeu ela, mergulhando nas águas profundas.

Em pouco tempo, ela retornou, trazendo o coco de tucumã.

— Vocês podem levá-lo. Porém, prestem atenção! Não devem abri-lo de nenhum modo. Somente minha filha tem conhecimento e poderes para libertar e controlar a noite. Se vocês a libertarem, ficará noite para sempre e não encontrarão mais o caminho.



Depois de ter concordado com o que ela dissera, tomaram o caminho de volta. Um deles propôs:

— Vamos abrir o coco? Não pode haver nada de mal! Vamos encostar a canoa e fazer uma fogueira para derreter o breu!

Os outros não quiseram, lembrando-se do que a Cobra Grande havia dito. Mais adiante, quando estavam descansando, em silêncio, ouviram uns sons esquisitos que saíam de dentro do coco. Eram sapinhos, grilos e outros bichos que gostam da noite. Embora fossem muito obedientes, a curiosidade acabou por vencê-los. Acenderam um pequeno fogo na margem do rio e derreteram o breu que fechava o coco.

Assim que conseguiram abri-lo, foi um susto só. Tudo ficou negro. Tão escuro, que não se via mais nada. Todos os bichos que estavam dentro do coco escaparam e o ar ficou cheio de gritos, pios e gemidos. Todas as coisas sem vida, que estavam soltas no rio e na floresta, como canoas, remos, pedaços de madeira, pedras e folhas, transformaram-se em peixes, animais, aves e insetos.



Percebendo o que fizeram, os escravos começaram a tremer de pavor. Tentaram achar a canoa, mas não viam nada por causa da escuridão. Um deles deu uma formidável cabeçada numa árvore, quase derrubarído-a; outro caiu e quebrou o nariz numa pedra; o último caiu na água e quase morreu afogado.

Eram só gemidos e gritos:

— Ai, minha cabeça!

— Ai, meu nariz! Como dói!

— Socorro! Estou-me afogando!

Longe dali, a filha da Cobra Grande, vendo a escuridão que tomara conta de tudo, disse ao marido:

— Os seus escravos libertaram a noite.

— Não é possível! Eles são muito obedientes!

— Sim, mas a curiosidade venceu a obediência.

Devem estar perdidos na mata.

— E nós estamos perdidos, também! — gritou o moço, tomado de pavor. Como vamos viver sempre no escuro?

— Não tenha medo. Posso um segredo, com o qual poderei controlar a noite.

A moça arrancou um fio de seus próprios cabelos e disse ao marido:

— Com este fio, vou separar o dia da noite.

Começou a cortar o espaço com ele e, logo, um princípio de luz surgiu no horizonte.

— Está vendo? O dia já está voltando. Agora, teremos o dia e a noite, ela explicou.

Vendo a luz, os pássaros começaram a cantar e todos os ruídos da noite pararam por completo. Logo depois, chegaram os três escravos. Tentaram explicar o que havia acontecido, mas a moça não os deixou falar:

— Vocês vão pagar pela sua desobediência. Vou transformá-los em macacos.

Imediatamente, os três escravos viraram macacos e, subindo numa palmeira, começaram a apagar os cocos, atirando-os, com raiva, ao chão.★

O abençoado

Júlio de Queiroz



a noite escura, a lua brilhava intensamente clareando tudo. Numa clareira fechada, crepitava uma fogueira apagada. Sexta-feira, mas já era sábado. Meia-noite de breu.

Malina olhou ao longe.

— Há mil anos que venho recomendando a Pestina para aprender a chegar na hora combinada. Peste de bruxa que sempre se atrasa! — comentou com o gato preto empoleirado no seu ombro esquerdo.

Como para contrariá-la, uma nuvenzinha começou a se formar no horizonte, vinda das bandas do mar grosso. Cresceu um pouquinho, tomou forma. Cavalgando sua vassoura preferida, feita de urzes nascidas à beira de um túmulo mal fechado, Pestina chegou.

Mal apeada, foi logo se explicando:

— Menina, que noite! Andei ocupadíssima! Imagine que vindo para cá, passei por uma velha sentada na porta de sua casa, comendo um pedaço de peixe. O prato no seu colo ainda tinha uns quatro pedaços. Pedi um. A danada me mandou trabalhar! Tive que dar meia-volta, voar por cima do mar, soprar um vento arisco em cima do barquinho do filho dela bem para lá do Cabo de Santa Marta. Emborquei o barquinho e deixei o filho da velha no meio das ondas. Como eu estava com pressa, não o afoguei, mas tive tempo de lhe botar no juízo que sua desgraça era por causa que sua mãe tinha negado uma isca de peixe a uma velhinha pobre. Assim, quando ele chegar em casa, vai contar para a mãe. A velha vai sentir um remorso medonho! Bem feito!



Desculpe, quero dizer, malfeito! Um malfeito bem-feito! Você me entende! Mas de que se trata?

Nisso, um morcegão adejou e pousou. Mal tocou o chão e transformou-se numa bruxa das mais peçonhentas.

— Hi, hi, hi, meninas! Qual é a maldade? Logo que estava passando pelo Ribeirão de vocês vi um neném de poucos meses, dorme que dorme. A mãe, na cozinha, torrando café. Passei uma asa na boca do menininho. Começou a chorar e a vomitar. A mãe largou o tacho dos grãos de café no fogo, foi correndo para o filho, carregou o menino para fora do quarto. O menino ali, vomitando e chorando, e o café? Queimado que nem tição. O neném vai sarar, mas até lá vai dar uma trabalhadeira danada. Hi, hi, hi!

O bruxedo foi aumentando. Cada uma que pousava na clareira, apresentava suas credenciais de maldades e mal-feitos.

— Irmãs! — era voz de falsete de Malina, convocando as bruxas, como sempre, sete, presentes. — Convidei vocês para a gente discutir um assunto que me está preocupando muito. Com essa história de progresso, de médicos aos montes e uma farmácia em cada canto e em cada farmácia mil remédios para tudo, nós estamos ficando mais que desmoralizadas. Ninguém fala mais em mezinha! Ninguém quer saber de remédio de planta. Benzedura? Poucas velhas sabem alguma ainda. Nós vamos é desaparecer. E não é no ar, não. É deixar de existir mesmo. Inda outro dia, escutei uma menininha de uns sete anos dizendo para uma outra que bruxa não existia. Que só gente da idade da avó dela é que ainda tinha medo de nós. De outra vez, eu estava escutando um programa de rádio. Rádio é uma caixa que fala, conta coisas e canta música. Pois a tal caixa estava dizendo que com a educação, a crença em reza, benzedura, e acima de tudo, em bruxas, ia desaparecer completamente. Fiquei assustada. Dei com o cabo da vassoura na caixa. A danada caiu da mesinha em que estava, mas continuou falando. O que é que vocês me dizem disto?

— Você tem razão, Malina! Como você sempre foi a pior, tomou a iniciativa. Mas já senti o drama também. Ainda outra noite, só para me divertir, enfiei uma dor de dentes numa mocinha que queria ir para um baile, para encontrar seu amor! Amor, uma ova! E sabem o que aconteceu? Pensam que alguém falou em reza ou benzedura? Que o quê! Uma companheira da espevitada aconselhou:

— No caminho a gente passa pela farmácia. Lá, você compra a “Cera do Dr. Lustosa”. É tiro e queda! Melhor que mil benzeção! Já vai chegar no baile sem saber que tem dente. E, “adispois”, o Augusto está lá te esperando!

— Eu ainda não tinha pensado nisso – acrescentou uma virago das mais narigudas –, mas a verdade é que ninguém mesmo leva mais a gente a sério.

— A culpa é do tal de progresso! – afirmou uma bruxa vinda do interior.

— Deixem de ficar dizendo bobagem e ponham a cabeça para funcionar. O que é que a gente faz para voltar à moda antiga de ser?

As bruxas se separaram em grupelhos, cochichando algumas, outras dando risadinhas desdentadas. O gato preto de Malina decidiu atacar as ervas do cabeço de uma vassoura. A vassoura chiou, levantou-se sozinha do canto onde estava e deu com seu cabo na cabeça do gato. O gato, arrepiado, pulou para perto de uma bruxa que lhe deu um pontapé.

— E aí, meninas? O que é que vocês propõem? O que é que a gente faz?

— A gente podia criar uma doença que desse em todo mundo – propôs a líder de um dos grupos. A gente escondia todos os remédios. Aí todos os doentes iam voltar para as ervas que a gente já tivesse escondido e aí...

— Chega de dizer bobagens. Vamos nos dispersar, pensar novas fórmulas. Daqui a uma lua a gente torna a se reunir aqui. Se numa lua inteira, sete bruxas não conseguirem uma solução é porque merecem mesmo deixar de existir.

Cada uma delas partiu do jeito que tinha chegado. A maioria, em vassouras. Uma outra tomou a forma de uma porca do ano e outras sob a forma de outros bichos.

Uma lua depois, caindo um Vento Sul fortíssimo, as bruxas começaram a chegar. Malina não foi a primeira, mas também não foi a última. Como só faltava a Pestina, Malina deu a sessão por aberta e quis saber o que é que suas irmãs haviam elaborado.

À medida que cada plano era exposto, todas as outras sabiam que ele não ia funcionar.

De repente, um reboiço. O caldeirão começou a entornar o que quer que nele estivesse fervendo. Estava-se nesse alvoroço quando Pestina aterrissou.

— Não me venham com acusações, irmãs. Sei que estou atrasada, pois não vim pelo mar. Passei por um lugarejo chamado São José, que nome horrível! E ali, pressenti uma cena que me chamou a atenção. Resolvi parar. Me fiz de urubu e me escondi no telhado de uma moradia para assistir melhor. Vocês não acreditam o que foi que vi acontecendo: um marido e sua mulher estavam na cama, querendo fazer aquelas coisas...

— Isto não é motivo nem para se atrasar nem para vir engabelar a gente... — resmungou Malina.

— Claro que não. Mas o que me espantou foi ver que havia três fadas, se fingindo de rolinhas, distantes poucas travessas de onde eu estava. Irmãs, vocês sabem que fadas me dão um nojo danado, mal posso suportar o nome, quanto mais ficar perto delas. Mas aguentei firme.

“O fruto desse amor há de ser um menino. Esse menininho vai aprender a trabalhar com barro e fazer figuras. Muitos presépios e figuras de santos”, chilreou uma delas. Achei engraçado aquela coisa dizer isso para as outras duas. Resolvi escutar o resto.

Aí, a outra espevitada deu uma levantada de asa e tomou a palavra:

— Todas as estórias e lendas de que o povo destas terras está se esquecendo vão ser estudadas e escritas por esse menininho quando ele crescer. Tudo. Estórias que as avós contavam para os netinhos; as benzeduras e rezas que as velhinhas não conseguem mais passar para suas filhas e netas vão ser anotadas por ele. Coisas sobre pescadores com suas redes e das mulheres deles com suas rendas, tudo isso ele vai procurar ver, entender, colecionar, descrever e não deixar morrer...

Aí, então, a que tinha chilreado primeiro acrescentou:

— Não só as lendas e as estórias, mas os costumes, o jeito da gente daqui viver, se alegrar e se entristecer ele também vai anotar, guardar para o futuro. As usanças nos nascimentos e nos enterros, as das festas e velórios. Ele vai descrever tudo, passar noites escrevendo. Eu vou dar a ele a benção da perseverança e do coração limpo...

— Irmãs, nessas alturas eu estava quase me transformando num gavião para dar uma corrida das boas naquelas inimigas. Pois a terceira delas, então, naquele jeito de ficar arrulhando que pombinha tem, abriu o bico:

— Amiguinhas, somos fadas. Não podemos fazer o bem pela metade. Ele vai também preservar para o futuro as estórias de bruxas e de seus bruxedos, pois é preciso que tudo do passado não se perca. Daqui a nove meses, no dia 16 de outubro, esse menininho vai nascer. As lendas, os causos, o jeito de ser da gente destas terras, só por causa dele não vão cair no esquecimento. Tomem nota e deem sua benção também, amiguinhas, no dia 16 de outubro do ano que vem, 1908, esse menininho que vai ser feito esta noite haverá de se chamar Franklin. Agora, amiguinhas, vamos deixar o Joaquim Serafim Cascaes e sua Maria Catarina na intimidade lá deles...

Então as três foram para o beiral da casa, deixaram a forma de rolinha, viraram aquelas coisinhas imundas que as fadas são e lá se foram, deixando no ar um perfume, que eu, bruxa antiga e acostumada a muita coisa ruim, mal me aguentei sem passar mal. Estou chegando de lá.

Quando Pestina terminou seu relato, uma das bruxas tomou a palavra:

— Sendo assim, a gente já sabe o que fazer. Matar o menino na barriga da mãe. Ou fazer com que ele nasça com defeito e incapaz de cumprir o que essas fadas (que nojo!) andaram planejando.

— Não seja burra! — era Malina retomando seu papel de bruxa chefe. — A gente não queria ser lembrada? Pois está aí o menino que vai cuidar para que a gente não morra na memória das pessoas. Podemos até não fazer muito sucesso. Mas morrer, não vamos nunca mais. Pela nossa reputação não vamos fazer o bem ao menino — aonde que o mundo vai parar se a gente começar a ser boazinha? — mas a gente vai continuar a existir.

As outras bruxas acharam que Malina estava com a razão. Cada uma tomou seu veículo preferido e sumiu numa rodada do Vento Sul.

A lua clareou toda a mata. A clareira voltou a ser aberta e, na fogueira, as chamas crepitaram alegremente, apagando-se devagar, na ordem natural das coisas sem feitiço.

A MÃE DOS MONSTROS

Lembrei-me dessa horrível história e dessa horrível mulher ao ver passar, outro dia, numa praia de que os ricos gostam muito, uma parisiense conhecida, jovem, elegante, encantadora, adorada e respeitada por todos.

Minha história já data de longe, mas essas coisas não se esquecem.

Tinha sido convidado por um amigo para ficar algum tempo em sua casa, numa pequena cidade de província. Para me fazer as honras da casa, ele levou-me a todos os cantos, fez-me ver as paisagens elogeadas, os castelos, as indústrias, as ruínas; mostrou-me os monumentos, as igrejas, as velhas portas esculpidas, árvores de enorme porte ou de forma estranha, o carvalho de Santo André e o teixo de Roqueboise.

Quando tinha examinado, com exclamações de entusiasmo benevolente, todas as curiosidades da região, meu amigo me declarou, com um ar desolado, que não havia mais nada para visitar. Respirei. Ia poder, então, repousar um pouco à sombra das árvores. Mas, de repente, ele soltou um grito:

“Ah, sim! Temos a mãe dos monstros, você precisa conhecê-la”.

Perguntei:

“Quem? A mãe dos monstros?”

Replicou:

“É uma mulher abominável, um verdadeiro demônio, um ser que dá à luz, todo ano, voluntariamente, crianças disformes, horríveis, medonhas, monstros enfim, e vende-os a exibidores de fenômenos.

“Esses abomináveis industriais vêm se informar, de tempos em tempos, se ela produziu algum novo aborto e, quando o indivíduo lhes agrada, levam-no, pagando uma renda à mãe.

“Tem onze rebentos dessa natureza. É rica.

“Pensa que brinco, que invento, que exagero. Não, meu amigo. Só lhe conto a verdade, a pura verdade.

“Vamos ver essa mulher. Depois direi como ela se tornou uma fábrica de monstros”.

• • • • •

Levou-me para os arredores.

Ela morava numa linda casinha à beira da estrada. Agradável e bem tratada. O jardim, cheio de flores, cheirava bem.

Parecia a residência de um tabelião afastado dos negócios.

Uma criada nos fez entrar em uma espécie de pequeno salão rústico, e a miserável apareceu.

Tinha cerca de quarenta anos. Era uma pessoa alta, de traços duros, mas bem feita, vigorosa e sã, o tipo exato da camponesa robusta, meio-selvagem e meio-mulher.

Sabia da reprovação de que era alvo e parecia só receber as pessoas com uma humildade rancorosa.

Perguntou:

“O que é que os senhores desejam?”

Meu amigo respondeu:

“Disseram-me que o seu último filho era como todo mundo. Que não se parecia de forma alguma com os irmãos. Quis assegurar-me disso. É verdade?”

Ela lançou-nos um olhar dissimulado e furioso e respondeu:

“Oh, não! Oh, não! Meu pobre senhor. Ele é talvez ainda mais feio que os outros. Não tenho sorte, nenhuma sorte mesmo. Todos assim, meu bom senhor, todos assim, uma tristeza, será possível que o bom Deus seja tão duro assim com uma pobre mulher completamente só no mundo, será possível?”

Ela falava depressa, de olhos baixos, com ar hipócrita, igual a um animal feroz que tem medo. Adoçava o tom áspero de sua voz e era de espantar que essas palavras lacrimosas e desfiadas em falso sem desse grande corpo ossudo, demasiado forte, de ângulos grosseiros, que parecia feito para os gestos veementes e para uivar à maneira dos lobos.

Meu amigo pediu:

“Gostaríamos de ver o seu pequeno”.

Ela me pareceu corar. Será que me enganei? Depois de alguns instantes de silêncio, falou num tom de voz mais alto:

“Pra qui é qu'isso lhes serviria?”

E voltara a erguer a cabeça, lançando-nos olhadelas rápidas que faiscavam.

Meu companheiro respondeu:

48

“Por que não quer nos deixar vê-lo? Há muitas pessoas a quem você o mostra. Você sabe de quem estou falando?”

Ela teve um sobressalto e, soltando a voz, deu vazão à sua cólera, gritando:

“Foi para isso que vieram, não é? Para me insultarem, hein? Porque os meus filhos são como animais, não é? Vocês não o verão, não, não, não verão mesmo, vão embora, vão embora. Não sei por-qu' é que todos têm que me atormentar assim?”

Avançava para nós com as mãos nos quadris. Ao som brutal da sua voz, uma espécie de gemido, ou melhor, um miado, um grito lamentoso de idiota, saiu da sala vizinha. Estremeci até a medula. Recuávamos à sua frente.

Meu amigo falou num tom severo:

“Tome cuidado, sua Diabo (chamavam-na 'A Diabo' entre o povo), tome cuidado, porque mais dia menos dia isso vai lhe trazer desgraça”.

Ela começou a tremer de raiva, fora de si, agitando as mãos e berrando:

“Vão embora! O que é que vai me trazer desgraça? Vão embora! Bando de ateus!”

Ia nos agredir. Fugimos com o coração crispado.

Quando já estávamos fora, meu amigo me perguntou:

“Pois bem! Você a viu? O que me diz?”

Respondi:

“Conte-me então a história dessa selvagem”.

E eis o que me contou quando voltávamos, a passos lentos, pela grande estrada branca orlada de

49

cereais já maduros que um vento suave, ao soprar, fazia ondular como um mar calmo.

Essa moça, outrora, tinha servido como criada em uma fazenda e era corajosa, comportada e econômica. Não lhe conheciam nenhum namorado e não lhe suspeitavam qualquer fraqueza.

Cometeu uma falta, como o fazem todas, numa tarde de colheita, no meio dos molhos ceifados, sob um céu de tempestade, quando o ar imóvel e pesado parece cheio de um calor de formalha e encharca de suor os corpos morenos dos rapazes e das moças.

Logo viu que estava grávida e passou a ser torturada pela vergonha e pelo medo. Querendo a todo custo esconder sua desgraça, comprimia violentamente o ventre com um sistema que havia inventado, um espartilho sólido feito de tabuinhas e de cordas. Quanto mais o seu ventre inchava com o esforço da criança que crescia, mais ela apertava o instrumento de tortura, sofrendo o martírio, mas resistindo corajosamente à dor, sempre sorridente e ágil, sem deixar ver ou suspeitar nada.

Ela estropiou em suas entranhas o pequeno ser, apertado pela máquina medonha; comprimiu-o, deformou-o, fez dele um monstro. Seu crânio comprimido alongou-se, surgiu em ponta com dois grandes olhos totalmente saídos para fora da testa. Os membros apertados contra o corpo nasceram tortos como a madeira das vinhas e cresceram desmesuradamente, acabando em dedos semelhantes a patas de aranhas.

O tronco ficou muito pequeno e redondo como uma noz.

Ela deu à luz em pleno campo numa manhã de primavera.

Quando as lavradoras, que tinham vindo em seu auxílio, viram o animal que saía do seu corpo, fugiram gritando. E espalhou-se pela região o boato de que ela tinha posto no mundo um demônio. Foi desde essa época que passaram a chamá-la de "A Diabo".

Foi expulsa do lugar que ocupava. Viveu de caridade e talvez de amor na obscuridade, porque era uma bela moça e nem todos os homens têm medo do inferno.

Criou o seu monstro que, aliás, odiava com um ódio selvagem e que talvez tivesse estrangulado, se o cura, prevenido o crime, não a tivesse assustado com a ameaça da justiça.

Ora, um dia, exibidores de fenômenos que passavam ouviram falar do horrendo aborto e pediram para vê-lo, a fim de o levarem se lhes agradasse. Foi do seu agrado e pagaram à mãe, imediatamente, quinhentos francos. Ela, a princípio envergonhada, recusava mostrar essa espécie de animal; mas, quando descobriu que ele valia dinheiro, que excitava a cobiça dessas pessoas, começou a regatear, a discutir cêntimo por cêntimo, enaltecendo as deformidades do filho, elevando os seus preços com uma tenacidade de camponesa.

Para não ser roubada, assinou um papel com eles. E estes comprometeram-se a pagar, além disso, quatrocentos francos por ano, como se tivessem tomado este animal ao seu serviço.

Este ganho inesperado enlouqueceu a mãe, e o

desejo de dar à luz um outro fenómeno, para acumular rendimentos como uma burguesa, não a largou mais.

Como era fértil, conseguiu o seu propósito e tornou-se hábil, ao que parece, em variar as formas dos seus monstros, conforme as pressões a que os submetia durante o tempo da gravidez.

Teve uns compridos e outros curtos, uns semelhantes a caranguejos, outros semelhantes a lagartos. Vários morreram; ela ficou desolada.

A justiça tentou intervir, mas nada pôde provar. Deixaram-na, portanto, fabricar os seus fenómenos em paz.

Possui, actualmente, onze bem vivos que lhe rendem, em média, cinco a seis mil francos. Só um ainda não foi vendido, aquele que ela não quis nos mostrar. Mas não o guardará por muito tempo, porque hoje em dia é conhecida por todos os charlatões do mundo, que vêm, de tempos em tempos, ver se ela tem alguma coisa de novo.

Promove até leilões entre eles quando o individuo vale a pena.

• • • • •

O meu amigo se calou. Um nojo profundo pesava em meu coração, e uma cólera tumultuosa, um arrependimento por não ter estrangulado essa selvagem quando a tinha ao alcance da mão.

Perguntei:

“Mas quem é o pai?”

Ele me respondeu:

“Não se sabe. Ele ou eles têm um certo pudor. Se escondem. Talvez dividam os lucros”.

Não pensava mais nesta longínqua aventura, quando avistei, outro dia, numa praia da moda, uma mulher elegante, encantadora, coquete, amada, rodeada de homens que a respeitavam.

Eu ia pela areia, na companhia de um amigo, o médico da estação balnearia. Dez minutos depois, vi uma criada que guardava três crianças que rolavam na areia.

Um par de pequenas muletas que jazia por terra emocionou-me. Percebi, então, que esses três pequenos seres eram disformes, corcundas, curvados, horríveis.

O doutor me disse:

“São os frutos da encantadora mulher que você acaba de encontrar”.

Uma profunda piedade por eles e por ela inundou-me a alma. Exclamei:

“Oh, pobre mãe! Como pode ainda rir?”

Meu amigo me respondeu:

“Não a lamente, meu caro. São os pobres pequeninos que é preciso lamentar. Eis os resultados das silhuetas que permanecem esbeltas até o último dia. Aqueles monstros são fabricados por meio de espartilho. Ela bem sabe que arrisca a vida nesse jogo, mas que lhe importa isso, contanto que seja bela e amada?”

E lembrei-me da outra, a camponesa, “A Diabo”, que vendia os seus fenómenos.

(12 de junho de 1883)

6. O homem do saco

— **A** mamãe vai brigar com a gente — diz Manuela enquanto aperta o passo tentando acompanhar o ritmo de seu irmão, que a puxa pela mãozinha.

— Se você andar depressa, ela nem vai perceber. Vem, sua lerdá!

Os dois irmãos, Matheus e Manuela, deram uma escapadinha de casa para comprar sorvete sem avisar a mãe.

Manuela olha para trás enquanto anda, o que a faz atrasar ainda mais o ritmo do irmão. Com seus seis aninhos de idade incompletos, ainda se sente meio perdida na imensidão da rua sem um adulto por perto. Já Matheus, com seus oito anos e meio, parece um homenzinho que sabe exatamente o que está fazendo.

— Matheus! Manuela! Suspirando, vendo a cena se repetir pela milionésima vez, Marta entra no quarto e vê os brinquedos espalhados pelo chão.

— Essas crianças têm brinquedos demais! Se tivessem menos, não conseguiriam fazer tanta bagunça! — Chama-os novamente: — Crianças!

Em um ato reflexo, recolhe alguns brinquedos e os coloca em cima da cama.

— Mas onde estão essas crianças? — Matheus! Manuela!

— Eu quero de uva, Matheus, eu quero de uva! — Bem mais baixa que o irmão, Manuela se pendura na camisetinha dele enquanto deixa clara sua escolha. — Matheus, Matheus, fala pra ele que eu quero de uva.

O sorveteiro, rindo para Manuela, lhe entrega um picolé de uva.

– Este é para a mocinha. – E pergunta: – Quer que eu abra para você? Cuidado para não sujar essa blusinha rosa tão bonita, hein, mocinha!

Manuela pega seu sorvete rapidamente e já nem se lembra do medo que sentia de que a mãe descobrisse que haviam saído.

– E este é para você, garotão!

Matheus pega o seu e paga o sorveteiro.

– Obrigado, moço!

Caminham de volta para casa. Nem três minutos se passaram e a blusinha de Manuela já está totalmente roxa, além de seus braços até o cotovelo, claro.

– Hummm... Gostoso... – diz ela.

– Não valeu a pena? – Diz Matheus, para mostrar que sabe das coisas.

– É, mas a mamãe sempre fala pra gente não sair de casa sozinhos.

– Ah, não tem perigo! Comigo você pode sair, o papai sempre diz que já sou um homem!

Manuela ri e corrige:

– Homenzinho...

– Matheus! Manuela!

Marta vai até seu quarto para ver se os danadinhos não estão brincando de circo em cima de sua cama. Nada.

Verifica o banheiro, mas também não estão ali. Então, desce novamente para a sala.

Como não os encontra em lugar algum, por descargo de consciência verifica a porta. Assim que põe a mão na maçaneta, vê que está destrancada.

Marta fica preocupada. Afinal, não existe pai ou mãe que não se preocupe quando os filhos saem de casa sem avisar, ainda mais sendo tão pequeninhos!

– Destrancada! Será que esses danadinhos foram para a rua sozinhos?

71

Parece que as crianças se esqueceram da pressa, agora que já estão saboreando o sorvete. Caminham concentradas. De repente, Manuela vê um homem andando mais à frente com um saco nas costas. Assustada, derruba o sorvete e puxa a camiseta de Matheus.

– Olha, Matheus, olha!

– O que, Manu?
– Aquele homem! – E aponta para o homem do saco. Imediatamente, ele vira a esquina e desaparece.

Manuela está assustada e sem o sorvete, de modo que acha que já é um bom momento para começar a chorar.

– Ai, Matheus. A mamãe bem que avisou... Mas Matheus ainda mantém a pose de valente.

– Avisou o quê?

– Você sabe... O, o, o...

Matheus, sem paciência, dá um empurrãozinho em Manuela, para “destravar”.

– O, o, o que, menina?

Já chorando e agarrada à blusa de Matheus, Manuela explica:

– O homem do saco!

Diz a lenda que o homem do saco sai recolhendo as crianças que estão sem nenhum adulto por perto, brincando ou andando na rua sem autorização, desobedecendo aos pais. Ele as pega e coloca no saco.

– Eu quero ir para casa! – Manuela chora e solta o peso do corpo, enquanto Matheus a arrasta até a esquina onde o “Homem do saco” virou.

– Ah, pare com isso! Você ainda acredita nessas historinhas que o papai e a mamãe contam? – retruca Matheus. Ele está muito mais curioso que preocupado.

– Claro que acredito, é verdade. E eu quero ir para casa!

– Peraí. Vamos espiar.

Mas, quando olham, não veem ninguém. O homem sumiu, desapareceu, escafedeu-se.

– Ué... – diz Matheus, agora um pouco desconfiado. Afinal, a rua é grande e aberta, dá para ver tudo, ele não tinha para onde ir.

– Tá vendo? Vamos embora! Vamos logo! Tô com medo!

Manuela puxa Matheus pelo braço, e ele, meio amedrontado, segue com a irmã para casa.

– Tá bom. Vamos!

Marta olha de um lado para o outro na calçada, preocupada, pensando onde estariam as crianças.

– Eles nunca saem sozinhos... Ah, meu Deus, espero que não tenham ido longe.

Depois de alguns instantes, vê surgirem os dois na esquina. Suspira aliviada:

– Ufa! Graças a Deus! Esses danadinhos...

Mas dirige-se severa para eles:

– Gracinha, né? Como vocês saem de casa, assim, sozinhos, sem falar nada?

Matheus faz que não era com ele:

– Quer sorvete mãe?

– Mãe! Foi o Matheus que me levou!

– Mentira! Eu vi o sorveteiro, aí peguei dinheiro do cofrinho, e ela quis ir junto.

Marta precisa se manter séria. Justamente por compreender a inocência de Matheus é que precisa alertá-lo.

– Por que não pegaram no freezer?

– Acabou, mãe. – Tudo muito lógico para Matheus.

– Está bem. Dessa vez passa, mas não façam mais isso! Fiquei muito preocupada. Agora, vamos entrar.

Já na sala, Marta leva Manuela para a cozinha para lavá-la. Chama Matheus também.

– Filhinhos, eu e o papai já explicamos o que acontece com crianças que desobedecem, como vocês fizeram agora, não é?

Manuela rapidamente responde:

– O homem do saco pega a gente?

– Isso mesmo, filha.

Imediatamente, prevendo que Manuela pode falar demais e fazer a mãe lhes dar um castigo, Matheus faz um sinal com o dedo indicador na boca querendo dizer: “silêncio, quieta, não conte”.

Manuela conhece muito bem a história, mas, influenciada pelo irmão mais velho, não diz nada.

Marta percebe o sinal do filho e acha melhor sondar:

– O que foi, Matheus? Estão escondendo alguma coisa?

– Nada não, mãe... É que a Manu derrubou o sorvete dela.

Marta entende que isso deve fazer sentido na cabecinha dele.

– Certo... quando eu for ao mercado compro mais, ok? Agora, vão arrumar aquela bagunça que vocês fizeram no quarto.

Enquanto sobem, Matheus sussurra para Manuela:

– Você já ia falar que viu o homem do saco, né?

– Ia... Eu fiquei com medo.

– Mas se a mamãe souber disso, a gente não vai poder fazer mais nada! Vamos ficar que nem aqueles macaquinhos presos no zoológico.

Manuela ri:

– Eu gosto dos macaquinhos do zoológico! Mãe, a gente pode ir ao zoológico? – Grita lá de cima.

Sozinhas na sala no fim da tarde, as crianças estão vendo tevê. A sala está escura porque fecharam as cortinas para evitar o reflexo da luz na tela. Depois de mudar de canal dezenas de vezes, pararam em um filme de terror.

Os dois sentem medo, mas a curiosidade é grande demais, não tiram os olhos da tela. Às vezes Manuela fecha os dela, mas logo os reabre, curiosa.

– Ai, não consigo ver isso! – diz ela colocando as mãozinhas na frente do rosto.

– Medrosa. Olha lá! – E fazendo uma voz tenebrosa, assustadora: – Agora, ele vai entrar na casa e...

Na tevê, uma porta se abre lentamente, com um leve e longo rangido.

No mesmo instante, a porta da sala se abre lentamente, com um leve e longo rangido.

Imediatamente, as crianças afundam no sofá, que fica de costas para a porta.

– Vo-você ouviu? – Manuela pergunta agarrando o braço de Matheus.

– Ou ouvi – responde ele, todo encolhido, não fazendo a menor questão de ser homenzinho nesse momento.

Na tela da tevê, a câmera mostra dois pés entrando pela porta aberta.

Na sala, atrás deles, alguém entra e uma voz se ouve:

– Oi, filhotes! – E imediatamente acende-se a luz.

Como tudo acontece em uma fração de segundo, antes de perceber que é o pai, as crianças soltam um grito apavorado:

– Aaaaaahhhhhhhhhhhhh!

Rapidamente se ajoelham no sofá e se voltam para trás, vendo o pai chegar.

– Ai, pai, que susto! – diz Manuela, ofegante.

– Você assustou a gente, pai... – diz Matheus, mais controlado.

– Vocês precisam parar de ver esses filmes de terror. Não bastassem os pesadelos, agora estão vendo monstros acordados!

Manuela dá a volta no sofá e abraça o pai.

– Oi, papito. Hoje eu tomei sorvete de uva, mas eu derrubei tudo na minha blusa, mas daí, eu derrubei o sorvete no chão, e daí...

– Nossa, quanta coisa você fez, princesa! – Pegando-a no colo, vai brincar com Matheus. – Então você achou que eu era um monstro, é? Então, agora o monstro vai te pegar! – E soltando um rugido, finge que vai pegar Matheus.

Matheus deita no sofá e esperneia, rindo muito. Manuela grita:

– Você não é monstro, papai... – e ri também.

– Sou sim! Sou o bichão que vai pegar vocês!

Rrrrrrrrrrrrr.

E rolam todos no sofá.

Marta entra na sala, aproxima-se, beija o marido e diz.

– Vem cá, meu bichão...

E Mauro:

– Rrrrrrrrrrrrr.

Todos riem, e Marta diz ao marido:

– Vá tomar seu banho senão vamos nos atrasar para o jantar.

Ouvindo o que a mãe diz, Manuela pergunta:

– Vocês vão sair, mãe?

– Sim, filhota. Vamos jantar com a tia Angélica, mas não vamos demorar.

Mauro se levanta do sofá para ir tomar seu banho. Mas, antes que possa subir, Marta o chama:

– Ah, Mauro!

– Oi, meu amor.

– Já ia esquecendo... Esses dois aqui aprontaram hoje.

Mauro olha para os dois. E os dois não olham para o pai.

– Ah, é? O que vocês fizeram?

– A gente saiu para comprar sorvete – confessa Manuela.

– Sozinhos? – Mauro pergunta, preocupado.

– Ah, pai... eu não sou mais um bebezinho – Matheus se defende.

– Mas é perigoso, filho. Vocês são muito pequenos.

– E me deixaram muito preocupada – completa Marta.

Mauro fala com carinho, mas com firmeza:

– Depois, o homem do saco pega vocês, aí eu quero ver...

Manuela olha para Matheus, mas os dois se calam, envergonhados pela bronca.

Quando o pai e a mãe saem da sala, Manuela diz:

– Não falei?

Matheus, dando de ombros, responde:

– Tá bom... tá bom... Mas já foi. Agora, vamos ver o filme que é muito legal.

←

Antes de se arrumar para sair, Marta dá o jantar para as crianças. Já de pijama e dentes escovados, Matheus e Manuela decidem jogar um jogo de tabuleiro, e se sentam no chão da sala para isso.

Marta desce:

– Crianças, são nove horas. Eu e o papai não vamos demorar muito. Lá pelas onze, onze e meia estamos de volta, e quero os dois na cama

e dormindo, certo? Vocês vão ficar sozinhos um pouco, mas não vão fazer nada além de jogar esse jogo e ir para a cama depois, ouviram? Nada de correr por aí. Quando estão sozinhos, precisam ficar quietinhos.

– E nada de filmes de terror. Já chega por hoje.

Matheus, só para contrariar, insiste:

– Ah, pai... Só mais um.

– Não. Brinquem mais um pouco e cama. Nada de tevê!

– E não desobedeçam. Depois do que aprontaram hoje, o homem do saco está de olho em vocês.

As crianças se olham assustadas.

– Até daqui a pouco – Marta dá um beijo em cada um.

– Tchau, crianças. Comportem-se – Mauro beija os dois também, e saem.

←

Mauro e Marta foram jantar fora. Será que as crianças vão se comportar?

←

Quinze minutos depois, Matheus joga longe as peças do jogo.

– Esse jogo é muito chato. Vamos ver outro filme.

– Mas o papai disse para a gente não ver mais tevê hoje – Manuela fala com a mãozinha na cintura.

Mas Matheus não se convence. Pegando um DVD na estante, mostra para Manuela e argumenta:

– Mas olha só! É *O Exorcista – O Início*. Um filmão!

Como sempre, Manuela cede e concorda com o irmão.

– Tá bom, mas fique pertinho de mim, hein!

Matheus põe o filme no aparelho de DVD e os dois se sentam para assistir.

78

Durante um tempo, ficam sentados encolhidos no sofá, iluminados apenas pela luz da tevê. Muito corajosas, essas crianças...

Até que, em certa cena especialmente assustadora, Manuela solta um gritinho e diz:

– Ai, não quero nem olhar.

Dessa vez, em vez de cobrir o rosto com as mãos, a menina volta os olhos para a janela, bem longe da tevê. E, nesse momento, vê a coisa mais assustadora de toda sua curta vida.

Pelo vidro da janela da sala, vê passar um vulto... um homem... um homem com um saco nas costas!

Ao mesmo tempo, ela e Matheus gritam, apavorados. Ele pela cena do filme, ela pelo homem do saco.

– Aaaaaaaaahhhhhhhhh!!!

Matheus logo se recupera. Afinal, ele sabe que é só fantasia.

– Uau! Essa assustou mesmo!

– Eu-eu vi! – Manuela gagueja com os olhos cheios d'água.

Matheus, achando que ela está falando do filme, reitera:

– Demais, né?

Mas Manuela está em pânico:

– Não. Não o filme, eu vi o homem...

– Que homem, Manu?

– O homem do saco! – Ela se agarra novamente ao braço do irmão.

– Mas não tem homem do saco nesse filme!

– Não no filme. Ali!

E aponta para a janela, onde o homem com o saco nas costas está parado, com o rosto colado no vidro, olhando fixamente para eles.

– Aaaaaaaaahhhhhhhhh!!!

Ele vê as crianças sozinhas. Pequenas, as duas, bem novinhas, pensa. Estão assustadas. Gritam.

Ele se afasta da janela e contorna a casa, indo até a porta da frente.

Agora os dois estão agarrados um no outro. Coisa demais para um homenzinho, não é?

Encolhidas, conversam baixinho para que o homem do saco não os veja ou ouça.

– Você viu, não viu? – pergunta Manuela.

– Vi-vi. – Sua voz é chorosa.

– A gente não devia ter desobedecido de novo – sentencia Manuela.

De repente, toca a campainha e, ao mesmo tempo, alguém bate à porta.

O medo que sente é imenso, mas Matheus consegue pensar. Corre até a porta para ver se está trancada. Depois, afasta-se um pouco e grita para seja lá quem for que está lá fora:

– Quem é? O que você quer?

– Saia daí, Matheus! Venha para cá! – Manuela não quer que nada aconteça com seu irmãozinho.

Lá de fora chega a voz forte, rouca:

– Sou o Tião, o homem do saco.

Manuela começa a chorar abertamente, e implora:

– Por favor, moço, não leve a gente, por favor...

– Vá embora – grita Matheus. – A gente promete se comportar.

Mas a voz rouca insiste:

– Se comportar??? Mas foi seu pai quem me mandou vir aqui.

Matheus, chocado, percebe que estão perdidos. Maldita hora em que resolveu sair para tomar sorvete...

Voltando-se para Manuela, diz:

– Você ouviu, Manu? O papai mandou ele aqui!

– Eu disse, eu disse. Agora ele vai pegar a gente.

Os dois choram, mas Matheus ainda tenta negociar o perdão. Protegido atrás da porta, diz:

– Vá embora, por favor, vá embora!

Mas ele não tem intenção de ir embora. Está ali por um motivo, e não irá embora enquanto não fizer o que tem de fazer.

– Peguem isto – Ele passa um pedaço de papel por baixo da porta. – É um recado do seu pai.

Matheus olha para o papel, desconfiado. Pega-o e vai para junto da irmã, encolhida no sofá ainda. Manuela já sabe ler, mas está tão nervosa que não consegue. Secando os olhos com as costas da mão, Matheus acende a luz. Lê:

Seu Tião.

Por favor, passe lá em casa e leve embora aqueles trastes que estão nos incomodando. É melhor levar dois sacos. Deixo este dinheiro como gratificação.

Obrigado.

Mauro.

Eles não podem acreditar.

– Trastes? – diz Matheus.

– Dois sacos? – diz Manuela.

E os dois gritam:

– Aaaaaaaaahhhhhhhhhhh!!!

Ouvem a campainha de novo, e mais batidas na porta. E a voz assustadora:

– Viram? Agora abram a porta para eu fazer o meu serviço. Já está pago, tenho que fazer.

– Vá embora, vá embora! – grita Matheus.

– Socorro, socorro! – grita mais alto ainda Manuela.

De repente, ouvem a maçaneta girar.

– Ele vai entrar, socorro, Matheus – chora Manuela.

A chave gira na fechadura. A maçaneta girando. A porta se abre lentamente.

– Aaaaaaaaahhhhhhhhhhh!!!

A porta se abre e finalmente o homem do saco entra. Sinistro, veste roupas velhas e esfarrapadas. Nas costas, os sacos.

– Eu quero a minha mãe! – Manuela grita e corre para o sofá.

– Olá, crianças – diz a voz rouca.

Matheus corre para o sofá também, e de lá pergunta:

– Co'como você abriu a porta?

– Seus pais abriram para mim – responde o homem do saco, enquanto entra acompanhado dos pais das crianças.

– Pai? Mãe? – Manuela procura os dois com o olhar.

Matheus não acredita que seus próprios pais os entregaram para o homem do saco.

– Vocês...

E os dois começam a espernear, gritar e chorar.

– Ei, mas que modos são esses? – Marta vai para junto deles sem entender o que está acontecendo.

– Assim vocês vão acabar assustando o seu Tião. Ele veio aqui para levar umas garrafas velhas e umas coisas que não servem mais que eu e a mamãe deixamos separadas na lavanderia, lembram? – Mauro explica, já começando a desconfiar o que está acontecendo.

Matheus interrompe o chlique rapidamente, seca novamente os olhos com as mãos e pergunta:

– Aqueles trecos lá atrás?

– Isso, aqueles trastes.

O homem do saco procura ajudar também:

– Eu trabalho recolhendo material para vender no ferro-velho.

As crianças, abobadas, ainda não conseguem absorver tudo aquilo.

– Ferro-velho... – diz Manuela.

– É, o ferro-velho da rua de trás – explica Marta.

Mauro, comovido com o sofrimento das crianças, mas um pouco divertido, diz:

– Já não falei para pararem de ver esses filmes de terror?

Já mais tranquilo, Matheus diz para Manuela, lembrando do “sumiço” do homem do saco de manhã:

– O ferro-velho da rua de trás...

E Manuela, concluindo o raciocínio do irmão:

– Perto do sorveteiro...

– Essas crianças – diz Mauro, mexendo a cabeça em sinal de reprovação. – Venha, seu Tião.

Mauro e o “homem do saco” vão para os fundos recolher as tralhas, enquanto as crianças, já calmas, contam à mãe a grande aventura que viveram enquanto estavam sozinhos.

– Aí, mãe, eu peguei e...

– Mas eu não estava com medo, é que...

Ah, essas crianças...

61

Esta história é baseada na lenda do homem do saco que vem assustando crianças pelo mundo há séculos. Lenda de origem incerta, acredita-se que foi trazida para o Brasil no século XIX pelos ciganos que aqui chegaram, e sempre foi muito usada pelos pais para assustar as crianças desobedientes. Mas... Será mesmo só uma lenda?

Talvez a primeira e última carta

Péricles Prade



esterro, 14 de março de 1983.

Seu Franklin,

há muito tempo, pode crer, deveria escrever, tamanha tem sido, verdadeiramente, a minha indignação com o teor de uma de suas narrativas publicadas no livro "O Fantástico na Ilha de Santa Catarina". Trata-se do texto intitulado "Bruxas Gêmeas", no qual uma grande mentira passou por indesmentível verdade somente porque foi escrito por alguém que é conhecido como o mais competente entendedor da matéria ligada ao mundo fadórico-bruxólico.

Para ser franca, estou mesmo é com um ódio inafastável no meu coração. E sabe por quê? Porque, durante todo esse tempo, já que a sua narrativa é de 1950 (fluíram-se, portanto, quarenta e três anos), tenho passado por uma bruxa, apesar de jamais ter feito malefício a quem quer que seja. O único gostinho que tenho é ficar nua, geralmente à noite, quando aparece a lua e um vizinho me olha de cima até embaixo, suspirando ou gemendo de modo estranho perto da janela de seu quarto, antes de dormir. Sei que é próprio das bruxas ficarem nuas, principalmente no sabá, alucinadas após a colocação do unguento (uma mistura de beladona, datura e meimendro, com a adição de gorduras animais) nos órgãos sexuais femininos para a maior excitação dos nervos. Mas não é esse tipo de alucinação que



tenho. Sou uma mulher comum, dessas que ficam nuas só pelo prazer de os outros vê-las atrás das portas, pelas fechaduras, portas entreabertas ou mesmo através de binóculos.

O fato é que, com a sua narrativa, não mais tive sossego nesta vida. Só atribulações e aborrecimentos constantes. Sou gêmea, não nego, sendo certo também que, após meus pais já terem seis filhas, resolveram partir para a sétima num dia em que vieram do trabalho mais cedo para a casa. Porém, e todos sabem, em vez de uma nasceram duas filhas.

Também não desconhece o senhor e tantos outros que, para a sétima filha mulher fugir do destino de bruxa, ou, como dizem, de fado bruxólico, a irmã mais velha tem que batizar a mais nova logo ao nascer. E isso não é o bastante: tem que ser batizada com o nome de Benta.

Como é do conhecimento geral, meu pai, quando soube pela parteira Custódia do Chico Pelego que ela havia esquecido de marcar qual das duas parições nascera primeiro, se Santa ou Benta ou Benta ou Santa, não teve outro jeito: procurou imediatamente sinhá Candinha Miringa, benzedeira e curandeira, sitiante no sertão do Peri, para solucionar o sério problema. Não adiantou nada e o seu Manoel Braseiro, meu pai, ficou na mesma, sem saber para qual das filhas deveria dar o nome de Benta e livrá-la do mal.

A velha, então, na dúvida teve que pedir interferência de Lúcifer, seu chefe. Belzebu, sem pestanejar, disse para Candinha que a Santa era a sua candidata a bruxa. Pois é. Como eu nunca gostei de padre, missa e muito menos fazer orações domésticas, e até porque uma benzedeira e curandeira de nome Timota, da Lagoinha do Leste, meteu na cabeça de um tal Jorgino Gargalão, morador da Costa de Dentro, que era eu a responsável pelas mordeduras em sua criança de seis meses, chupando-lhe o sangue.

Em seguida, é o que consta em sua narrativa, a benzedeira fez uma reza bruxólica braba, além de benzer três dentes de alho esmagados, colocando-os dentro de um prato com água para a filhinha beber, após ter aberto uma tesoura em cruz, espalhando mostarda pelo chão sob o berço dela. Feita a reza, Timota, cheia de bríos e para mostrar competência, disse que me exigia sentada;

nuazinha, sobre a caixa de guardar roupa, insistindo que o capeta havia enganado os meus pais.

Não é possível negar que alguém, parecidíssima comigo, em seguida sentou-se sobre a caixa, chorando, repreendida por Jorgino, sua mulher e principalmente Timota, que, excitada com o sucesso da empreitada, fez o milagre do descolamento espiritual, jogando água debaixo da aparecida.

Aqui, seu Franklin, é que a história deve ser mudada para não prevalecer a maior mentira de que se tem notícia na face da terra. A verdade é que não fui eu a chamada, mas Santa. Além do mais, foi ela que a benzedeira descolou da caixa. Foi ela, também, que recebeu todos os esculachos. Esqueceram-se que somos gêmeas e gêmeas iguais, absolutamente iguais, sendo vestidas uma idêntica a outra desde o nascimento. Portanto, foi a Santa, e não eu, quem nasceu em sétimo lugar. Passei por bruxa sem razão alguma.

Assim que minha irmã foi deslocada retornou a nossa casa, rindo a valer como nunca havia rido tanto antes, gozando-me até faltar. Eu nada pude fazer, senão chorar. Afinal, passo por bruxa até numa narrativa, não tendo o autor desta o cuidado de melhor estudar as malícias do demônio. Ele, esperto que é, disse que a bruxa era a Santa para todos pensarem que Benta seria a candidata, justamente por ser conhecidíssimo como um grande mentiroso.

Caíram em sua armadilha. Se o demo dissesse que a sétima era Benta, aí pensariam ser Santa a destinada, descobrindo-se a sua predileta e servidora. O diabo é que acabei muito sendo prejudicada e ridicularizada. Minha única salvação é o senhor. Suplico-lhe que desfaça o erro, redigindo a narrativa "As Gêmeas" de forma correta. Não sou bruxa, mas, mesmo na condição de oitava filha, pelo menos tenho o poder de fazer-lhe uma ameaça. Se até amanhã, dia 15, eu não for atendida, mudando o que deve ser mudado, morrerá para jamais voltar a cometer equívocos dessa natureza. E para aprender que não só as bruxas fazem mal.

É só, na expectativa de não ser esta primeira e última carta que lhe escrevo, caso não atenda a tão simples pedido.

Benta".

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: ANA CRISTINA N. GOMES MÜLLER
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 2 – QUINTA - FEIRA – 20/10/2011 – 1 h/a

TEMA: SOCIALIZAÇÃO DE TEXTOS TRAZIDOS PELOS ALUNOS

OBJETIVOS:

- Socializar histórias (Conto, Lenda e outros) trazidas pelos alunos;
- Desenvolver habilidades de uso da língua na modalidade oral (entonação, ritmo, expressividade) pela leitura de contos e lendas coletados pelos próprios alunos;
- Compreender o significado da fala do outro pela escuta ativa de textos lidos pelos próprios alunos.

CONTEÚDO:

- Contos e lendas: função social;
- O uso da modalidade oral da língua;
- Entonação, ritmo e expressividade ao ler em voz alta texto dos gêneros conto e lenda;
- Atribuição de sentido à fala dos outros.

METODOLOGIA:

Primeira etapa:

Os alunos farão a socialização dos textos que trouxeram, lendo em voz alta para os colegas. A professora orientará os alunos quanto à entonação, ao ritmo e à expressividade adequados para se ler contos e lendas, recuperando a tradição de contar histórias, trabalhadas na primeira aula.

Segunda etapa:

As estagiárias recolherão esses textos para avaliação e identificação das marcas de variedade linguística, assim como de problemas de uso da variedade padrão escrita do português, para auxiliar os alunos nas próximas aulas.

Observação: Caso os alunos não tragam os textos prontos, a professora pedirá aos alunos que escrevam na aula as histórias que conhecem. Neste caso, a socialização não será feita, e a aula será destinada apenas para a escrita dos textos.

RECURSOS:

- Textos que os alunos trouxeram.

AVALIAÇÃO:

Será avaliada a participação ativa dos alunos pela apresentação escrita e oral de contos e lendas solicitados na aula do dia 18.10.2011 e pela discussão dos textos lidos, considerando os seguintes critérios:

- ✓ Entonação, expressividade e ritmo na leitura dos textos trazidos;
- ✓ Respeito à opinião do colega;
- ✓ Interesse pelo assunto.

Na avaliação da Narrativa ficcional (lenda, conto ou outro gênero) serão considerados os seguintes critérios:

- ✓ Adequação do texto aos gêneros;
- ✓ Coerência e coesão textual;
- ✓ Adequação às convenções da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: STEFANY B. MIGUEL
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 3 – TERÇA-FEIRA – 25/10/2011 – 3 h/a

TEMA: AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS COMO MARCAS DE IDENTIDADE CULTURAL

OBJETIVOS:

- Conhecer e respeitar as variedades linguísticas, como marcas de identidade cultural;
- Identificar marcas de variedades linguísticas nos textos pesquisados e apresentados pelos alunos na aula do dia 20/10/2011;
- Analisar aspectos relativos à estrutura da língua com base nas “dificuldades” que se manifestam na escrita dos alunos;
- Distinguir usos da língua nas modalidades oral e escrita.

CONTEÚDO:

- Variedades linguísticas;
- Modalidades escrita e falada da língua;
- Diferentes usos da língua.

METODOLOGIA:

Primeira etapa:

A professora apresentará de forma expositivo-dialogada o tema A língua como identidade cultural. Para ilustrar o tema, a turma lerá em conjunto com a professora um texto/charge da internet chamado “Receita Mineira: Moi di repoi nu ai iói”. Para aprofundamento, serão lidos e discutidos os textos do livro didático “Digo e não peço segredo”, de Patativa do Assaré, e “As variedades da língua”.

Segunda etapa:

Tendo introduzido o assunto, os alunos irão analisar e identificar as marcas das diversidades linguísticas nos textos que pesquisaram e apresentaram na aula do dia 20/10/2011.

Terceira etapa:

Na sala multimídia, os alunos assistirão a um vídeo do comediante Nelson Freitas, como forma de ilustrar o estudo das variedades linguísticas.

Quarta etapa:

A professora analisará em conjunto com os alunos aspectos relativos às dificuldades manifestadas na escrita de textos, como falta de uso do plural das palavras, próprio da modalidade oral da língua. A professora mostrará aos alunos que há duas modalidades de uso da língua: oral e escrita. Através de aula expositivo-dialogada a professora explicará que os usos sociais da língua são distintos e exigem adequação do falante à situação de uso: com escolha da modalidade oral ou escrita, do registro mais ou menos formal. Esse assunto será aprofundado em outra aula.

RECURSOS:

- Textos dos alunos;
- Quadro e giz;
- Projetor multimídia;
- Computador;
- Sala multiuso.

AVALIAÇÃO:

Participação ativa na aula expositivo-dialogada sobre o fenômeno da variedade linguística e de aspectos estruturais da língua, pela resposta aos questionamentos da professora e pela proposição de questionamentos. Os alunos serão avaliados também pela identificação das marcas das variedades linguísticas nos textos que pesquisaram e apresentaram na aula do dia 20/10/2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

FARACO, Carlos Alberto. *Oficina de texto*. Carlos Alberto Faraco, Cristóvão Tezza – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. *Prática de texto para estudantes universitários*. Carlos Alberto Faraco, Cristóvão Tezza – Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS:

Vídeo Nelson Freitas “Como elogiar a mulher”. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=RdaT5Be8zkM&feature=related> >. Acesso em 10 out. 2011.

ANEXOS

Anexo A

Moi di Repoi nu ai iói

Ingridienti:

5 den di ái
3 cuié di ói
1 cabêss di repô
1 cuié di mastumati
Sali a gosto

Mé qui fais?!

Casca u ái, pica u ái e soca o
ái cum sali. Quenta o ói, foga
o ái no ói quentim.
Pica o repô bemmm finimm, foga
o repô.
Poim a mastumati mexi co cuié
pra fazê o moi.
Prontim!



Anexo B

Textos do livro didático

Pensando nessa afirmação, leia o próximo texto.

Texto – Depoimento autobiográfico

Quando eu era jovem mesmo, um parente de minha mãe me levou para o Pará. Lá eu inventei essa quadrinha:

Quando eu entrei no Pará
achei a terra maió
vivo debaixo de chuva
mas molhado de suó.

Lá eu conheci muita gente, visitei muitos cearenses que moravam lá, mas voltei logo. Depois eu voltei de minha viagem ao Pará, fui a Fortaleza, me apresentar à filha do grande poeta Juvenal Galeno. Levei uma carta de apresentação de José Carvalho de Brito, aquele que me deu o nome de Patativa. Lá eu cantei um pouco. Depois eu queria um livro dele. Foi aí que eu criei a “Carta à Doutora Henriqueta Galeno”. Eu conheci ela pessoalmente. Filha do grande Juvenal Galeno. Aí eu queria o livro do Juvenal Galeno, fiz essa carta e ela me ofereceu um presente do livro dele, com o título “Folhetim de Silvano”. A carta que escrevi era assim:

Incelentíssima dotôra
peço perdão à senhora
desta carta lhe enviá
mas leia os versos rastêro
de um cabôco violêro
do sertão do Ceará.
Sou o cantadô Patativa
que trôxe aquela missiva
aquele papê escrito
e cantou no seu salão
com a recomendação
do Zé Carvaio de Brito.

Aí ela mandou o livro.

Patativa do Assaré. *Digo e não peço segredo*. Org. Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2001.

Um olhar para a língua

Diferentes falares



1. Quem fala nos versos tem um jeito de se expressar típico de quem mantém a linguagem do homem do campo ou de quem vive na cidade?

Quem fala nos versos tem um jeito de se expressar típico de quem mantém a linguagem do homem do campo.

2. Assinale a alternativa correta. O registro dos versos:
- corresponde à maneira de falar de quem vive na área urbana.
 - buscou representar, por meio da escrita, a fala do sertanejo.
 - apresenta uma linguagem típica do público jovem.

O aluno deve assinalar a alternativa b: buscou representar, por meio da escrita, a fala do sertanejo.

3. Em determinado trecho do depoimento, Patativa afirma que enviou uma carta à doutora Henriqueta Galeno. Ele escreveu a carta em forma de versos. Releia o primeiro verso da carta-poema:

Incelentíssima dotôra

- a) Ao representar na escrita a maneira como fala, Patativa se dirigiu a Henriqueta Galeno usando uma linguagem mais formal ou uma linguagem solta, informal?

Ele usou uma linguagem mais formal.

- b) Por que ele empregou esse tipo de linguagem na carta?

Porque estava se dirigindo a uma autoridade, uma doutora, e considerou qual seria a maneira mais adequada de empregar a linguagem.

- c) Que palavras da carta-poema foram escritas buscando representar a maneira como o sertanejo fala e que são diferentes do modo como são registradas no dicionário?

Incelentíssima – dotôra – enviã – rastêro – cabôco – violêro – cantadó – trôxe – papê – Carvaio.

Educador, ofereça aos alunos um tempo para localizem essas palavras e as leiam em voz alta. É importante mencionar que o texto de Patativa registra uma representação de uma variedade linguística (no caso, a fala de um sertanejo mineiro). Não se trata de uma variedade real, mas de uma representação.

As variedades da língua

Em nossa sociedade há falares mais prestigiados e menos prestigiados. Damos o nome de **norma urbana de prestígio** aos falares urbanos que em uma comunidade linguística desfrutam de maior prestígio político, social e cultural. O uso da língua empregado por falantes cultos da área urbana costuma ser prestigiado socialmente, tanto na fala quanto na escrita.

Mas a língua pode se manifestar em outras variedades, ou seja, outras maneiras de falar e escrever, diferentes da norma de prestígio e tão legítimas quanto ela. Por ser dinâmica, a língua passa por processos naturais de mudança, variando na fala e na escrita, conforme o tempo em que se vive, lugar onde se mora, idade, sexo, grau de escolaridade, circunstâncias em que a produzimos. A essas diferentes maneiras de falar e escrever, incluindo a norma urbana de prestígio, chamamos **variedades linguísticas**.

Níveis de linguagem: formal e informal

Tanto na fala quanto na escrita há situações em que é mais adequado empregar a linguagem formal e outras que requerem um nível de linguagem mais informal. Isso dependerá da situação comunicativa em que o falante se encontra. Por exemplo: quando alguém está em um bate-papo descontraído com um colega ou com os familiares, é comum o uso de uma linguagem espontânea, informal. Já Patativa preferiu usar uma linguagem mais formal para se dirigir à doutora Henriqueta Galeno, provavelmente pelo fato de ela ser filha de um grande poeta.

- d) Ao escrever a carta, Patativa conseguiu ser compreendido e obteve a resposta que queria? Como você concluiu isso?

O poeta, na variedade linguística que emprega, consegue ser compreendido e ter sucesso na comunicação. Prova disso é que no final ele diz "Ai ela mandou o livro", registrando que o seu pedido foi atendido. Educador, comente com os alunos que, além da norma urbana de prestígio existem outras variedades linguísticas que, igualmente legítimas, devem ser respeitadas e valorizadas. É necessário esclarecer aos alunos que não se trata de "falar certo" ou "falar errado", mas de perceber a importância de o falante adequar a linguagem a cada situação comunicativa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: ANA C. N. GOMES MÜLLER
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 4 – TERÇA-FEIRA – 01/11/2011 – 3 h/a

TEMA: APROFUNDAMENTO DOS GÊNEROS CONTO E LENDA

OBJETIVOS:

- Reconhecer o conto e a lenda como gêneros do discurso, considerando a função social, a esfera de circulação e a forma de composição;
- Identificar as marcas discursivas e textuais (estrutura narrativa), os recursos expressivos e as marcas linguísticas (espaço-tempo e adjetivos na construção de cenários e personagens);
- Identificar semelhanças e diferenças entre contos e lendas, com base na análise das especificidades de cada um.

CONTEÚDO:

- Contos e lendas: função social, esferas de circulação e forma de composição;
- Marcas discursivas e textuais (estrutura narrativa)

- Marcas linguísticas: marcadores espaço-temporais; adjetivos na construção de personagens e cenários.

METODOLOGIA:

Primeira etapa:

A professora irá definir o que são os gêneros Conto e Lenda, suas funções sociais, suas condições de produção e suas formas de composição (marcas discursivas, textuais e linguísticas). Essa definição será feita com base em um texto de cada gênero. O professor escreverá no quadro trechos do conto que exemplificam suas marcas. Esta aula será organizada a partir da leitura e análise dos textos com os alunos. Com base em questionamentos, o professor irá provocando os alunos para identificarem o que faz desses textos um conto e uma lenda. À medida que vão identificando, o professor destacará no quadro os trechos que exemplificam os conceitos que estão em estudo. Por fim, a professora fará uma exposição para sistematizar o estudo.

RECURSOS:

- Serão os mesmos textos entregues na primeira aula: “O abençoado” (conto), de Júlio Queiroz e “Como surgiu a noite” (lenda), de Tia Regina.
- Quadro e giz.

AValiação:

Os alunos serão avaliados pela participação efetiva nas atividades de análise dos textos e de identificação da função social, das esferas de circulação, das marcas discursivas e linguísticas e dos recursos expressivos. Como critérios serão considerados a pertinência das respostas aos questionamentos propostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

Educação de Jovens e Adultos 6º ano (Coleção Tempo de Aprender) – Volume 1 – 2ª edição. São Paulo: IBEP, 2009.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (org.). *13 Cascaes*. Ilustrações: Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

PORTAL DO PROFESSOR. Disponível em <http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-textos-narrativos/> >. Acesso em 05 out. 2011.

REGINA, Tia. *Histórias e lendas do Brasil*. Adaptação do texto original de Gonçalves Ribeiro; ilustrações J.Lanzelotti. São Paulo / APEL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: ANA C. N. GOMES MÜLLER
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 5 – SEXTA-FEIRA - 04/11/2011 – 2 h/a

TEMA: REESCRITA DE TEXTOS

OBJETIVOS:

- Empregar adequadamente os recursos expressivos e as marcas discursivas e linguísticas próprios de contos e lendas;
- Empregar adequadamente as variedades linguísticas, como marca de identidade cultural;
- Adequar os textos ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita, considerando os aspectos trabalhados na aula do dia 25/10/2011.
- Reescrever textos – Conto e Lenda – pesquisados e apresentados na aula do dia 20/10/2011, considerando a função social e a forma de composição próprias desse gênero.

CONTEÚDO:

- Reescrita de Contos e Lendas;

- Recursos expressivos, marcas discursivas e linguísticas próprios de contos e lendas;
- Variedades linguísticas.

METODOLOGIA:

Nesta aula os alunos farão a reescrita dos textos com base no que foi discutido nas aulas anteriores sobre os usos sociais da língua e a norma padrão escrita da língua. A professora atenderá os alunos individualmente. Antes de iniciar a reescrita a professora retomará aspectos discutidos nas aulas do dia 25/10.

RECURSOS:

- Textos dos alunos.

AVALIAÇÃO:

Os alunos serão avaliados pela participação na reescrita dos contos e lendas. Como critérios serão considerados a adequação ao gênero solicitado, a coerência e coesão textual e às regras da variedade padrão escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

ANEXOS

Anexo A

Foto:



Observação: Apenas a aluna Lúcia compareceu a aula. A aluna nos relatou um pouco da sua experiência de vida e nos pediu auxílio para redigir uma redação da disciplina de história.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: STEFANY B. MIGUEL
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 6 – SEXTA-FEIRA – 11/11/2011 2 h/a

TEMA: APROFUNDAMENTO SOBRE VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM CONTOS E LENDAS E REESCRITA DE TEXTOS

OBJETIVOS:

- Definir o que é variedade linguística e preconceito linguístico;
- Conhecer e respeitar as variedades linguísticas como marcas de identidade cultural;
- Distinguir usos da língua nas modalidades oral e escrita;
- Empregar adequadamente os recursos expressivos e as marcas discursivas e linguísticas próprios de contos e lendas;
- Empregar adequadamente as variedades linguísticas, como marca de identidade cultural;
- Adequar os textos ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita, considerando os aspectos trabalhados na aula do dia 25/10/2011.
- Reescrever textos – Conto e Lenda – pesquisados e apresentados na aula do dia 20/10/2011, considerando a função social e a forma de composição próprias desses gêneros.

CONTEÚDO:

- Variedades linguísticas.
- Usos sociais da língua;
- Modalidades oral e escrita da língua;
- Reescrita de Contos e Lendas;
- Recursos expressivos, marcas discursivas e linguísticas próprios de contos e lendas.

METODOLOGIA:

Primeira etapa:

Nesta aula a professora irá aprofundar/retomar a questão das variedades linguísticas através de exercícios do livro didático. Os alunos devem reconhecer, em sua própria prática linguística, a presença das variedades. O professor deve estimular essa autorreflexão a partir dos seguintes questionamentos: a) Vocês falam com a mãe de vocês da mesma forma que falam com seus amigos?; b) Uma pessoa que mora em outra região do país fala da mesma forma como vocês? e c) Você escreve da mesma maneira que fala?

Segunda etapa:

Alunos farão exercícios do livro didático, da página 28, referentes aos textos lidos na aula do dia 25/10 (a professora auxiliará os alunos). O exercício será entregue à professora para correção

Terceira etapa:

Os alunos farão a reescrita dos textos com base no que foi discutido até agora sobre os usos sociais da língua e a norma padrão escrita da língua. Professora atenderá os alunos individualmente. Antes de iniciar a reescrita a professora retomará aspectos discutidos nas aulas do dia 25/10.

RECURSOS:

- Livro didático;
- Quadro e giz;
- Textos dos discentes.

AValiação:

Os alunos serão avaliados pela participação ativa na aula, considerando a pertinência das respostas aos questionamentos da professora, a proposição de questionamentos e o respeito à opinião do colega. Os alunos serão avaliados também pela resolução dos exercícios, considerando a compreensão das questões e a adequação das respostas. Os discentes serão avaliados ainda pela participação na reescrita dos contos e lendas. Como critérios, serão considerados a adequação ao gênero solicitado, a coerência e coesão textual e às regras da variedade padrão escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

FARACO, Carlos Alberto. *Oficina de texto*. Carlos Alberto Faraco, Cristóvão Tezza – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. *Prática de texto para estudantes universitários*. Carlos Alberto Faraco, Cristóvão Tezza – Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009

Anexos

Anexo A

Exercícios do livro

Sua vez...



1. Observe as expressões a seguir, que costumam andar na boca do nosso povo:



Agora, responda:

- Você acha que as pessoas que vivem em sua região se identificariam com alguma dessas expressões ou diriam isso de outra maneira?
- Há alguma expressão que você não saiba o que significa? Qual?
- É possível um brasileiro não compreender alguma expressão usada por outro brasileiro, apesar de falarem a mesma língua? Por quê?
- Se você vivenciou ou soube de alguém que tenha vivido uma situação parecida com a mencionada na questão anterior, conte para a sua turma.
- Você acha que há preconceito por causa da maneira de falar das pessoas? O que você pensa sobre isso?

E eu com isso?

Agora, que tal montar um varal literário com parlendas, adivinhas, pegadinhas e provérbios?

Para isso, pesquise as brincadeiras mais conhecidas da região em que você viveu sua infância. Será possível obter parlendas, provérbios, pegadinhas e adivinhas se você conversar com parentes, amigos ou outras pessoas que conseguirem se recordar delas.

Em folhas coloridas, tamanho sulfite, escreva os textos e cole as imagens de maneira que possam ser lidos com facilidade.

O varal poderá também conter fotos antigas para ajudar a criar um clima de volta ao passado.

Na hora de copiar os textos, não se esqueça: eles precisam ficar bem visíveis. Prenda todo esse material num varal e coloque-o em exposição.

Boas recordações! Educador, as etapas deste projeto podem resultar num processo fótico. Veja orientações no Manual específico.

Aula 4 - Brincadeiras de Infância / Varal / Parlendas
 Aula 5 - O que continua ser lido
 Aula 6 - Visite a Biblioteca.

Anexo B

Respostas dos alunos aos exercícios.

Data 11/11/2011

Nome: Marcilene Edineia de Lencade

Língua Portuguesa

Pg. 28. Exercícios

Respostas.

1. a) Sim, as pessoas na minha região que se expressam dessas maneiras. Bah, que chuva, nessa que chuva, heinn? Esta chuva danada.
- b) Que calor, é força de chuva, que temperal.
- c) Porque as cidades nas quais as expressões delas são de cunho palavrado.
- d) Os cariocas usam tutu para falar piraõ de feijão
- e) Acho que cada um fala da forma que aprendeu. Penso que devemos respeitá-los em tentar ajudá-los.

C.E.M.I.A
Disciplina: Português
Professora: Stefany B. Miguel
Aluna: Lúcia Borges dos Santos
Turma 508 - 5ª Série

Sua vez

a) na minha região eles falam; nossa, que churrasco, hein?

b) sei todas.

c) É possível, porque tem regiões desse imenso país que usam expressões e um linguajar diferente.

d) não.

e) sim, penso que devemos respeitar a maneira das pessoas falarem.

Nome: Eldereida Silva Turma 508

Lingua Portuguesa

a. Esta chuva chamada.

b. É que a chuva

c. Sim porque tem vários brasileiros que não dos outros estados e tem muitos modos de falar.

d. Já foi falado no último vídeo.

e. Sim tem vários sotaques e os modos das pessoas falar.

	/	/					
S	T	Q	Q	S	S	Q	
L	M	M	J	V	S	Q	



NAME: Rami Emília dos Santos

Turma: 508

Língua Portuguesa

Pá: 28 - Exercícios Respostas

a - Bah que chura

b - Égua que chura

c - Sim, porque em cada parte do Brasil tem sotaques diferentes.

d - Já foi comentado nas últimas aulas

e - Sim, porque se a pessoa fala com um sotaque diferente não porque ela que -



Anexo C

Foto:



Aluna Marcilene reescrevendo seu texto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I
PROFESSORA: MARIA IZABEL DE BORTOLI HENTZ
C. E. M. PROFESSORA MARIA IRACEMA MARTINS DE ANDRADE
PROFESSORA REGENTE DA TURMA: KARLA PARMIGIANI
ESTAGIÁRIA RESPONSÁVEL PELA AULA: ANA C. N. GOMES MÜLLER
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 5ª SÉRIE – EJA

AULA 7 – SEXTA-FEIRA – 18/11/2011 – 2 h/a

TEMA: MONTAGEM DO VARAL LITERÁRIO

OBJETIVOS:

- Organizar um varal literário com os textos produzidos pelos alunos;
- Encerrar as atividades de docência;
- Agradecer aos participantes.

CONTEÚDO:

- Contos e Lendas;
- Montagem de um varal literário
- Variedades linguísticas.

METODOLOGIA:

Primeira etapa:

Montagem do varal literário com os textos que os alunos produziram. Esta atividade será realizada pelos alunos em conjunto com as estagiárias. Os textos dos alunos estarão digitados.

Segunda etapa:

Colocação do varal literário no corredor.

Terceira etapa:

Encerramento das atividades, mostrando que não há um jeito certo ou errado de falar, mas diferentes situações de uso em que há formas adequadas e inadequadas a cada situação.

Quarta etapa:

Agradecimento a todos os participantes e apresentação de um vídeo com a música “Ana e o Mar” do grupo musical “O teatro mágico” na sala multimídia. Encerramento das atividades.

RECURSOS:

- Textos dos alunos digitados;
- Barbante;
- Letreiro “Contos e Lendas – Um olhar para a variedade da língua”
- Grampos de roupa;
- Furador;
- Fita adesiva;
- Tachinhas;
- Projetor multimídia;

- Computador;
- Sala multiuso.

AVALIAÇÃO:

Participação na organização do varal literário, considerando o envolvimento na atividade, a criatividade e o respeito aos colegas e ao professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

BRASIL (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS:

Vídeo “Ana e o mar – Teatro Mágico”. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=HDwHQk70-P8> >. Acesso em 14 nov. 2011.

ANEXOS

Anexo A

Textos dos alunos que foram para o varal depois da reescrita:

A Loira do Banheiro

Minha avó me contou uma história muito popular em São Paulo. Dizem que algo sobrenatural pode ocorrer nos banheiros, pois uma menina loira, muito bonita, vivia matando aula na escola e ficava dentro do banheiro. Ela fumava e fazia hora. Um dia, durante essas escapadas, ela caiu, bateu com a cabeça e morreu. Desde esse dia, os banheiros femininos das escolas são assombrados pelo espírito de uma loira que aparece quando se entra sozinho.

A história da loira do banheiro possui outra versão: a garota do algodão. Nesta história, dizem que a loira aparece com o rosto cheio de cicatrizes e fere as garotas que entram no banheiro. Ela aparece com um algodão no nariz pedindo para que as pessoas o tirem. Dizem que é uma criatura sobrenatural.

Elder

Maria Sangrenta

Dizem por aí que a Maria Sangrenta é uma mulher com vestido vermelho que escorre sangue. Para fazer o feitiço/ritual para ela aparecer tem que escrever o nome dela no espelho do banheiro com um batom e falar o nome dela três vezes. Então ela aparece e a porta se fecha. A pessoa que faz isso fica presa no banheiro por certo tempo e quando sai fica com o olho vermelho. Isso é tudo que eu sei sobre a história da Maria Sangrenta.

Renê

Histórias de Bruxas

Há muitos anos, em uma pequena cidade do interior de Santa Catarina, chamada Major Gercino, algo assustava os moradores do local.

Todas as madrugadas ouviam-se muitas gargalhadas e gritos de bruxas. Entre esses moradores estava o meu avô, na época com 13 anos. Não existia luz elétrica, somente velas, tornando o ambiente mais escuro. Conta-se ainda que uma moradora,

chamada Dona Benta, muito religiosa, era a única que não tinha medo das bruxas.

Numa noite, Dona Benta fez vários trilhos de alhos na beira do rio e rezou muito. Desde então, as bruxas nunca mais apareceram para perturbar os moradores do local. Lenda ou não, até hoje as pessoas não passam mais no rio à noite.

Marcilene

O Jogo do Compasso

Um dia eu estava na escola e uma amiga perguntou se eu queria jogar o jogo do compasso. Naquele tempo, eu nem sabia o que era isso. Minha amiga então me explicou como se jogava. Eu joguei. A cada pergunta que eu fazia o compasso parava no SIM ou no NÃO.

Eu era bem pequena e não sabia dessas coisas. Minha amiga falou várias coisas que iam acontecer comigo e eu ficava morrendo de medo, quase chorei. Uma das coisas que eu lembro é que ela disse que quando eu saísse da escola eu ia ser atropelada e quebraria um braço. Nem tive coragem de sair da escola, mas tive que sair. Fui andando bem na calçada pra que nada me acontecesse. Depois desse dia eu nunca mais brinquei de compasso.

Camila

Minha Lembrança

Eu lembro que um dia uma amiga minha colocou umas roupas pretas, fez uma roda e colocou nela todo o alfabeto. Ela fez um desenho com uma roda em cima de uma estrela e colocou um copo em cima desse desenho. O copo começou a se mexer sozinho! Eu fiquei com muito medo. Olhei para ver o que estava acontecendo, mas não tinha nada que pudesse mover o copo. Então eu fiquei com mais medo ainda e nunca mais dormi na casa dela. Como eu era pequeno ainda, não queria mais entrar na casa dela. Hoje em dia, eu converso com ela e sei que ela parou de fazer aquilo, frequenta a igreja e não faz mais esse tipo de brincadeira. É o que eu sei.

William Costa

O Lobisomem

Era março de 1961. Eu, com dez anos, e minha família saímos de mudança de Curitiba – PR para Campo-Erê – SC. Chovia muito quando saímos de Curitiba. Ao chegarmos ao vilarejo de São Mateus do Sul, que fica perto de Curitiba, informaram ao motorista do caminhão de mudança que, por causa do barro e da lama na estrada, ele não podia prosseguir a viagem. Naquela época, asfaltavam a BR-116 trecho Paraná. No vilarejo, havia uma casa de madeira em construção que não tinha janelas e portas prontas. O senhor que era dono da casa cedeu-a para meu pai ficar até que o tempo melhorasse e pudéssemos prosseguir a viagem.

Meu pai improvisou umas tábuas nas janelas e portas e espalhou colchões nos quartos. À noite, mamãe fez um jantar no fogareiro a querosene com a ajuda de um lampião, também a querosene. Jantamos. A mãe lavou a louça e jogou os ossos de frango do jantar no que seria a janela da cozinha. Não sei precisar quanto tempo depois pulei da cama com os gritos da mamãe. Meu pai já saía porta afora com um facão na mão. Eu e mamãe seguimos meu pai. Nesse momento, os vizinhos juntaram-se a ele para perseguir o bicho “lobisomem”.

Eu, sem entender direito o que se passava, os acompanhei no encalço do referido lobisomem, pois queria vê-lo. Os homens foram na frente, eu e minha mãe atrás, até que mamãe desistiu e não me deixou prosseguir. Meu pai e os vizinhos disseram que o bicho sumiu no cemitério do vilarejo.

Disseram meus pais que, quando deitaram, ouviram uns grunhidos e mastigar de ossos diferentes e que meu pai foi ver. Era lua cheia, mas estava nublado e não dava pra ver muito bem. O pai voltou ao quarto e disse pra mãe que tinha visto um vulto enorme lá fora e ia pegar a lanterna. Minha mãe o seguiu e quando ele focou a lanterna, ela começou a gritar por causa do bicho peludo que viu, disse que parecia um urso com cara de cachorro.

Comentava-se no lugarejo que o referido bicho, ou lobisomem, sei lá o quê, aparecia de tempos em tempos e que muitos moradores já tinham visto. Ficamos mais uma semana lá. À noite, meus pais se revezavam para cuidar de nós porque sentíamos muito medo. As janelas e portas foram pregadas com tábuas para maior segurança.

Nunca mais voltei àquele lugar, mas hoje sei que se tornou um grande polo petroquímico e é a capital brasileira do xisto.²

Lúcia

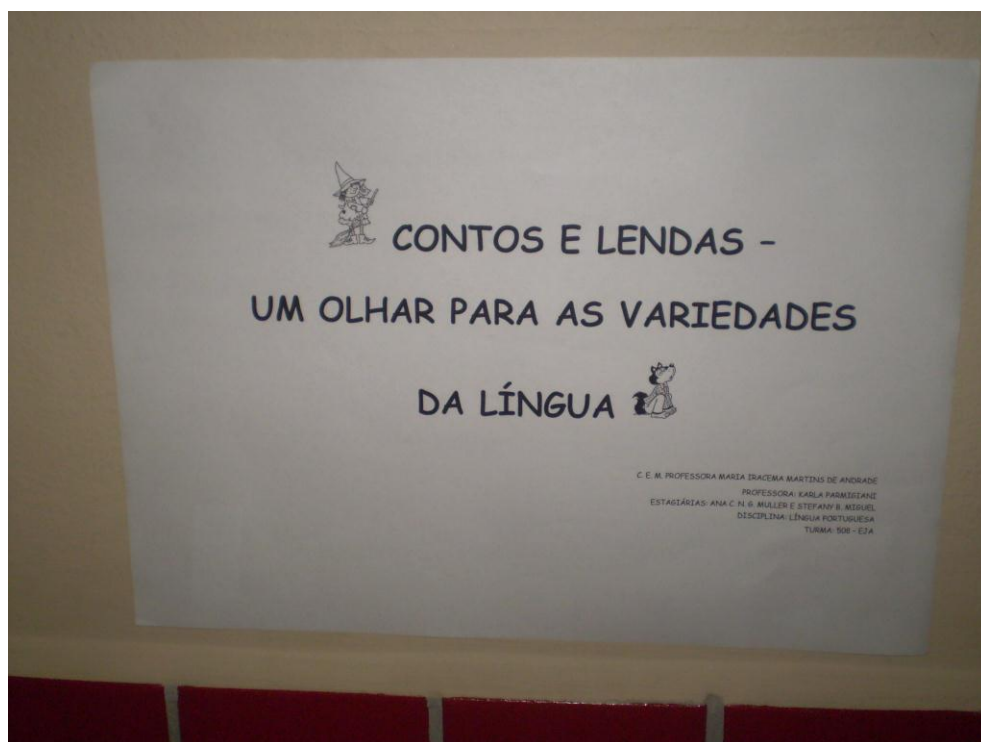
Anexo B

Fotos:



² Designação de um grupo de rochas.





Anexo C:

Avaliação das professoras estagiárias pelos alunos.

0000 São José DSTQRSS
Aluna - Lúcia Borges dos Santos

Stefan e Ana Cristina, vocês foram ótimas professoras, nos ensinaram com muita paciência, dedicação e sabedoria. Tivemos conhecimentos de português que não fazíamos ideia

As aulas por vocês ministradas foram muito interessantes, os temas abordados a paciência conosco, a tolerância. Admiro vocês, só pelo fato de quererem ser professoras. Parabéns!

Obrigada, agradeço de coração por tudo que me ensinaram nesses dias, aprendi muito. Lhes desejo muita sorte e sucesso como professoras.

Obrigada!

18/11/2011

Avaliação das Professoras

Ema Cristina e Stefany

Como professoras não poderiam ser melhores,
Têm a paciência e dedicação com o aluno, mostram
interesse e responsabilidade no que fazem são dedicadas
e nos dão atenção necessária para nossos objetivos.

Não achei de nada que pudesse fazer críticas a vocês.
eu gostei muito de participar com vocês nas aulas que
frequentei. Espero que continuem assim, Vocês estão de
parabéns.

Desejo a Vocês boa sorte

Vocês são ~~escelentes~~
excelentes.

Beijos para vocês!

Ass: marcilene

508

Stefany e Lino

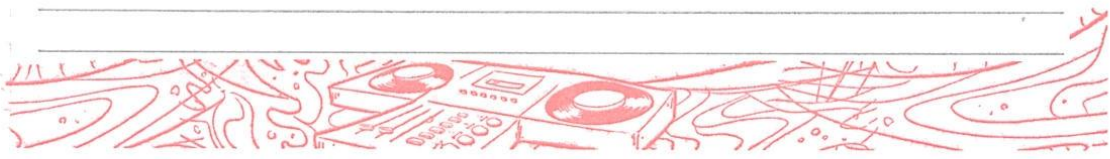
Os aulas das prof: me role de aula
foi bom, elas passaram muitas atividades
legal me role de video, as historias que
Tinha que ler uma lenda foi uma
atividade mais que eu gostei são uma
preparata, tem jogos que ajudaram muito
mais, não tinha nada para reclame.



	/	/							
S	T	Q	W	S	S	S	Q		
7	M	M	J	V	S	Q			

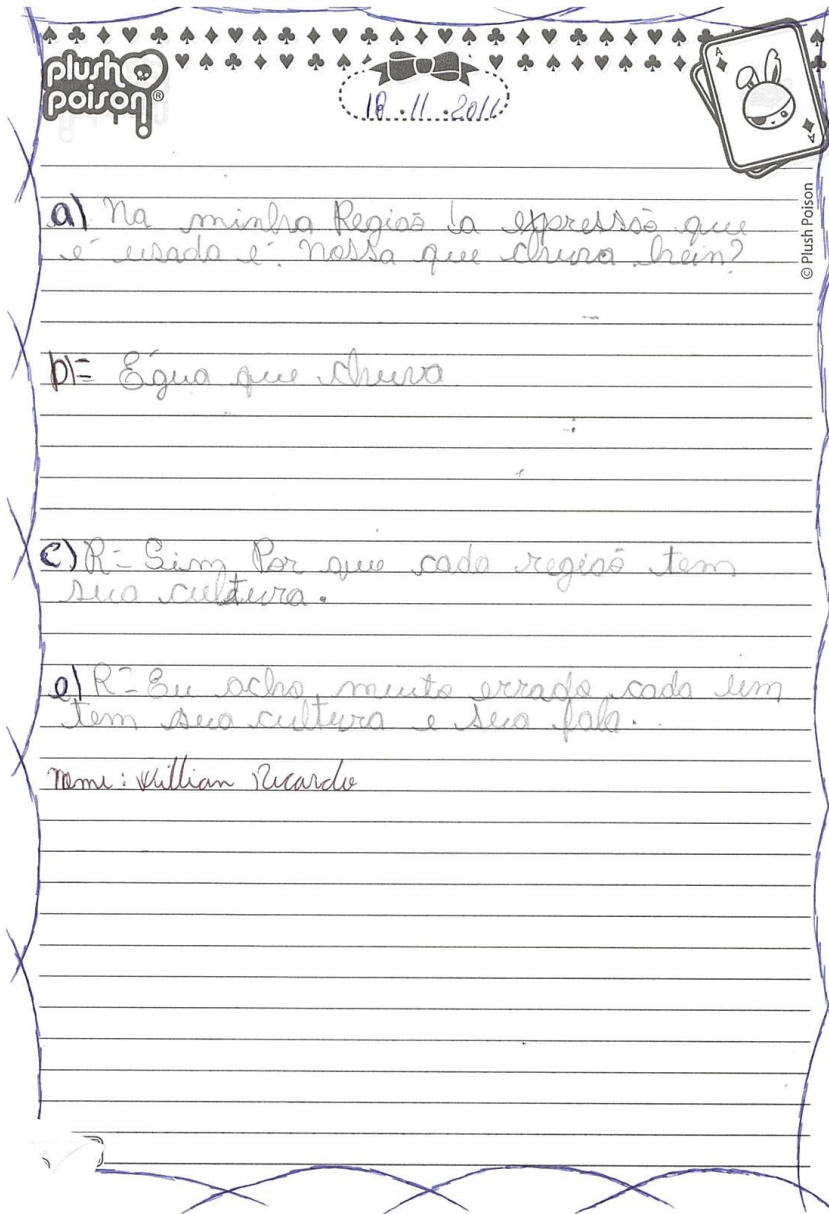
NOME: Renê Emílio dos Santos

Eu gostei quando elas leram a turma para a sala de vídeo e daí lá nós vimos um vídeo do Nelson Freitas sobre variedades linguísticas e brincamos para saúde da aula pois uma atividade. Mas eu gostei das duas elas são muito alegres e gente boa de isso.



Anexo D

Exercícios feitos pelo aluno Willian Ricardo. Como o aluno não compareceu apenas na primeira e na última aula, resolvemos aplicar o exercício para que tivesse uma forma de avaliação.



plush poison®

18.11.2016

♠️

© Plush Poison

a) Na minha Região a expressão que é usada é: Nessa que chura hein?

P= Égua que chura

R= Sim Por que cada região tem sua cultura.

R= Eu acho muito errado, cada um tem sua cultura e sua fala.

nome: Willian Ricardo

4.3 Avaliação dos alunos durante a execução do projeto

Os alunos foram avaliados em todos os momentos das aulas do projeto, propiciando assim uma avaliação formativa. Foram considerados pelas estagiárias os seguintes aspectos: criatividade, participação, entusiasmo, cooperação, capacidade de trabalhar em equipe e compreensão dos assuntos tratados na aula.

4.3.1 Avaliação dos textos

A produção da narrativa ficcional (lenda, conto ou outro gênero) foi avaliada com base nos seguintes critérios:

- Adequação do texto aos gêneros;
- Coerência e coesão textual;
- Adequação às convenções da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa;
- Entrega de atividades individuais;
- Entrega das versões de reescrita (as estagiárias atribuíram nota 5,0 para cada versão do texto. O aluno que entregasse as duas versões de acordo com os critérios acima, ganharia nota 10).

Com base nestes critérios, as notas foram as seguintes:

Aluno	Primeira versão	Segunda versão	Nota
Camila	Sim	Não	5
Denize	Sim	Sim	10
Elder	Sim	Sim	10
Fernando	Sim	Não	5
Marcilene	Sim	Sim	10
Lúcia	Sim	Sim	10
René	Sim	Sim	10
William C.	Sim	Não	5
Willian Ricardo	Não	Não	0

4.3.2 Avaliação da participação

A participação em sala de aula foi avaliada com base nos seguintes critérios:

- Discute com o grupo;
- Respeita a opinião do colega;
- Fala ao menos uma vez;
- Lê os textos trazidos;
- Interessa-se pelo assunto;
- Traz o texto solicitado;
- Realiza as tarefas pedidas;
- Presença em sala de aula.

A participação em cada aula valia 1,5 pontos e foi arredondado conforme o comprometimento de cada aluno com as atividades.

Com base nos critérios acima, as notas são as seguintes:

Aluno	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Aula 6	Aula 7	Nota
Camila	X		x					4,0
Denize	X	x	x	x				7,0
Elder	X					x	x	6,0
Fernando	X	x	x	x				7,0
Marcilene	X	x	x			x	x	8,0
Lúcia	X	x	x	x	x	x	x	10
René	X		x			x	x	7,0
William C.	X	x	x	x				7,0
Willian Ricardo	X						x	4,0

4.3.3 Avaliação dos exercícios

Os exercícios do livro didático foram avaliados com base nos seguintes critérios:

- Entende as questões, sabe interpretar;
- Responde corretamente.

Aluno	Fez os exercícios?	Respondeu corretamente?	Nota
Camila	Não	-	0
Denize	Não	-	0
Elder	Sim	Sim	10
Fernando	Não	-	0
Marcilene	Sim	Sim	10
Lúcia	Sim	Sim	10
René	Sim	Sim	10
William C.	Não	-	0
Willian Ricardo	Sim	Sim	10

4.3.4 Notas finais

As notas finais são resultado de média aritmética. Foram arredondadas para mais ou para menos.

Aluno	Participação	Texto	Exercícios	Nota Final
Camila	4,0	5	0	3
Denize	7,0	10	0	6
Elder	6,0	10	10	8,5
Fernando	7,0	5	0	4

Marcilene	8,0	10	10	9,5
Lúcia	10	10	10	10
René	7,0	10	10	9
William C.	7,0	5	0	4
Willian Ricardo	4,0	0	10	4,5

5 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA:

5.1 Descrição das aulas:

Aula 1: A professora orientadora, Maria Izabel, apresentou as estagiárias para a turma e as mesmas começaram relatando sobre o projeto de estágio. A estagiária Stefany conversou com os alunos sobre o “contar histórias”, sobre que histórias eles gostam de ouvir e de ler, o que eles leem, o que eles gostam etc. Foi uma conversa informal, para instigar os alunos a se envolverem com o projeto e lerem os textos propostos. Os alunos foram até a biblioteca, para entrar em contato com o universo dos livros. Antes disso, a professora leu em voz alta o conto, em forma de carta, do autor Péricles Prade “Talvez a primeira e última carta”, do livro 13 Cascaes. Os livros usados também passaram de mão em mão, para estreitar as relações entre alunos e livros. A professora distribuiu cópias dos 2 contos e das 2 lendas propostos para os alunos. A maioria dos alunos leu todos os textos. A professora situou os alunos quanto aos autores dos textos e quando foram produzidos. Nesse momento da aula, os alunos leram por fruição (leitura individual e silenciosa). No final da última aula, a professora pediu aos alunos que trouxessem no próximo encontro textos como lendas e histórias que eles conhecem, que costumam ouvir. Em nosso ponto de vista, a primeira aula foi muito proveitosa, pois todos os alunos estavam presentes. Ir até a biblioteca foi uma atividade diferente e eles gostaram bastante, pois estavam todos juntos lendo e dando suas opiniões sobre os contos e lendas que conheciam. Todos os alunos participaram e a professora regente da turma comentou conosco que eles nunca haviam lido tanto na sala. Alguns alunos comentaram que nunca haviam lido tanto também.

Aula 2: A estagiária Ana propôs que os alunos sentassem em círculo para que não se sentissem intimidados em relatar suas experiências. Os alunos fizeram a socialização dos textos que trouxeram, lendo em voz alta para os colegas. Antes disso, a professora orientou os alunos quanto à entonação, ao ritmo e à expressividade adequados para se ler contos e lendas, recuperando a tradição de contar histórias, trabalhadas na primeira aula. Enquanto os alunos liam, as professoras iam elogiando os alunos pela boa leitura. As

estagiárias recolheram os textos para avaliação e identificação das marcas de variedade linguística, assim como de problemas de uso da variedade padrão escrita do português, para auxiliar os alunos nas próximas aulas. A maioria dos alunos fez a tarefa como, por exemplo, Lúcia, Denise, Fernando, Marcilene. O aluno William Costa compareceu na aula mas não trouxe o texto e ficou com vergonha, mas comentou sobre a sua história (história do jogo do copo). Estavam presentes: Denize, Fernando, Lúcia, Marcilene e William Costa.

Aula 3: A professora inicia a aula entregando os textos dos alunos para reescrita. Nesta aula, a professora apresenta de forma expositivo-dialogada o tema “A língua como identidade cultural”. Para ilustrar o tema, a turma leu em conjunto com a professora um texto/charge da internet chamado “Receita Mineira: Moi di repoi nu ai iói”. Para aprofundamento, foram lidos e discutidos os textos do livro didático “Digo e não peço segredo”, de Patativa do Assaré, e “As variedades da língua”. Tendo introduzido o assunto, os alunos analisaram e identificaram, juntamente com as estagiárias, as marcas das diversidades linguísticas nos textos que pesquisaram e apresentaram na aula do dia 20/10/2011. Na sala multimídia, os alunos assistiram a um vídeo do comediante Nelson Freitas, como forma de ilustrar o estudo das variedades linguísticas. A professora analisou em conjunto com os alunos aspectos relativos às dificuldades manifestadas na escrita de textos, como falta de uso do plural das palavras, próprio da modalidade oral da língua. A professora mostrou aos alunos que há duas modalidades de uso da língua: oral e escrita. Através de aula expositivo-dialogada a professora explicou que os usos sociais da língua são distintos e exigem adequação do falante à situação de uso: com escolha da modalidade oral ou escrita, do registro mais ou menos formal. A professora colocou no quadro aspectos da linguagem oral nos textos dos alunos para que eles percebessem isso nos próprios textos.

Nesta aula, os alunos conversaram bastante e a todo o momento a professora chamava a atenção dos alunos para o tema da aula. Eles gostaram bastante da charge levada, pois retratou a fala do mineiro e pode ser feita comparação com os diversos sotaques e variedades linguísticas do Brasil. Posteriormente, fomos à sala de multimídia para assistir o vídeo sobre a variedade da língua. Este momento foi muito interessante,

pois os alunos interagiram com a professora e lembraram os sotaques da região. Todos elogiaram o vídeo e pediram para assistir outra vez. Estavam presentes: Camila, Denize, Fernando, Lúcia, Marcilene, René e William C.

Aula 4: Neste dia, as aulas foram adiantadas e agrupadas, pois os professores receberam dispensa para um jantar na secretaria de educação. A professora definiu o que são os gêneros Conto e Lenda, suas funções sociais, suas condições de produção e suas formas de composição. A estagiária Ana colocou no quadro trechos do conto “O abençoado” e da lenda “Como surgiu a noite” para exemplificar suas marcas. A professora instigou os alunos para identificarem o que faz desses textos um conto ou uma lenda. A aluna Karoline, irmã do aluno Fernando, atrapalhou a aula várias vezes. A estagiária Ana também conversou com os alunos sobre os autores dos textos. Estavam presentes: Denize, Fernando, Lúcia e William C.

Aula 5: Nesta aula, os alunos fariam a reescrita dos textos com base no que foi discutido nas aulas anteriores sobre os usos sociais da língua e a norma padrão escrita da língua, mas somente uma aula, Lúcia (60 anos), compareceu. Ela teve atendimento exclusivo e conversou com as estagiárias sobre sua vivência e o que a fez voltar a estudar após tantos anos fora dos bancos escolares.

Aula 6: Como na última aula somente a aluna Lúcia compareceu, o plano de aula foi alterado para que reescrita fosse feita com os demais alunos nesta aula, já que os textos seriam divulgados no varal. Na primeira parte da aula, a estagiária Stefany retomou a questão das variedades linguísticas através de exercícios do livro didático. Os alunos que estavam presentes fizeram o exercício e entregaram. Na segunda aula, os alunos fizeram a reescrita dos textos. As estagiárias atenderam os alunos René e Elder individualmente, já que as alunas Marcilene e Lúcia estavam com os textos quase prontos. Estavam presentes: Lúcia, Marcilene, René e Elder.

Aula 7: No início da aula as estagiárias pediram que os alunos escrevessem uma espécie de bilhete fazendo a avaliação das mesmas. Nesta aula, houve a montagem do varal

literário com os textos que os alunos produziram com orientação da estagiária Ana. Esta atividade foi realizada pelos alunos em conjunto com as estagiárias. Os textos dos alunos estavam digitados e foram expostos no corredor do colégio. Estavam presentes os alunos Elder, Lúcia, Marcilene, René e Willian Ricardo. Este último veio apenas na primeira e última aulas do projeto. A estagiária Stefany (orientada pela professora Maria Izabel) pediu para que o aluno fizesse os exercícios, já que o mesmo não fez as outras atividades. Na última aula, nos dirigimos para a sala multimídia para a apresentação de um vídeo com a música “Ana e o Mar” do grupo musical “O teatro mágico”. A estagiária Stefany falou um pouco sobre o grupo e os alunos assistiram ao vídeo. Por fim, as estagiárias e a professora orientadora fizeram o encerramento das atividades e os agradecimentos aos alunos e professores.

5. 2 Reflexão sobre a prática

A prática docente foi satisfatória, embora alguns ajustes foram necessários durante o percurso das aulas. Os planos de aula que efetuamos para a prática foram baseados em nossa observação em sala de aula, da escola, do comportamento da turma etc. A partir disso, nosso propósito foi trabalhar com algo que resgatasse a bagagem da experiência de vida que eles tinham, já que se tratava de uma turma da EJA. Com isso, nosso projeto teve como tema os gêneros discursivos Conto e Lenda além de trabalharmos com a variedade linguística. Nossa primeira aula foi muito gratificante, pois todos os alunos estavam presentes em sala de aula. Eles leram os textos, interagiram com os colegas e conosco. Pensávamos, baseadas na experiência da primeira aula, que haveria uma frequência regular de todos os alunos, embora já tivéssemos sido informadas sobre as faltas, mas infelizmente nos deparamos com a evasão escolar.

Como nossa proposta foi baseada nos gêneros Conto e Lenda, queríamos que a partir dessas leituras os alunos produzissem seus próprios textos, ou seja, as histórias que foram contadas por seus pais, avós, parentes etc. A evasão foi a grande dificuldade que encontramos, principalmente, na reescrita de textos e nas atividades com exercícios para entregar. O ato de ler e o de escrever devem ser um processo contínuo e alguns alunos, infelizmente, não participaram desta continuidade. Os alunos que tinham assiduidade

progrediram bastante e seus textos ficavam, de acordo com nossas sugestões, cada vez melhores. Contudo, os que faltavam tiveram uma relativa dificuldade com essa prática. As sextas-feiras foram bem problemáticas, numa delas tivemos apenas a presença de uma aluna, e justamente a que se destacava na produção de textos. Por conta disso, tivemos que continuar com a prática da reescrita na aula posterior. Mas de modo geral os alunos participaram bastante das aulas, embora algumas conversas paralelas precisaram ser advertidas. Os que estávamos propostos a executar no plano de aula deram certo, o que nos deixou com a sensação do dever cumprido.

O resultado do nosso trabalho foi muito bom, planejar a aula, colocá-la em prática e ver que dá certo é muito gratificante para o professor. O estímulo do professor com seus alunos é algo que os motiva, mas para se ter uma boa aula é importante que haja interação do professor e dos alunos. Por mais que o professor se esforce, se os alunos não participarem e interagirem na aula não haverá um resultado satisfatório, ou pelo menos o que o professor espera. Trabalhar com Contos e Lendas proporcionou o resgate das histórias dos próprios alunos e isso fez com que eles se sentissem importantes no processo das aulas como um todo. As histórias contadas por eles ocorreram naturalmente e foram contadas com entusiasmo.

Nossa percepção sobre as aulas foi muito positiva, percebemos que o nosso projeto foi bem aceito pelos alunos e conseguimos por em prática o que tínhamos planejado. A nossa maior preocupação foi trabalhar com um conteúdo que resgatasse a experiência de vida deles, que eles aprendessem de forma lúdica e proveitosa e que, com isso, pudessem desenvolver a prática da leitura e escrita. Nosso objetivo foi alcançado com êxito e nós, como futuras professoras, aprendemos muito com cada aluno. Por fim, gostaríamos de salientar que o professor deve ser um eterno insatisfeito, com sua prática pedagógica, com os conteúdos que utiliza etc., pois só assim é possível que ocorra uma reflexão e se possa melhorar. A educação não muda enquanto nós, professores, não mudamos. Devemos sempre buscar a superação no nosso trabalho e trabalhar para que a educação, pelo menos na escola que lecionamos, seja da melhor qualidade.

6 PROJETOS EXTRA CLASSE

6.1 O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO – Minicurso

A seguir temos o projeto feito pelos alunos Adilson Pires e Stefany Bueno Miguel

6.1.1 Problematização

Neste minicurso queríamos mostrar aos participantes que as mudanças propostas no novo acordo ortográfico afetaram apenas a ortografia e não a língua falada como muitos, erroneamente, pensam. A língua falada não é passível de mudança por meio de leis, decretos e outras formas de intervenção. De acordo com Marcos Bagno (2011), em entrevista concedida à revista IHU³,

[...] o uso da língua, numa sociedade coesa, passa por regulações. No caso da escrita, ou mais restritamente, da ortografia, ela é unificada para que haja uma possibilidade de comunicação mais eficiente entre os milhões de falantes da língua. A ortografia, no entanto, não tem como regular a língua falada. Todos nós escrevemos “porta”, mas sabemos que o segmento sonoro [r] dessa palavra é produzido foneticamente de diversas maneiras em diversos lugares diferentes. A ortografia pode ser uniformizada, mas a fala jamais.

Muitas pessoas se assustam por ter que, a partir de determinada data, estarem aptas a utilizar as novas regras. Procuramos desmistificar as alterações implementadas pelo novo acordo ortográfico de maneira simples e de fácil entendimento, pois muitos acreditam que ocorrerá uma grande revolução na ortografia, no entanto, essas mudanças atingiram aproximadamente 3% da nossa ortografia.

Consideramos este minicurso como uma ferramenta de atualização para aqueles que já não fazem mais parte do sistema educacional e, também, de formação continuada, pois, professores e pessoas envolvidas com a educação precisam estar atentos a essas mudanças.

³ Instituto Humanitas Unisinos.

6.1.2 Escolha do tema

Acreditamos que conhecimento acerca das mudanças ortográficas da nossa língua deve estar ao alcance de todos e que, todas as ações que visam difundi-las no meio social devem ser incentivadas. De nada adianta conhecer os diferentes gêneros textuais, saber em que contexto e quando aplicá-los sem o conhecimento das regras ortográficas que regem a composição de tais gêneros.

6.1.3 Justificativa

Diante das inúmeras atividades extraclasse oferecidas pelo Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (Barreirão) aos alunos e à comunidade circundante e também diante do sucesso/aceitação desses projetos, com a participação efetiva dos interessados, percebemos que havia possibilidade de sucesso nesse empreendimento. Este minicurso foi de grande valia para todos os alunos, comunidade e também, por que não, para os professores que ainda tem alguma dúvida acerca das mudanças propostas pelo novo acordo ortográfico.

Estamos passando por um período de transição e para que todos possamos nos adaptar às novas regras, assim como aprofundar conhecimentos acerca delas, empreendimentos dessa natureza se apresentam como importantes e necessários. De acordo com o decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, “a implementação do acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida”. Com isso, essas regras passarão a ser cobradas em todos os documentos oficiais, pré-vestibulares e outros concursos. Todos devem estar atentos às mudanças sob pena de estarem incorrendo em erro ortográfico sempre que precisarem lançar mão dos diferentes usos sociais da escrita.

Entendemos que o conhecimento acerca das mudanças ortográficas da nossa língua deve estar ao alcance de todos e que todas as ações que visam difundi-las no meio social devem ser incentivadas.

6.1.4 Referencial teórico

Um conjunto de normas oficiais rege a ortografia da língua portuguesa. A preocupação em unificar essas normas entre os países de língua portuguesa surgiu no início do século XX. Buscava-se com isso uma convergência ortográfica estabelecendo-se assim, um modelo que pudesse ser usado como referência nas publicações oficiais desses países. Vários acordos já foram firmados na busca desse objetivo.

Em setembro de 2008, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva promulgou o decreto que trata do acordo ortográfico da Língua Portuguesa. Esse acordo terá efeito apenas sobre a modalidade escrita da língua, pois o uso oral como já mencionado anteriormente, não se sujeita a intervenções “mecânicas”.

Nossa vida é movida por mudanças. Tudo o que faz parte do contexto social passa por mudanças, de uma forma ou de outra. A língua faz parte do contexto social, portanto, com o passar do tempo, passou por diversas transformações. Algumas palavras são acrescentadas ao nosso léxico, outras caem em desuso, outras, ainda, sofrem modificações. Nossa língua não para. Está em constante movimento. A cada momento surgem novidades, e estas surgem em nossa língua de acordo com a necessidade. (TAFNER, p.3, 2011).

Cabe ressaltar que muitas diferenças ainda continuarão a existir. Aos poucos, com acordos desta natureza, pretende-se atingir uma universalização das grafias, instituindo-se uma ortografia oficial única, aumentando-se também o prestígio internacional da Língua Portuguesa. Após a unificação total, um dos benefícios para os falantes será o livre acesso às literaturas dessa língua, sem a necessidade de revisões ortográficas.

Os acordos ortográficos também apresentam seus lados negativos. Dificilmente essas novas regras chegarão a todas as pessoas alfabetizadas (que já deixaram a escola) do país. Desde o início século XX, várias acordos já aconteceram, no entanto, não se têm notícias de nenhuma ação do governo que visasse levar esses novos conhecimentos acerca da língua para essa clientela. Consideramos esse fato um dos principais motivos, para que as pessoas não percam a oportunidade de participar de eventos como o que estamos propondo. As escolas (todas) como espaço público e de educação, deveriam oferecer esta atualização a toda comunidade.

6.1.5 Objetivo

Possibilitar aos participantes desse minicurso conhecimentos teórico-práticos acerca das novas regras da ortografia da Língua Portuguesa, tendo em vista o acordo ortográfico firmado entre Brasil, Portugal e demais países lusófonos.

6.1.6 Conhecimentos trabalhados

Foram trabalhadas as mudanças ortográficas na língua portuguesa promovidas pelo novo acordo ortográfico firmado entre Brasil, Portugal e demais países lusófonos. Dentre os aspectos abordados estão:

- A razão de ser do novo acordo ortográfico;
- O uso do hífen;
- Acentuação gráfica;
- Trema;
- O uso de letras maiúsculas;
- A inserção de novas letras no alfabeto português (brasileiro).

6.1.7 Metodologia

O minicurso foi ofertado para os alunos do Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade, para alunos da Escola de Educação Básica Wanderley Junior e também para a comunidade em torno das escolas. Foram oferecidas duas oficinas do minicurso com duração de 3 horas cada.

Cada oficina foi dividida em três momentos. Num primeiro momento trabalhamos a história da reforma (uma breve introdução) explicando aos ouvintes que as mudanças alteram somente a língua na sua modalidade escrita. Tendo feito isso, começamos a explicar as mudanças propriamente ditas. Explicamos sobre a mudança no alfabeto, o trema e as novas regras de acentuação.

No segundo momento abordamos o uso do hífen, parte mais “difícil” de memorizar, a nosso ver.

O terceiro momento da oficina foi reservado para a prática de exercícios e para que os participantes tirassem quaisquer dúvidas.

Foi feita uma apresentação com o auxílio de *slides*. Todas as oficinas do minicurso foram expositivas, mas permitindo a participação dos ouvintes. Os ministrantes atuaram conjuntamente, complementando suas falas.

Todos os alunos receberam uma cópia dos exercícios que foram feitos e também um resumo do que foi trabalhado na oficina.

6.1.8 Recursos necessários

O minicurso foi oferecido em uma sala de aula do Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade.

6.1.9 Recursos materiais

- Computador e projetor multimídia.

6.1.10 Recursos bibliográficos

- Cópias (xerox) dos exercícios;
- Cópias do resumo.

6.1.11 Relato dos minicursos realizados nos dias 08/11 e 19/11

A 1ª edição da oficina ocorreu no dia 08/11/2011 das 19h às 22h. Estavam presentes 28 alunos, de ensino médio e fundamental da EJA do Centro Educacional Maria Iracema Martins de Andrade. Os alunos estavam agitados, alguns não haviam se inscrito para participação de nenhuma oficina, mas os incentivamos a entrarem e participarem.

Usamos uma apresentação de slides para fazer a oficina. Comecei falando sobre o porquê é “certo” escrever de um jeito e “errado” de outro, e qual o ramo da gramática que

estuda a maneira certa de escrever. Depois, dei início as mudanças do acordo em si: acentuação, novas letras do alfabeto, etc. Por último, meu colega Adilson falou sobre o uso do hífen. Como havia muitos alunos em sala, e alguns desinteressados (o minicurso foi obrigatório para todos os alunos), infelizmente tive que chamar a atenção algumas vezes para ser ouvida.

Logo após a apresentação, os alunos fizeram os exercícios que propusemos. Enquanto isso, eu e Adilson circulávamos pela sala atendendo as dúvidas dos alunos. No final da apresentação, cada aluno ganhou um resumo com as regras do novo acordo.

A 2ª edição ocorreu no dia 19/11/2011 das 8h30 min às 11h30 min e contou com apenas 7 participantes, mas estes realmente interessados em aprender. Além dos alunos do Barreirão, vieram 2 alunas do colégio ao lado, o Wanderley Júnior.

O minicurso seguiu a mesma metodologia, só que dessa vez havia espaço para os alunos participarem ativamente e tirarem dúvidas.

6.1.12 Reflexão

Ficamos muito contentes em oferecer os minicursos e é possível que no próximo semestre o ofertemos novamente. Faço aqui apenas uma consideração, quanto a obrigatoriedade da presença dos alunos. Na primeira edição, a coordenadora do colégio passou de sala em sala convidando os alunos e dizendo que se eles não viessem ganhariam faltas e que também seriam avaliados com nota. Resultado: vieram 28 alunos, sendo que 70% não estavam interessados em aprender e ficaram atrapalhando a “aula”. No entanto, na segunda edição vieram apenas 7 alunos, extremamente interessados. Penso que obrigar os alunos dessa maneira não é a melhor forma de instigá-los a participar de alguma atividade extraclasse. A escola como um todo, deve repensar sua maneira de “convidar”.

6.1.13 Anexos

Anexo A

Fotos da oficina realizada no dia 08/11



Anexo B

Fotos da oficina realizada no dia 19/11



Anexo C

Exercícios entregues aos alunos

Minicurso Novo Acordo Ortográfico - Exercícios

1 – Identifique a alternativa em que há um vocábulo cuja grafia não atende ao previsto no Acordo Ortográfico:

- a) aguentar – tranquilidade – delinquente – arguir – averiguemos;
- b) cinquenta – aguemos – linguística – equestre – eloquentemente;
- c) apaziguei – frequência – arguição – delinquência – sequestro;
- d) averigui – inconsequente – bilíngue – linguíça – quinquênio;
- e) sequência – redargüimos – lingueta – frequentemente – bilíngue.

2 – Identifique a alternativa em que um dos vocábulos, segundo o Acordo Ortográfico, recebeu indevidamente acento gráfico:

- a) céu – réu – véu;
- b) chapéu – ilhéu – incréu;
- c) anéis – fiéis – réis;
- d) mói – herói – jóia;
- e) anzóis – faróis – lençóis.

3 – Identifique a opção em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:

- a) anti-higiênico – antiinflamatório – antiácido – antioxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial;
- b) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antirradiação – anti-social;
- c) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial –

antirradiação – antissocial;

d) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial;

e) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

4 – O uso do acento diferencial, consoante as novas regras, é facultativo nos seguintes casos, exceto em:

a) fôrma (significando molde)

b) pôde (no pretérito perfeito do indicativo);

c) cantámos (no pretérito perfeito do indicativo);

d) amámos (no pretérito perfeito do indicativo);

e) dêmos (no presente do subjuntivo).

5 – Identifique a alternativa em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:

a) miniquadro – minissubmarino – minirretrospectiva – mini-saia;

b) sub-bibliotecário – sub-humano – sub-hepático – sub-região;

c) infra-assinado – infra-estrutura – infra-hepático – infravermelho;

d) hiperácido – hiperespaço – hiper-humano – hiperrealista;

e) contra-acusação – contra-indicação – contraespionagem – contra-harmônico.

6 – Todos os termos compostos estão corretamente grafados na opção:

a) ultraconfiança – paraquedas – reestruturar – sub-bibliotecário – super-homem;

b) hiperativo – rerratificar – subsecretário – semi-hipnotizado – manda-chuva;

c) interregional – macroeconomia – pontapé – ressintetizar – sub-horizontal;

d) superagasalhar – arquimilionário – interestadual – passa-tempo – sub-rogar;

e) paraquedístico – panamericano – mini-herói – neo-hebraico – sem-teto.

7 – Deveriam ter sido acentuadas as palavras alistadas na opção:

- a) azaleia – estreia – colmeia – geleia – pigmeia;
- b) benzoico – dicroico – heroico – Troia – urbanoide;
- c) chapéu – coroneis – heroi – ilheu – lençois;
- d) alcaloide – reumatoide – tabloide – tifoide – tipoia;
- e) apneia – farmacopeia – odisseia – pauliceia – traqueia.

8 – O hífen foi indevidamente empregado em:

- a) capim-açu;
- b) anajá-mirim;
- c) abaré-guaçu;
- d) tamanduá-açu;
- e) trabalhador-mirim.

9- Marque a opção em que ambos os termos estão incorretamente grafados:

- a) coabitar – coerdeiro;
- b) coexistência – coindicado;
- c) cofundador – codominar;
- d) co-ordenar – co-obrigar;
- e) corresponsável – cossignatário.

10 – Assinale a opção em que há erro de ortografia:

- a) arco e flecha;
- b) arco de triunfo;
- c) arco de flores;

- d) arco da chuva;
- e) arco da velha.

11 – Marque a opção incorreta:

- a) bem-educado;
- b) mal-educado;
- c) bem-comportado;
- d) mal-comportado;
- e) bem-vindo.

12 – Os prefixos que são seguidos de hífen quando o segundo termo da palavra composta inicia-se com h, m, n ou vogal são:

- a) hiper-, inter- e super-;
- b) circum- e pan-;
- c) sub- e sob-;
- d) ab- e ob-;
- e) recém- e aquém-.

13 – Marque a opção incorreta:

- a) inter-humano;
- b) inter-hemisférico;
- c) inter-relacionar;
- d) interrelacionar;
- e) intersocial.

14 – Marque a opção incorreta:

- a) sub-bosque;
- b) sub-humano;
- c) sub-reitor;
- d) subdiretor;
- e) sub-epidérmico.

15 – Identifique a alternativa em que há erro de ortografia:

- a) mandachuva;
- b) salário-família;
- c) vagalumear;
- d) vaga-lume;
- e) bóia-fria

RESPOSTAS:

- 1- letra E
- 2- letra D
- 3- letra C
- 4- letra B
- 5- letra B
- 6 - letra A
- 7 - letra C
- 8- letra E
- 9 - letra D
- 10 - letra E
- 11 - letra D
- 12 – letra B
- 13 - letra D
- 14 - letra E
- 15 - letra E

Anexo D

Resumo entregue aos alunos

Minicurso Novo Acordo Ortográfico – Resumo

Trema

O trema foi extinto.

Exceção: o trema permanece em nomes estrangeiros e nos seus derivados.

Exemplos: Müller, mülleriano / Hübner, hübneriano

Acento diferencial

Deixa de ser usado para diferenciar os pares: pára / para, péla / pela, pólo / polo, pélo / pêlo e pêra / pera.

Antes	Agora
Ela PÁRA a bicicleta	Ela PARA a bicicleta
O PÓLO Sul é frio	O POLO Sul é frio
Ele joga PÓLO	Ele joga POLO
O cão tem PÊLO negro	O cão tem PELO negro
A PÊRA é uma fruta	A PERA é uma fruta

Facultativo

O acento diferencial será opcional em FÔRMA e FORMA.

Exemplos: A FÔRMA do bolo / FORMA do atleta

Segue valendo:

No verbo PÔR, para diferenciar da preposição POR.

Exemplo: A atriz vai PÔR um fim no namoro.

No verbo PÔDE (passado) para diferenciar de PODE (presente).

Exemplo: O ator PÔDE filmar ontem.

Acento circunflexo

Perdem o acento as palavras com o hiato OO.

Antes	Agora
Abençôo	abençoo
Dôo	doo
Enjôo	enjoo
Magôo	magoo
Perdôo	perdoo
Vôos	voos
Zôo	zoo

Perdem o acento as palavras com o hiato EE.

Antes	Agora
Crêem	creem
Dêem	deem
Lêem	leem
Vêem	veem
Preveem	preveem

Nada muda no plural de TER e VIR e seus derivativos.

Exemplos:

Ele TEM um carro.

Eles TÊM dois carros.

Ela VEM hoje.

Elas VÊM hoje.

Ele MANTÉM a palavra.

Eles MANTÊM a palavra.

Ela DETÉM a força.

Elas DETÊM a força.

Ela INTERVÉM na aula.

Elas INTERVÊM na aula.

Acento Agudo

Perdem o acento as PAROXÍTONAS com os ditongos abertos EI e OI.

Grafa-se Coreia, plateia, assembleia.

Antes	Agora	Antes	Agora
andróide	androide	estóico	estoico
apóia (verbo apoiar)	apoia	estréia	estreia
assembléia	assembleia	geléia	geleia
asteróide	asteroide	heróico	heroico
bóia	Boia	idéia	ideia
celulóide	celuloide	jibóia	jiboia
clarabóia	claraboia	jóia	joia
colméia	colmeia	odisséia	odisseia
Coréia	Coreia	paranóia	paranoia
debilóide	debiloide	platéia	plateia

epopéia	epopeia	tramóia	tramoia
---------	---------	---------	---------

No entanto, continuam sendo acentuadas as OXÍTONAS terminadas em Éi, Éu e Ói, inclusive no plural.

herói (s)	troféu (s)	anzóis
céu (s)	chapéu (s)	papéis
réu (s)	anéis	

Perdem o acento as paroxítonas com I e U tônicos depois de ditongo. São casos raros:

Antes	Agora
Feiúra	feiura
Feiúme	feiume
Baiúca	baiuca

Perde acento o U tônico das formas que/qui e gue/gui de verbos como apaziguar, arguir, averiguar, redarguir, obliquar.

Antes	Agora
apazigúe (s)	apazigue (s)
Argúem	arguem

Observação: Quando, na sequência do hiato UI, a vogal mais forte for I, este é acentuado.
Ex.: Arguí todas as circunstâncias do fato. (Tu arguíste, nós arguímos)

Hífen

Prefixos comuns (pré, pós, pró, vice, ex, sem)

O hífen é mantido com os prefixos:		
Além	pós	recém
Aquém	pré	sem
Ex	pró	vice

Exemplos:	
sem-terra	pós-graduação
ex-senador	pré-vestibular
vice-governador	pró-reitor
recém-nascido	além-mar

Palavras compostas:

O hífen é abolido quando se perdeu a noção de que a palavra é composta, e mantido em todos os demais casos.

Antes	Agora
pára-quadras	paraquadras
manda-chuva	mandachuva
pára-brisa	parabrisa

Hiper, inter, super + R

Usa-se hífen com os prefixos: hiper – inter – super apenas quando combinados com elementos iniciados por R.

Exemplos:	
hiper-requintado	inter-relacionado
inter-racial	super-revista

Sub

Palavras com o prefixo sub recebem hífen apenas quando combinadas com elementos iniciados por B e R.

Exemplos:	
ssub-regra	sub-reptício
ssub-bibliotecário	

Letra H

Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por H.

Exemplos:	
anti-higiênico	micro-história
extra-humano	semi-hospitalar
super-homem	intra-hepático
neo-humanismo	ultra-hiperbólico

ATENÇÃO:

Mantém-se a grafia sem hífen com os prefixos des, dis, in, re, trans, entre outros de uso consagrado. A extensão da regra das palavras compostas é determinada pela publicação do novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Vogal + S ou R

Quando o prefixo termina em vogal e a segunda palavra começa com S ou R, não há hífen e a consoante é duplicada.

Antes	Agora
anti-religioso	antirreligioso
contra-regra	contrarrega
ultra-som	ultrassom

Vogal + vogal igual

Usa-se hífen se o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa pela mesma vogal.

Antes	Agora
Anti-imperialista	anti-imperialista
contra-ataque	contra-ataque
Micro-ondas	micro-ondas
semi-integral	semi-integral

Vogal + vogal diferente

O hífen deixa de ser usado quando o prefixo termina em vogal e a segunda palavra começa com vogal diferente.

Antes	Agora
auto-escola	autoescola
auto-estrada	autoestrada

6.2 A LÍNGUA PORTUGUESA E O MUNDO DO TRABALHO – Minicurso

A seguir temos o projeto do minicurso realizado pelas alunas Ana Cristina Nunes Gomes Müller e Fabrine Latrônico Torres

6.2.1 Introdução

Globalização, velocidade, agilidade, praticidade, cada dia que passa as empresas estão mais exigentes. Muitas empresas contratam instituições especializadas para a seleção de pessoal, que promovem entrevistas, nas quais analisam cada atitude, resposta, postura, enfim, dos candidatos que se apresentam. Com esta gama de competição, os trabalhadores devem estar muito bem preparados para enfrentar este mundo competitivo. Assim, um dos primeiros responsáveis por garantir uma boa apresentação é o currículo seguido da carta de apresentação, pois muitas empresas solicitam esta última para terem melhores referências do candidato, estes abrem as portas para uma possível entrevista, e futuramente um emprego. Nesta pequena oficina trabalhamos com três gêneros do discurso diretamente relacionados ao mundo do trabalho: Currículo, Carta de apresentação e Entrevista de emprego.

Muitos dos alunos que frequentam o ensino fundamental e o ensino médio, em busca de oportunidades no mundo do trabalho, podem não conhecer de forma mais específica como registrar em um currículo e em uma carta de apresentação suas experiências profissionais, quando estas existem, suas habilidades, melhores qualidades. Assim como também podem não conhecer algumas estratégias de como se portar em uma entrevista de emprego.

Desenvolvemos com os participantes desta oficina novas habilidades, novos olhares sobre a competição no mundo do trabalho, auxiliando-os na elaboração de um currículo e de uma carta de apresentação, mas não só, também procuramos demonstrar que cada empresa exige uma determinada postura do seu funcionário, exige uma variedade linguística específica para aquele local, exige um tipo de aparência, seja formal ou informal. E, os indivíduos, na qualidade de candidatos a uma vaga de emprego, devem

se adequar às exigências da empresa, precisam reconhecer o perfil do candidato que a empresa exige e se portar de acordo.

6.2.2 Reflexões teóricas

A língua na perspectiva bakhtiniana

A língua, como sistema de formas que remete a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais [...] (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 1997 [1929], p.108)

A “realidade viva da língua e suas funções sociais”, a linguagem, para Bakhtin, é a junção de discursos veiculados socialmente, pois ele considera a língua (gem) “[...] um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação”. (WEEDWOOD, 2002, p.151). Assim, só existe língua onde houver interação entre sujeitos.

Para o filósofo, o *outro* é fundamental para a constituição do sujeito, na medida em que é inconcebível pensar o ser humano fora das relações de interação. Nesse sentido, o sujeito só se constitui como tal por meio da interação com o outro, é por meio do outro que os discursos são proferidos, que a enunciação se realiza possibilitando o diálogo entre as várias vozes existentes nos diversos discursos proferidos.

Assim, o eu e o outro estão intrinsecamente ligados, não há linguagem sem interação, e é por esta relação que o autor afirma que:

nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu. [...] (BAKHTIN (VOLOCHINOV), apud WEEDWOOD, 2002, p.153)

O discurso, para Bakhtin, não é individual, porque todo o discurso é construído por meio de outros discursos. Segundo Bakhtin (apud WEEDWOOD, 2002, p.151), a língua é uma atividade social, não individual, “em que o importante não é o *enunciado*, o *produto*,

mas sim a *enunciação*”, que está ligada às situações de comunicação; logo, também ligado às estruturas sociais.

De acordo com Bakhtin, todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e, assim, esses usos são tão variados quanto esses campos. Sendo assim, para Bakhtin, a língua não é um produto, pronto e acabado, está em constante evolução. A língua é uma atividade social; é um fato social. Os diferentes usuários da língua interpretam o que leem, e escutam de diferentes formas, pois cada sentido dado a um enunciado depende do horizonte de vivências de cada sujeito.

6.2.3 A esfera do trabalho e os usos da linguagem

Os usos da linguagem nos diferentes campos da atividade humana se materializam em diferentes gêneros. O estudo dos gêneros do discurso tem como fundamento a concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin. Conforme Rodrigues (2007, p 2010),

Trabalhar com a noção de gêneros do discurso no quadro teórico do Círculo é não desvincular essa noção do escopo mais amplo da teoria, que é pensar a linguagem no campo das relações sociais, portanto, marcada ideologicamente, concebida como interação e sempre perpassada pelas relações dialógicas. O texto, embora possa ser abstraído da interação para efeito de estudo teórico (o texto abordado como estrutura), como meio de interação é sempre visto em sua dupla dimensão constitutiva, a dimensão verbal (ou outro material semiótico) e a dimensão social.

O texto concebido como enunciado é parte da cadeia de comunicação discursiva. A inter-relação entre o discurso do sujeito e as condições de produção do gênero do discurso é que dão sentido ao texto-enunciado. Todo enunciado é gerado dentro de um gênero do discurso.

No que se refere à produção escrita, assumir “uma visão interacionista da escrita supõe, [...], envolvimento entre sujeitos, [...] alguém selecionou alguma coisa a ser dita a outro alguém, com quem pretendeu interagir; em vista de algum objetivo.” (ANTUNES, 2003, p.45). Nesse sentido, está destacada a importância de se produzir textos que possuam encadeamento de informações, que constituam uma unidade de sentido. Para

que isso aconteça é preciso ter o que dizer, portanto, um primeiro passo é fornecer subsídios, ampliar o repertório do aluno para que ele tenha o que escrever. Um segundo passo é delimitar as condições de produção: eleger os objetivos; escolher o gênero; prever as condições de seus leitores e a forma linguística (ANTUNES, 2003, p.55).

Irândé Antunes acrescenta em seu livro *Aula de Português: encontro & interação*, a importância de uma etapa de “revisão e reescrita”, em que o texto deve ser refeito, pois:

A maturidade de escrever textos adequados e relevantes [...], não acontece gratuitamente, por acaso, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem. Exige tempo, afinal. (ANTUNES, 2003, p.60).

O ato de escrever é um trabalho minucioso. Para que um texto seja uma unidade de sentido, uma fonte de informação interessante, o escritor precisa analisar o próprio trabalho, escrever e reescrever, é preciso trabalhar com o ir e vir. A revisão e a reescrita são extremamente necessárias neste processo.

Todo e qualquer gênero do discurso, como enunciados relativamente estáveis e normativos, que variam de acordo com as necessidades da sociedade, são compostos de maneira minuciosa, e o currículo assim como a carta de apresentação e a entrevista de emprego, focos desta oficina, são gêneros do discurso vinculados à esfera do trabalho, possuem um fim específico e, para tanto, precisam ser bem formulados para que desempenhem seu papel a contento.

6.2.4 O currículo

Como com todo texto que se escreva, antes de redigir um currículo precisa-se ter um objetivo específico. O currículo é o registro da história de um candidato. É um informativo, uma forma de fazer propaganda sobre as ações no âmbito da formação acadêmica e profissional de quem está procurando um espaço no mercado de trabalho. É um documento que deve ser elaborado para **destacar** habilidades e realizações de quem o elabora e o apresenta, por meio da descrição de atividades realizadas. O currículo deve ser um resumo breve, que deve conter as **informações interessantes** e relevantes sobre a história de formação acadêmica e de atuação profissional.

De acordo com o site da empresa Forminton, um currículo bem estruturado mostra habilidade de organização de tarefas e atividades, e sabendo o que se quer mostra ambição e vontade de alcançar esses objetivos. O uso de frases curtas é uma boa forma de demonstrar objetividade e concisão. Advérbios como extremamente, fortemente, entre outros, devem ser evitados, enquanto que verbos de ação, como construí, reduzi, aumentei, implantei, administrei, supervisionei, melhorei, expandi, organizei, treinei, encontrei, descobri, planejei etc. são interessantes para iniciar as frases quando da elaboração do currículo. Mas, ao mesmo tempo em que os verbos podem vir na primeira pessoa, o uso do pronome pessoal eu deve ser evitado, pois transmite a impressão ofensiva de falta de modéstia se usado em exagero.

Ainda segundo o site, na elaboração de um currículo, uma impressão moderna, positiva, agressiva e direcionada a realizações é uma estratégia interessante. Os entrevistadores analisam muitos currículos e precisam entender de forma rápida o que se pretende. Desta forma, a organização do currículo de modo a economizar tempo de leitura dos entrevistadores pode resultar em pontos positivos para o candidato.

6.2.5 A carta de apresentação

A carta de apresentação, normalmente, é solicitada juntamente com o currículo, isto ocorre quando a empresa necessita de maiores informações sobre o candidato. Nestes moldes, esta carta se torna tão importante quanto o currículo, ela é uma “isca” para conseguir uma boa entrevista e futuramente um emprego. "A carta envolve uma redação bastante objetiva e muito clara. Tem que dizer o que busca e quais são seus diferenciais para o que está buscando", diz Telma Guido (apud DORETTO (2009), escritora do texto *Carta de apresentação tem de servir de 'isca' para seu currículo*), consultora de transição de carreira da *Right Management*.

A carta de apresentação é uma propaganda das qualificações do candidato de forma sucinta, no máximo três parágrafos, deixando claros os objetivos e as qualidades, mas há de se ter cuidado para não fazer da carta um segundo currículo, ela apenas deve destacar o que há neste de mais interessante.

Caso o objetivo seja encaminhar o currículo para uma agência de empregos, é importante destacar a área na qual o candidato deseja atuar, um ponto forte são as empresas importantes nas quais se trabalhou, como o tipo de trabalho que se procura, declara Telma Guido.(Idem).

Também é importante salientar que na carta deve constar o cargo ao qual o candidato pretende trabalhar. Assim a carta de apresentação deve ser desenvolvida a partir de objetivos e ambições. A carta deve estar muito bem redigida, de acordo com a variedade padrão da língua escrita, não deve conter vícios de linguagem, gírias. Ela deve ser clara e objetiva, e conter as informações necessárias e mais interessantes sobre a pessoa que quer se candidatar a uma vaga de emprego. Ao terminar, o cordial atentamente é a forma mais adequada para se fazer a despedida. É importante que na carta estejam informados o nome do candidato e as formas de contato, assim como ela deve estar endereçada a alguém em particular. Seria interessante verificar junto à empresa quem analisará a carta de apresentação, para endereçar à pessoa exata.

6.2.6 A entrevista de emprego

Segundo o site UOL Empregos, com objetivos profissionais definidos, o candidato deve procurar conhecer o máximo possível sobre a empresa em que pretende trabalhar, portanto deve pesquisar a respeito. Também é importante conhecer detalhes dos requisitos para o cargo, algo que deve ter sido divulgado pela empresa ou que, em última instância, pode ser perguntado diretamente ao setor de recursos humanos, Estas informações são muito interessantes e importantes na hora da entrevista e podem deixar o candidato mais tranquilo.

O pretendente a uma vaga de emprego deve ter em mente que a aparência diz muito a respeito de suas intenções como concorrente a uma vaga de emprego, portanto, vestir-se de acordo com as exigências que o cargo requer é um bom começo. A comunicação ocorre por distintas maneiras, logo a roupa diz muito sobre o candidato.

Outro aspecto importante é o cuidado com o horário, chegar com antecedência na entrevista não é só um fator de pontualidade, mas de chance para acostumar-se com o ambiente, observar o clima e a cultura da organização e aproveitar também para relaxar e

respirar. Na frente do entrevistador, é importante ao candidato transmitir calma e segurança, afinal, em uma entrevista formal o comportamento e a forma de se portar devem se constituir aspectos com os quais o candidato tem de se preocupar, pois temos que ter em mente que cada situação de interação exige um tipo de comportamento e uma linguagem específicos, para isto o candidato deve estar bem preparado.

6.2.7 Objetivos:

6.2.7.1 Objetivo geral

- Ampliar as habilidades dos alunos no uso da linguagem em situações que requeiram a elaboração e apresentação de currículo, carta de apresentação e a participação em uma entrevista de emprego.

6.2.7.2 Objetivos específicos

- Conhecer a função social, espaço de circulação e forma de composição de gêneros do discurso relacionados à esfera do trabalho, tais como: currículo, carta de apresentação e entrevista de emprego;
- Conhecer as estratégias discursivas, linguísticas e notacionais implicadas na elaboração de um currículo e de uma carta de apresentação; e
- Ampliar a capacidade discursiva, linguística e estilística, tendo em vista a elaboração de currículo, carta de apresentação e a participação em entrevista de emprego.

6.2.8 Conteúdo

- Variedade padrão escrita da Língua Portuguesa;
- Linguagem formal e informal;
- Carta de apresentação: função social, esfera de circulação e forma de composição;
- Currículo: função social, esfera de circulação e forma de composição;

- Entrevista: função social, esfera de circulação e forma de composição.

6.2.9 Metodologia

A oficina foi realizada no dia 08/11/2011, no horário das 19h às 22h, e no dia 19/11/2011 das 8h 30 min às 11h 30 min e o objetivo foi trabalhar com os alunos alguns gêneros da esfera do trabalho. A exposição da oficina foi dialogada com atividades práticas, pois os alunos foram divididos em grupo para que exercitassem a elaboração de currículo e carta de apresentação e com isso teriam prática para realizar seus próprios textos. O recurso que utilizamos foi o projetor multimídia já que o conteúdo apresentado estava sintetizado em slides. O objetivo foi articular a teoria com a prática, pois os alunos colocaram a mão na massa mesmo. Eles elaboraram um currículo, uma carta de apresentação para apresentarem para o grande grupo, pois o intuito era compartilhar as experiências e conhecimentos apropriados na oficina. Eles também participaram da dinâmica do Bis, que visa chamar a atenção para a questão do trabalho em equipe, esta atividade é uma reflexão sobre o comportamento de cada um no mercado de trabalho. Por fim, explicamos sobre a entrevista de emprego e a quais pontos importantes o candidato à vaga de emprego deve estar atento. Por fim, o objetivo foi fazer com que os alunos aprendessem um pouco sobre as exigências do mercado de trabalho e possam, com isso, se candidatarem as vagas que eles almejam e, por fim, conseguir a vaga tão desejada.

6.2.10 Cronologia

A oficina teve a duração de 3 horas abrangendo a exposição sobre os gêneros da esfera do trabalho Currículo, Carta de apresentação e Entrevista de emprego além das atividades que foram propostas no decorrer da oficina.

6.2.11 Avaliação

A avaliação da oficina se deu com base nos seguintes critérios:

- Participação em grupo como, por exemplo, elaborar currículo e carta de apresentação;
- Exposição das atividades, gêneros discursivos, para o grande grupo.

6.2.12 Relato dos minicurso realizados nos dias 08/11 e 19/11

A 1ª edição da oficina dos gêneros da esfera do trabalho ocorreu no dia 08/11/2011 das 19h às 22h. Estavam presentes 29 alunos (no total foram 50, mas os alunos foram divididos em duas turmas) sendo importante salientar que os alunos que participaram estão no ensino médio da EJA, ou seja, a maioria está inserida no mercado de trabalho formal ou informal. A aceitação da oficina foi ótima, pois muitos alunos precisam elaborar currículo, carta de apresentação etc. para procurarem vagas de emprego. A todo o momento eles perguntavam, tiravam dúvidas sobre o assunto abordado e isso fez com que o conteúdo da oficina tenha sido bastante discutido e trabalhado por todos. Acredito que colocar a mão na massa, elaborar o currículo e a carta de apresentação, fez com que eles se sentissem mais seguros para posteriormente, fazerem seus próprios textos de acordo com a vaga que almejam.

Houve bastante exposição das próprias experiências dos alunos e isso fez com que a oficina se tornasse mais rica e proveitosa. Na primeira edição, como tinha muitos alunos, tivemos que dividir os alunos em duas turmas, uma para o ensino fundamental que foi assumida pela Fabrine, e a outra para o ensino médio que foi assumida por mim, Ana Cristina. As atividades se basearam em três momentos: o primeiro foi a elaboração do currículo pelos próprios alunos, pois a turma foi dividida em grupos de 5 alunos. Cada grupo efetuou seu texto que foi apresentado para todos no final da atividade. O segundo momento foi a carta de apresentação, sendo que os grupos foram os mesmos e cada grupo também apresentou seu texto para os demais. E o terceiro momento foi a dinâmica do Bis. Esta dinâmica funciona da seguinte maneira: uma dupla de cada equipe teve as mãos

atadas e seguravam um Bis. O objetivo era cada dupla comer o Bis do grupo, sendo que eles teriam que utilizar da criatividade para concluir atividade.

O interessante é que por mais que eles estivessem envergonhados cada grupo apresentou seu texto, currículo e carta de apresentação, para os demais colegas, com exceção de um grupo que não apresentou o currículo, mas depois eles apresentaram as demais atividades. A dinâmica do Bis foi muito proveitosa, pois o intuito era que eles trabalhassem em equipe, ou seja, cada dupla comeria o Bis do outro, já que as empresas recrutam pessoas que saibam trabalhar em equipe. E foi exatamente isso que eles fizeram, ou seja, conseguiram encontrar a lógica da brincadeira. Por fim, foi abordado como as pessoas devem se portar em entrevistas de emprego como, por exemplo, a vestimenta adequada, a forma de falar etc. Como o assunto era do interesse deles, cada um contribuía com a experiência que tinha do mercado de trabalho e o resultado final foi muito interessante.

Já a 2ª edição que ocorreu no dia 19/11/2011 das 8h30 min às 11h30 min contou apenas com uma participante. Acredito que pelo fato de muitas empresas e comércios abrirem no sábado de manhã, muitos alunos estavam trabalhando naquele momento. Mas, a oficina foi ministrada da mesma forma que a anterior, porém como não tinha demanda, eu e Fabrine ministramos juntas. A aluna teve atendimento individual e gostou bastante do conteúdo exposto. Apesar de ser uma senhora que não está mais inserida no mercado de trabalho, ela contribuiu com as experiências que teve e isso ajudou a enriquecer a oficina. A única atividade que não fizemos com ela foi a dinâmica do Bis, pois para efetuar a atividade era necessário mais pessoas.

6.2.13 Reflexão

Fiquei bastante feliz e lisonjeada em saber que a oficina ajudou os alunos a elaborarem de forma melhor seus próprios textos da esfera do trabalho e também a se prepararem de maneira adequada para uma entrevista de emprego. O intuito é que eles sintam-se preparados para conseguirem o emprego que almejam e acredito que a oficina contribuiu para que isso, futuramente, aconteça.

6.2.14 Anexos

Anexo A

Fotos





Anexo B

Modelos de currículo e carta de apresentação.

Prezado Senhor,

Meu nome é Maria Cristina da Silva e quero me candidatar à vaga de Redatora Técnica nesta referida empresa de Tecnologia, Empresa Ideal Ltda. Possuo experiência no ramo da revisão e formatação de textos em geral e, caso necessário, o senhor pode entrar em contato com as empresas que já trabalhei para obter minhas referências profissionais. Tenho formação em Letras Português e estou concluindo uma pós-graduação em Educação. Tenho muito interesse em fazer parte da equipe desta empresa e farei por merecer esta vaga, contribuindo com meus conhecimentos por um curto período, de dois dias, para que o senhor possa conhecer o meu trabalho.

Estou à disposição para qualquer dúvida.

Atenciosamente,

Maria Cristina da Silva

MARIA CRISTINA DA SILVA

R: Altamiro di Bernardi, nº 00 Trindade

Fone: (48) xxxx-xxxx / (48) xxxx-xxxx

Filiação: Antônio da Silva

Maria da Silva

Brasileira

Casada

12.01.85

maria_silva@hotmail.com

Conhecimento em Informática: Microsoft Windows, Internet Explorer, Word, Excel, PowerPoint, Robohelp, Adobe Fireworks e Captivate.

Idiomas: Inglês e espanhol básico.

Formação acadêmica:

Ensino Médio: Escola de Educação Básica Professora Laura Lima – concluído em 2003.

Ensino Superior: **Letras – Língua Portuguesa e Literaturas**
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Histórico profissional:

2009 até os dias atuais: **Minha empresa** – Florianópolis – SC.

Cargo: Redatora Técnica/ Designer Instrucional

Áreas abrangidas: Atualmente trabalho com educação a distância elaborando os roteiros das aulas, efetuando materiais didáticos como, por exemplo, manuais e apostilas de treinamento para clientes da área jurídica. Auxílio na área de documentação e arquivos do projeto, além de revisar e formatar documentos em geral.

2004 a 2007: **Brasil Com. E Serv. Ltda.** – Florianópolis – SC.

Cargo: Agente de Ouvidoria

Áreas abrangidas: Atendimento ao cliente. Quantificação e tabulação de problemas. Realinhamento do canal de comunicação SAT-Cliente.

Atividades Extracurriculares:

Curso de revisão de textos com a Prof.^a Lúcia Locatelli Flôres. UFSC – 2009.

Curso profissionalizante de desenho instrucional para EAD - Instituto Brasileiro de Desenho Instrucional - 2011.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Acordo Ortográfico**.

Disponível em: <<http://www.alesc.sc.gov.br/portal/ortografia/>>. Acesso em: 12 set. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929].

_____. O discurso em Dostoiévski. In: _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1963]. p. 181-275.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979]. P. 3-194.

_____. Apontamentos 1970-1971. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1979]. P. 369-414.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1953/54]. P. 277-326.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim (org.). *13 Cascaes*. Ilustrações: Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

DORETTO, Juliana. *Carta de apresentação tem de servir de 'isca' para seu currículo*.

Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/empregos/ultnot/2009/02/20/ult6957u324.jhtm>>.

Acesso em 21/09/2011.

DECRETO nº 6.583. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm> Acesso em 08 set. 2011.

ENTREVISTA COM MARCO BAGNO. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3891&sec_ao=363-Entrevista>. Acesso em 08 set.2011.

FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos do círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antônia. (Org.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. *Cartas à Guiné-Bissau*. Registros de uma experiência em processo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FRENDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. *Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental*. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

HALLIDAY, M.A.K.; McIntosh, Angus & STREVENS, Peter. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1974.

MAUPASSANT, Guy de. *A mãe dos Monstros*. Tradução: José Tomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1997.

LEDUR, Paulo Flávio. **Guia prático da nova ortografia**: as mudanças do Acordo Ortográfico. 5ª ed., Porto Alegre/RS: AGE, 2009.

PORTAL DO PROFESSOR. Disponível em <http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-textos-narrativos/>>. Acesso em 05 out. 2011.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. *Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade*. Documento disponibilizado pela própria escola, 2010.

PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA. *Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/sc/node/393>>. Acesso em 28/08/2011.

REGINA, Tia. *Histórias e lendas do Brasil*. Adaptação do texto original de Gonçalves Ribeiro; ilustrações J.Lanzelotti. São Paulo / APEL.

SOARES, Magda Becker. *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. In: Bagno, M. (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 155 - 177 p.

TRABALHE NA FORMITON. Disponível em: <<http://www.forminton.com.br/>>. Acesso em 21/09/2011.

TADEU, Jorge. *Lendas Urbanas*. Ilustrações: Vitor Morinichi. – São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2010.

TAFNER, Malcon Anderson. **Curso de Nivelamento de Reforma Ortográfica**. SC: Grupo UNIASSELVI, 2011.

Vídeo Nelson Freitas “Como elogiar a mulher”. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=RdaT5Be8zkM&feature=related>>. Acesso em 10 out. 2011.

UOL EMPREGOS. *Saiba como se preparar para uma entrevista de emprego*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/empregos/dicas/entrevista.jhtm>>. Acesso em 21/09/2011.

UOL EMPREGOS *Como fazer um currículo: excessos comprometem busca pela vaga.*
Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/empregos/dicas/curriculo.jhtm>>. Acesso em
21/09/2011.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002

8 ANEXOS

Anexo A - Plano de aula professora Karla

Disciplina: Língua Portuguesa

Curso: Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental

Professora: Karla Parmigiani Pereira

TEMAS: Identidade, Cidadania e Leitura

OBJETIVO GERAL:

Trabalhar a interdisciplinaridade, focando como tema principal a identidade, crenças e valores, tornando nossos alunos protagonistas da conscientização do respeito mútuo perante a sociedade em que vive.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

– Utilizar as diferentes linguagens (verbal e não-verbal) para produzir, expressar e usufruir às produções culturais, em contextos variados, atendendo a diferentes intenções de comunicação;

– Mostrar e oferecer oportunidades para escrever, ler e falar fluentemente a língua prática, dominando com certa segurança o sistema linguístico, bem como a norma culta da língua portuguesa, tornando a comunicação pessoal mais abrangente e dinâmica;

– Estimular o ouvir como forma de prestar mais atenção ao falar e possibilitar ao educando o acesso à variedade padrão da língua a fim de que possa se expressar com mais segurança;

– Possibilitar ao aluno: ler com fluência (boa dicção e entonação), exercitar a pontuação, identificar e utilizar os variados termos das classes de palavras, grafar corretamente as letras e fonemas e saber usar o dicionário;

– Fazer com que o aluno não construa sua identidade, mas perceba esta e seja capaz de formular e reformular valores e conceitos em uma constante transformação em busca de um crescimento intelectual e pessoal através de questionamentos, leituras, interpretações de textos, debates, contando ainda com a interdisciplinaridade.

CONTEÚDOS:

Leitura e interpretação:

– Textos narrativos: tipos de narrador, estrutura da narrativa, elementos da narrativa, conotação e denotação, narrativa ficcional e não ficcional; gêneros textuais: autobiografia, fábulas, contos, poemas, telas, mapa, tabela, catálogo, programa de espetáculo; informações explícitas e implícitas; o fazer poético: musicalidade e ritmo, estrofe e parágrafo;

Gramática:

→ Tonicidade; acentuação gráfica; pontuação; classes gramaticais: substantivo, verbo (presente, pretérito e futuro), adjetivo, locução adjetiva, artigo, numeral, pronome e advérbio; ortografia: más/ mas e mais, mal/ mau, uso do porquê, c/ç/z (final); emprego do senão; ampliação do vocabulário (uso do dicionário); frase, oração e período; concordância verbal e nominal; repetição, prefixos e sufixos.

ESTRATÉGIAS:

→ Aulas expositivas; textos e interpretações (análise, estudo e diálogo com o textos);

- Discussão de ideias;
- Pesquisa em jornais, revistas e dicionários;
- Leitura de textos de diversos gêneros;
- Produção de textos, cartazes, trabalhos dirigidos (individual e em grupo);
- Dinâmicas em grupo;
- Utilização do laboratório de informática;
- Recuperação paralela e avaliações.

AVALIAÇÃO:

Ocorrerá durante todo o processo de realização das atividades que serão:

- Avaliações escritas;
- Avaliação integrada (tarefas, assiduidade, participação, interação);
- Produção textual, com momentos de avaliação coletiva e individual;
- Oportunizar, sempre que necessários, momentos de recuperação paralela.

BIBLIOGRAFIA:

BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; BORGATTO, Ana Maria Trinconi; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. Tudo é linguagem. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

GRANATIC, Branca. Técnicas básicas de redação. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2000.

GUSMÃO, Tatiane Cristina; FREANDA, Perla; SOUSA, Grasielle Silva. Educação de Jovens e Adultos, 6º ao 9º ano do ensino fundamental. 2ª ed. São Paulo: IBEP, 2009.

MARIANO, Elizabeth Griff. Gramática: 1º grau. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

RYAN, Maria Aparecida Florence Cerquera. Conjugação dos Verbos em Português, *Prático e eficiente*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

Anexo B - Termos de Compromisso de Estágio Obrigatório



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 356432

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Geraldo Anderson Silva, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Stefany Bueno Miguel, CPF 067.866.249-52, telefone 47-99344667, e-mail stefanybueno@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 7292039 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina MEN7001. | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) CEM Maria Iracema Martins de Andrade, de 09/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Karla Parmigiani. | Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo: conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 356432

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

- Discussão de questões de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa visando à elaboração de propostas de trabalho para atuação em escolas de ensino fundamental (6º ao 9º ano); - Visita à escola; - Aproximação da instituição do ensino; - Observação de aulas e acompanhamento da rotina escolar do professor regente da turma; - Elaboração do relatório do estágio de observação; - Planejamento: elaboração de projeto de trabalho e planos de aula para a docência em sala de aula; - Planejamento: elaboração de projeto de trabalho para atividades extraclasses; - Execução dos projetos de trabalho (docência em sala de aula e atividades extraclasses); - Elaboração do Relatório de Estágio; - Avaliação dos resultados; - Socialização dos resultados.

Local e Data:

Florianópolis, 30 de agosto de 2011

Stefany Bueno Miguel
Stefany Bueno Miguel - Estagiário

Geraldo Anderson Silva - Representante na CONCEDENTE

Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC
Diva Zandomenego
Subcoordenadora do Curso de Graduação
Letras Português

Maria Izabel De Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Karla Parmigiani - Supervisora do Estágio
Karla Parmigiani - Supervisora do Estágio

TCE Nº 356432 - Gerado pelo SIARE em 30/08/2011 às 16:55:35 hs.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 356742

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Geraldo Anderson Silva, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Ana Cristina Nunes Gomes Müller, CPF 047.303.009-80, telefone 4884711210, e-mail aninha_gomes1985@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 8174802 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina men7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) CEM Maria Iracema Martins de Andrade, de 09/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Karla Parmigiani.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 356742

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Atividades desenvolvidas: - Discussão de questões de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa visando à elaboração de propostas de trabalho para atuação em escolas de ensino fundamental (6º ao 9º ano); - Visita à escola; - Observação de aulas e acompanhamento da rotina escolar do professor regente da turma; - Avaliação do Estágio; - Elaboração do relatório do estágio de observação; - Planejamento; elaboração de projeto de trabalho e planos de aula para a docência em sala de aula; - Planejamento; elaboração de projeto de trabalho para atividades extraclasse; - Execução dos projetos de trabalho (docência em sala de aula e atividades extraclasse); - Elaboração do Relatório de Estágio; - Socialização dos resultados na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 06 de setembro de 2011.

Ana Cristina Nunes Gomes Müller
Ana Cristina Nunes Gomes Müller - Estagiário

Geraldo Anderson Silva - Representante na CONCEDENTE

Diva Zandomenego
Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC
em Letras Português
CCE/UFSC

Maria Izabel De Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Karla Parmigiani Pereira
Karla Parmigiani - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 356742 - Gerado pelo SIARE em 31/08/2011 às 10:34:47 hs.

Anexo C - Fichas de frequência



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Escola: C.E.M. Professora Maria Graema Martins de Andrade
Turma: 5º ano do ensino fundamental EJA - Noturno
Professor(a): Karla Parmiziani
Estagiário(a): Ana Beatriz Nunes Gomes Müller
Período de observação total: 30/08/2011 a 13/09/2011

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	30/08	18:50	Produção Textual	Karla Parmiziani Pereira
Aula 2	30/08	21:00	Reflexões sobre memórias de infância	Karla Parmiziani Pereira
Aula 3	30/08	21:40	Reflexões sobre memórias de infância	Karla Parmiziani Pereira
Aula 4	06/09	18:50	Exercícios do livro música "Cacado, de mim"	Karla Parmiziani Pereira
Aula 5	06/09	21:00	//	Karla Parmiziani Pereira
Aula 6	06/09	21:40	//	Karla Parmiziani Pereira
Aula 7	09/09	19:30	Regras do uso de "ç" e "c"	Karla Parmiziani Pereira
Aula 8	09/09	20:20	Regras do uso de "z" e "s"	Karla Parmiziani Pereira
Aula 9	13/09	18:50	Escrita dos textos A hora da estufa	Karla Parmiziani Pereira
Aula 10	13/09	21:00	//	Karla Parmiziani Pereira

Rute da Silva
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: C.E.M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Turma: 6º ano do ensino fundamental EJA - Noturno
Professor(a): Karla Parmigiani
Estagiário(a): Stefany Bueno miguel
Período de observação total: 30/08/2011 a 13/09/2011

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	30/08/11	18:50	Produção Textual	Karla Parmigiani Pereira
Aula 2	30/08/11	21:00	Reflexões sobre memórias da infância	Karla Parmigiani Pereira
Aula 3	30/08/11	21:40	=	Karla Parmigiani Pereira
Aula 4	06/09/11	18:50	Exercícios do livro música = Cadebr de mim	Karla Parmigiani Pereira
Aula 5	06/09/11	21:00	=	Karla Parmigiani Pereira
Aula 6	06/09/11	21:40	=	Karla Parmigiani Pereira
Aula 7	09/09/11	19:30	Regras de uso de "c" e "ç"	Karla Parmigiani Pereira
Aula 8	09/09/11	20:20	Regras de uso de "z" e "s"	Karla Parmigiani Pereira
Aula 9	13/09/11	18:50	Leitura de trechos da	Karla Parmigiani Pereira
Aula 10	13/09/11	21:00	"Hora da Estrela"	Karla Parmigiani Pereira

Rute da Silva
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Anexo D - Convites para as oficinas

Disponível na versão impressa

Anexo E - Apostila EJA

Disponível na versão impressa